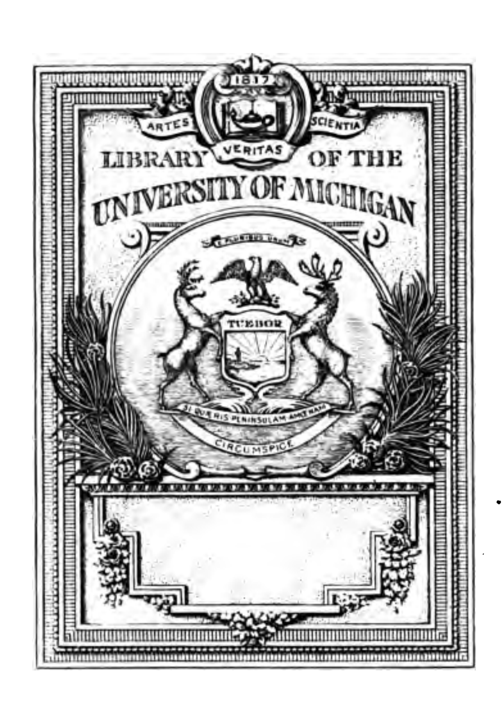


869.8
B734pn
A 466302 DUPL


1817
ARTES
SCIENTIA
VERITAS
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE





Euston -- 240 l. -

Vale — 6,00 l.

POESIAS LYRICAS.

POESIAS LYRICAS

DE

FRANCISCO DE BORJA GARCAÕ STOCKLER,

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, TENENTE-GENERAL DOS SEUS EXERCITOS, COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO; SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBÔA, DA SOCIEDADE REAL DE LONDRES, E DA SOCIEDADE PHILOSOPHICA DE PHILADELPHIA, &c.



Londres:

IMPRESSO POR T. C. HANSARD, PETERBOROUGH COURT, FLEET STREET.

1821.

POESIAS LYRICAS.

LIVRO I.

Das Odes.

ODE 1ª.

Ao Senʳ Antonio Pereira de Souza Caldas, *sobre o Amor, considerado como Principio e Esteio da Ordem Social.*

NAÕ foram, cáro Souza, as lyras de ouro
De Orpheo, e de Amphion, que os Leoens bravos,
E os indómitos Tigres amansando,
As Cidades fundaram.
Embora finjaõ mentirosos Vates
Que, as torcidas raizes desprendendo
As árvores annosas, que os penêdos
Após elles correram.

Tu, só tu, puro Amor, despir podeste
Da estúpida bruteza a Humana Especie;
Só tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos Humanos.
Sem ti, insociaveis viveriam
Nas escarpadas serras embrenhados,
Ou nos sombrios verdenegros bosques,
Em pasmada tristeza.
As fugitivas horas passariam
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estimulo da fome
Lhes espantasse o somno.
Os singélos prazeres da Amizade,
Prazeres suavissimos, só dados
Aos peitos generosos e sensiveis,
Provar naõ poderiam.
As Sciencias, as Artes, sepultadas
No seio da Ignorancia inda jazêram;
Que, inerte e frouxo, a nada se atrevêra
Hum peito enregelado.
As bellas Marcias, as gentis Lycores,
Em vaõ dos vivos olhos fuzilaram
Accêsos raios, com que audaz fulminas
Rebeldes esquivanças.
Suas vermelhas engraçadas bocas
Em vaõ meigos sorrizos soltariam
Tingindo as juvenis mimosas faces
De pudibundas rozas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada movêr os peitos poderia
        Dos animados troncos.
Dos rizos e das Graças rodeada,
Venus com farta maõ naõ derramára
Em seus rusticos leitos brandas flores,
        Flores que tu só colhes.
O gosto de abraçar a cára Espôza,
De se vêr renascêr nos doces Filhos,
De educar cidadoens, nutrir virtudes,
        Coitados ! naõ sentiram.
Vira-se em breve, c'o volver dos annos,
Ermo de nôvo o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda Terra
        Outros homens brotassem.
Ah ! crê-me, Souza, Amor, Amor somente
A vasta Natureza vivifica ;
Amor nossos prazeres todos gerá ;
        Nossos males adoça.
O Soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expôr a vida
Em defensa da Patria, ameaçada
        De inimigas Phalanges ;
Depois de havêr sofrido longas marchas
Por áridos sertoens, por frias serras,
Arrastrando cançado os cávos bronzes
        Nas pezadas carretas :

Depois de ouvir nas hórridas batalhas
Troando a furiosa artilheria,
Pelos áres silvar os férreos globos,
Que a morte envôltà levam :
Depois de vêr os rápidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos cahidos Guerreiros, que em vaõ pedem
Vigança ou piedade :
Entre os braços da tímida Donzéla,
Que Amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da Guerra sanguinosa.
O misero Cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna Terra
Faz abrolhar os preciosos fructos,
Que a vida nos sustentam ;
Ou já sôfra no frigido Janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sôpros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O regelado Nordeste ;
Ou já suporte no calmoso Estio
Do abrazado Suaõ o ardente bafo,
Em quanto o louro trigo attento esbulha
Nas eiras escalvadas ;
Apenas desenvolve o denso manto
Sobre a face da Terra a Noite amiga,
E o repouzo procura aos lassos membros
Na rústica morada ;

Vendo a fiel Consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sahe, e o cáro Filho,
Que, largando da Mãy o doce peito,
Lhe estende os ternos braços;
Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto Amor no coraçaõ lhe entorna,
Contente já da sua humilde sorte,
Bemdiz a Providencia.
Assim, oh Souza, na fiel balança,
Onde a Razaõ os bens e os máles péza,
Se vê que sem Amor a vida humana
Seria insuportavel.



ODE 2.ª

Ao Exmo Snr Mathias Jose' Dias Azedo, *sobre a Felicidade da Vida.*

O VELOZ Tempo, sem cessar batendo
As longas azas, tambem traz ao Mundo,
Entre funestos amargosos dias,
Dias alegres.
Nem sempre sôam nos profundos valles
Medonhos brados de trovões horriveis,
Os negros ares trémulos rasgando
Rôxos coriscos.
Tambem da Terra doura a curva face
O Sol brilhante: com sonoros sôpros
Menêa os ramos dos copados Freixos
Brando Favonio.
A creadôra Primavéra amena
Ségue-se ao frio pluvial Inverno,
Coalhando os prádos, que crestára o gêlo,
De lindas flôres.
Entaõ as Ninfas, e as modestas Graças,
Seguindo a Venus em ligeiros Córos,
Co' as leves plantas oprimindo a terra,
Dançam contentes;

Em quanto malham na árida officina,
O rubro férro denegridos Brontes,
Saltando aos áres com medonho estálo
Claras centelhas:
Porem volvendo os apressados mezes,
Outra vêz torna o desabrido Inverno,
Cobrindo o cume dos erguidos montes
De humida névoa.
Nada no mundo permanencia guarda;
Tudo se acaba, meu querido Amintas;
E ninguem pode dos passados annos
Dispôr de nôvo.
Agora, agora, he que gozar devemos
Dos sãos prazeres, da Alegria amavel.
Olha que o fùzo de girar naõ cessam
As impias Parcas.
As bellas graças da primeira idade
Vôam mais leves que o ligeiro Nóto;
E a enrugada trémula Velhice
Lá nos espéra.
De Gnido a Deosa, o fundador de Niza,
Todos os Deoses, ao prazer se entregam:
Feliz na terra só chamar-se deve
Quem vive alégre.
De que aproveita essa moral austera
Do celebrado Pórtico de Athenas,
Se os seus Cleanthos, e Platoens divinos,
Pállidos gemem?

Depois que a feia macilenta Morte
Cortar a fio de teus bellos dias ;
Depois que o justo inexoravel Minos
Dér a sentença ;
Nem as riquezas, nem mundanas honras,
Nem as sciencias, poderaõ livrar-te
Das negras margens do profundo Averno,
Reino das sombras.
Thezêo naõ poude das prizoens Lethêas
Soltar Pirithoo, nem ao bello Adonis :
Dá nova vida com seu terno pranto
Venus formosa.



ODE 3ª.

A' Vida Retirada.

OH mil vezes ditoso o que, apartado
Dos cuidados do Mundo,
O doce fructo goza de uma vida
Na solidaõ passada!
Ali naõ lhe interrompe o brando somno
O estrondoso ruido
Dos bellicos tambores; antes dorme
Nos braços reclinado
Do inalteravel plácido socêgo;
E satisfeito acorda
Quando a rozada Aurora no orizonte
Doura as cinzentas nuvens.
Da san Philosophia as leis seguindo,
Que a Razaõ socegada
Mil vezes lhe dictára, olha as vaidades
Do Mundo com desprezo.
A orgulhosa Soberba, a vil Cobiça,
O peito naõ lhe abálam.
Naõ fazem que pertenda que temerario
Rompêr os brávos máres,
Por ir cavar d'America grosseira
Nos sertoens dilatados

O fulgente metal, que o Mundo préza,
Expondo a doce vida,
No espesso máto, ás mosqueadas Onças,
A's Cobras venenosas.
Da voluvel Fortuna a variedade
Constante naõ receia.
Afastado da Côrte, naõ perfuma
Com cheirosos aromas
Os nefandos altares da Lizonja.
Naõ teme o desagrado
Do Principe illudido pelos falsos
Invejosos Valídos.
Os meios de agradar-lhe naõ estuda;
Pois naõ aspira a honras
Que sordidas intrigas só conseguem:
E generoso e nobre,
Invencivel horrôr consagra á torpe
Fatal venalidade,
De altivos peitos inimiga acerba.
Em próspero socego
Vive na pobre Aldêa retirado,
Ou já nos verdes bosques
Sentado á sombra das copadas Faias,
Ouvindo a voz canóra
Dos pintados alegres passarinhos;
Ou junto á mansa Fonte,
Que em tortuosos giros se derrama
Por entre nuas fragas,

Escutando o murmurio sonoroso,
Que a clara veia forma.
Ali o naõ perturba a Ira ardente,
Nem languida Tristeza :
As grandezas, que os Homens tanto estimam,
O mando, as dignidades,
Com coraçaõ magnanimo despréza :
E até da fria Morte
Espera o fatal golpe com sereno
Intrépido semblante.
Temor nenhum seu animo contrasta :
Pois tu, oh Razaõ pura,
Impávida Virtude, tu lhe animas
O peito generoso.

ODE 4 a.

Aos Annos de uma Senhora.

EM triunfal Carroça conduzido
  Entre globos de estrêllas scintilantes,
  Vejo um soberbo Moço, a cujo lado
      Eburnea aljava pende.
De fúlgidos diamantes guarnecida,
  Nella embebidas traz agudas sétas,
  Com pontas de ouro fino, e empennadas
      Com plumas de mil côres.
Na esquerda maõ temivel arco empunha:
  Cinge-lhe a testa festival Corôa
  De rôxos lirios, e purpureas rozas,
      Com mirtho entretecidas.
Duas candidas azas sobre os hombros
  Servem de adorno ao delicado côrpo,
  Cujo resto despido ao rigôr duro
      Do Tempo expôsto mostra.
De mizeros mortaes immensa turba
  Em pezadas cadeias manietados,
  Sangue vertendo dos rasgados peitos,
      O Regio Carro cercam.

Alígeros Soldados, cujas armas
  Saõ as do moço Rey, que os manda e guia,
  Seu triunfante séquito, ordenados
    Em fileiras, augmentam.
He Amor, he Amor, gentil Marilia,
  Que em magestosa pompa humilde culto
  Vem tributar á tua gentileza
    Em taõ festivo dia.
Já curvando o joelho te offerece
  Os troféos de seu braço, e as finas armas,
  A cujos subtis golpes naõ ha peito
    Que impenetravel seja.
Prudentes Sabios, férvidos Guerreiros,
  Todos a seu poder sujeitos vivem :
  Os Achilles, os Sócrates, sentiram
    Em seu fogo abrazar-se.
Mas naõ he só o Deos dos amadores
  Quem te tributa alégre honrosos cultos ;
  Tambem as gentis Graças dons festivos
    Contentes te dedicam.
A bella Aglaya, e as Irmans formosas,
  Que em recíproco abraço unidas vivem,
  Seus puros dotes liberaes espalham
    No teu gentil semblante.
As claras Ninfas do cerúleo Tejo,
  Sahindo do seu leito algoso e frio,
  Ordenadas em Córos vem seguindo
    A Espoza de Neptuno.

Grinaldas mil de pérolas lustrosas
  Trazem nas alvas maõs para adornar-te
  O cabello ondeado, o niveo collo,
    O levantado seio.
Só eu naõ posso, em taõ ditoso dia,
  Digna offerta fazêr-te, que igual seja
  Aos méritos sublimes que te adornam,
    Ao fogo que me abraza.
Mas já que me prohibe a sorte ingrata
  Meus altivos dezejos fazer vêr-te;
  Já que o mando de Imperios dilatados
    Offertar-te naõ posso;
Aceita um coraçaõ, que no meu peito,
  Antes que Amor te désse as rijas setas,
  Já teus olhos gentis tinham ferido,
    Já conquistado tinham.
Um coraçaõ, que nada mais dezéja
  Que vêr-se ao teu ligado em firmes laços.
  Oh! praza ao cégo Deos, que ambos unidos
    Nas suas châmas ardam!
Porem já me parece que rizonha
  O angélico semblante a mim voltando,
  Com ternura me dizes que te he grato
    Meu fiel rendimento.
Ah! naõ desmintas taõ gostosa imagem:
  Assim permitta o Céo, piedoso e justo,
  Que a teus annos os Astros luminosos
    Teçam dourados dias.

ODE 5ª.

A' mesma Senhora, em um dia de grande chuva.

LEVES correndo dos Euros túrbidos
As densas nuvens nas azas tremulas,
Contra mim conjuradas
Saltam correntes líquidas.
Astro perverso de meu horóscopo
Na hora infausta prezidio trágico,
Tecendo a minha sorte
De desgraças horríficas.
Tudo, Marilia, persegue um mísero
Que por ti morre de Amor insólito:
Tudo me impede vêr-te;
Tudo me obriga a lagrimas.
Amo-te, he certo, com fé purissima:
Mas em amar-te do infeliz Tantalo
Padeço a dura pena,
Sinto os desejos férvidos.
Elle cercado, no horrendo Tartaro,
De claras agoas, de ferteis arvores,
Naõ pode os lindos pomos
Tocar c'os dentes ávidos.

Eu cá na terra constante amando-te,
Quazi padeço sorte mais bárbara;
    Pois té me foge a dita
    De vêr teu rosto plácido.
Elle dos olhos ao menos gosa-se;
Mas eu um gosto naõ tenho unico:
    Só penosas tristezas
    Vem combater meu animo.
A cada passo encontro um émulo,
Que á minha gloria põe mil obstaculos:
    Nos mesmos Elementos
    Acho contrarios rígidos.
Do amante peito suspiros intimos
Saudoso aos ares lanço frenético,
    Anhelando ancioso
    Vêr teu semblante angélico.
Porem a tudo resisto impávido,
De que me queres entaõ lembrando-me:
    Oh! que doce lembrança,
    Que dá valôr intrépido!
De Ursos medonhos, Tigres indómitos,
Leoens ferozes, Serpentes Lybicas,
    Conhecendo me estimas,
    Naõ temo, naõ, os impetos.
Até contente na hora ultima
O fatal golpe da Morte pállida
    Sofrerei, se constante
    Fôr nosso Amor reciproco.

ODE 6ª.

Aos Annos da mesma Senhora a quem foram dirigidas as duas Odes antecedentes.

APENAS hoje o luminoso Phebo
O rosto de mil raios
No vermelho horizonte levantava,
Amor na ruiva praia
Do prateado Téjo aparecia
Guiando immensa chusma
De inquietos lindissimos Amores,
Que, lédos e contentes,
Pela arenosa margem se espalhavam,
Nas vizinhas Florestas
Huns apanhavam os cheirosos goivos,
E o gracioso mirtho,
De que os torcidos arcos enramavam:
Outros as finas sétas,
Que nas aureas aljavas reteniam,
Pelos nodosos troncos
Dos levantados Chopos já provavam.
Mas tanto que Amor ergue

A meiga e brandà voz, a que se abalam
Até as duras penhas,
Os alados Frecheiros promptos correm,
E atentos o rodeiam.
Entaõ, com lédo mas terrivel gesto,
Alçando a maõ potente,
Onde a farpada ponta scintillava,
Sizudo lhes dizia:
" Soberbos Companheiros, essas armas
" Que os peitos traspassaram
" Dos Achilles coléricos, dos sabios
" Cautelosos Ulysses,
" Para heroicas emprezas rezervadas,
" Quero que hoje se empreguem
" Na acçaõ mais gloriosa ao meu Imperio;
" Sobre as azas do Tempo,
" Traz hoje a Sol dourado o claro dia,
" O dia venturoso
" Da formosa Marilia: sim, foi hoje
" Que em seu gentil semblante
" Raiou a clara luz da formosura.
" As celestes Virtudes,
" As bellissimas Graças, á porfia,
" As perfeiçoens lhe augmentam.
" Crescem, co' a idade, em seus formosos olhos
" Modestos atractivos,
" Que os coraçoens mais duros amolecem;
" Que os sentidos enleiam.

" Hé justo pois que taõ ditoso dia
" Com illustres victorias
" De nossas armas seja assignalado.
" Os mortaes atrevidos,
" Que nescios imàginam têr nascido
" Da escravidaõ izentos
" Que ao Impèrio de Amor tributa humilde
" A fraca Humanidade ;
" Próvem os subtis golpes penetrantes
" De nossos passadores.
" Ligados em durissimas algemas,
" Humilhados arrastrem
" Como captivos os grilhoens pezados.
" Em vivo fôgo accezos
" Os peitos sintam, vendo aquelles olhos,
" Aquelles lindos olhos
" A cuja vista o mesmo Amor se rende.
" Conheçam, sim, conheçam
" O invencivel poder da gentileza."
Disse, e no mesmo instante,
Ás estridentes sétas sacudidas
Dos constrangidos arcos,
Em densa nuvem desferidas vôam,
Os ares açoitando.
Eis de uma e de outra parte já se escutam
Dos mizeros Amantes
Os tristes ais, os férvidos suspiros.
Já sobre a liza areia,

Em negro sangue tintos, palpitando,
Mil coraçoens feridos,
Mil fumantes entranhas, se devizam.
Entaõ o cégo Nume,
Do cruento triunfo satisfeito,
Em alta voz exclama :
" Adoravel Marilia, o Céo permita
" Que mil vêzes contente
" Este prospero dia nascêr vejas,
" Cheio de immensa gloria,
" De estrêllas coroado e de fortunas ;
" Assim como o vêz cheio
" Dos suspiros, das lagrimas ardentes,
" Que já por ti derramam
" As victimas que Amor te sacrifica,
" Amor, que ha o teu nome
" De eternizar nos Séculos futuros."
Isto dizendo, aos ares,
As azas despregando, se abalança ;
E repetindo ufano
O nome de Marilia, pouco a pouco,
Entre as nuvens se esconde.

ODE 7ª.

A uma Senhora que, vendo-me enfermo, me benzêo de Quebranto.

BELLA MARCIA, já dou as maõs, já cêdo
Da falsa opiniaõ, que tanto tempo
Incrédulo seguí, nunca temendo
Dolorosos Quebrantos.
Com dura experiencia, o desengano
Bem cáro me custára, se naõ fôra
A viva, ardente fé, com que imploraste
O alivio de meus máles.
Jamais pensei que da nefária Circe
Os prestigios se fossem transmitindo
A' sua infame vil posteridade
Por tartarea virtude.
Supersticioso embuste, ultimo azylo
De encanecidas enrugadas Velhas,
Que as bandeiras venaes da tôrpe Venus
Inválidas largaram,
Eu os pactos julguei, julguei os filtros,
Com que destras Saganas restituem
A crédulas Donzellas os agrados
De inconstantes Mancebos.

Mas agóra já vejo, á minha custa,
Que outros mais execrandos fundamentos
Servem de esteio a seus perversos erros,
Nunca em rigôr punidos.
Quem me déra saber qual impia Maga
Cruentos óvos, sepulchraes raizes,
Entre a Colchica flamma arremeçando,
Meu mal urdio raivosa:
Que eu te juro que naõ lhe aproveitassem
Os ossos a esfaimados Caens roubados,
Nem os corruptos sangues peçonhentos
Dos Sapos asquerosos.
Que o Deos intonso, que esclarece o día,
Quando o estro me inflamma, as rijas setas,
Com que aterrou a Pythica Serpente,
Tambem nas maõs me entrega.
Já dos hombros me pende o aureo côldre:
Já o torcido arco a esquerda empunha:
Cinjo as armas de Apollo: o mesmo Jove
Eu combater ouzára.
Mas onde me arrebato? . . . Sim, oh Marcia,
Se eu soubera qual impia Feiticeira
O Quebranto fatal, com maõ traidora,
Derramou na minha alma;
Vibrando irado as Apollineas flechas,
Contra ella mil tiros desferira,
Mais terriveis que os tiros, com que Horacio
Canidia fulminára.

N'alma feroz a infame provaria
  Furia igual á do pérfido Lycambes,
  Quando á morte o arrastra a Muza irada
    Do desprezado Genro.
Porem já que empregar dentro em seu peito
  Naõ posso o ardente raio da vingança,
  A maõ que me livrou da dôr perversa
    Beijarei reverente.
Mil sinaes mostrarei de agradecido
  Se o tempo m'o permite, e a Sorte ingrata;
  E no entanto conhece, amavel Marcia,
    Que te respeito e amo.
E se naõ fosse a parda maõ da Noite,
  Que em trévas já me envolve, inda cantára
  Teu bello rosto, teu piedoso peito,
    Tua virtude rára.
Mas o Delphico Deos, que com seus raios
  Fatidico furôr me accende n'alma,
  Quando de Thetys desce ao molle seio,
    Em mim seu fôgo extingue.



ODE 8.ª

A meus Irmaõs, em o duodecimo dia anniversario da morte de nossa Mãy, a SENHORA D. MARGARIDA JOZEFA RITA D'ORGIER GARÇAÕ DE CARVALHO.

COM que sinaes de vivo sentimento,
Com que lágrimas tristes,
Cáros Irmaõs, o penetrante gólpe
Que vibrou deshumana
Em nossos coraçoens a dura Parca,
Cortando a doce vida
De nossa Mãy, neste funesto dia,
Lamentar poderemos?
Que suspiros, que lagrimas, que prantos,
De nós naõ pede o nome
Dulcissimo de Mãy, e o puro extremo
D'aquelle Amor ardente,
Com que, da Natureza a voz seguindo,
Os maternos devêres
Cumpria, sempre meiga e carinhosa?
Que continuos desvélos

Lhe naõ devémos na primeira idade !
Que sustos, que cuidados,
Seu terno coraçaõ naõ combatiam,
Se nos nossos semblantes
A mais ligeira sombra divizava
De pállida doença ?
Com que prudencia soube em nossas almas
Derramar cautelosa
Da virtude as benéficas sementes !
Com que destreza e arte
Previnia solícita o perverso
Contagioso exemplo
Da estólida servil malignidade,
Que indiscreta corrompe
A infantil innocencia, e lhe prepára
De longe mil pezares ! . . .
Mas que horrivel aspecto se me off'rece !
Que doloroso quadro
A viva fantazia me aprezenta !
Parece-me que a vejo
N'aquella fatal hora, ultima hora
Em que foi de nós vista,
Pállido o rosto, nos quebrados olhos
Mil lagrimas pulando,
Suspiros a suspiros succedendo,
Que do intimo arrancava
Do angusto peito naõ o horrôr da morte,
Mas sim a dôr intensa

De perder a gostosa companhia
    Do adorado Espôzo;
De deixar na mais fraca e tenra idade
    Os Filhos innocentes.
Nos braços, onde trémulas pulsavam
    Já as debeis artérias,
Ora a huns ora ao outro recebendo,
    A todos igualmente
Despendendo ternissimos afagos ! . .
    Funesta despedida ! . . .
Parece-me que entaõ . . . Oh Céos piedosos !
    Eu referir naõ posso
Taõ deploravel lastimosa scena !
    A mais acerba mágoa
O coraçaõ me oprime, se pondéro
    N'aquelle horrivel lance,
N'aquelle fatal lance, em que perdido
    Já o lume dos olhos,
Sem ordem arquejando o erguido peito,
    Do quazi immovel côrpo
Rôta a occulta uniaõ, se desligasse
    O generoso espirito.
Ah ! . . . em vaõ deploramos nossa perda !
    A Morte as altas Torres
Piza igualmente que as humildes Choças ;
    E o Deos do Estygio Lago,
Do sonoreso Orphêo ás doces vozes
    Naõ cede enternecido.

Perdemos, sim, perdemos para sempre
    Hum bem, que a Lei austera
Da estavel Natureza naõ consente
    Que jamais recobrémos.
E pois que em ricas Urnas sumptuosas
    As suas frias cinzas,
Rociadas de nosso amargo pranto,
    Conservar naõ podemos;
Com saudosas lagrimas, ao menos,
    Com férvidos suspiros,
Seu nome, e nossa perda, memoremos:
    E neste triste dia
De verde mirtho, de cheirosas flôres,
    Hum tumulo lhe ergamos,
Que a imaginaçaõ, nossa estimulando,
    Avive em nossos peitos
A doce saudade, o doce resto
    Que d'ella conservamos.
Oh saudade! oh puro sentimento!
    Mistura inexplicavel
De ternura, de amor, e de tristeza!
    Triste de quem naõ sente
Entre as pungentes mágoas, que te cercam,
    Suavissima doçura.

ODE 9ª.

A' Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa de Vimeiro, Dona Tereza Breiner, *enviando-lhe a copia de minhas primeiras composiçoens poeticas, que S. Exª me mandára pedir.*

Se dezejas, formosa illustre Breiner,
A armonia escutar da doce Lyra,
Que ha pouco em minhas maõs as castas Muzas
Benignas entregáram ;
Detem-te um pouco ; espera ; naõ, naõ leias
As humildes Cançoens, que Amor insano,
Usurpando de Apollo o dom recente,
Inspirou na minha alma.
Deixa que já robusto experto Vate,
Da sonora Calliope influido,
Celebrar ouze, em magestoso métro,
Assumpto mais sublime ;
Os inclitos Heroes, que ennobrecêram
Com firmes peitos tua clara Estirpe,
Guarnecendo de grevas, e de arnezes,
Os Templos de Mavorte.

Entaõ aos limpos Astros remontado,
Naõ em Côrvo fatal, como até agora,
Mas em canoro Cisne convertido,
Cantarei docemente.
Ao Mundo mostrarei os grandes feitos
Dos de Nathafth, e Breiner, dignos Condes,
Que nas láminas claras da Memoria
Seus nomes tem gravado.
Soberbos Cavalleiros valorosos,
Que na fria Germania á guerra uzada,
Os êlmos reluzentes, finas malhas
Intrepidos vestiram.
Que do Danubio as congeladas agoas,
Por defendêr o Imperio, rociaram
Com seu valente esclarecido sangue,
Que impávidos verteram.
Cantarei dos Menezes, e dos Telles,
Que tanto a amada Patria engrandeceram,
Em toda a parte, aonde as Lusas Quinas
Guerreiras tremolaram.
Dos Telles, a quem Marte a espada entrega,
Fatal aos inimigos; a quem Pallas
De louro e murta mil corôas tece,
Para as frentes cingir-lhes.
Dos Menezes robustos, que incansaveis
Nas bellicas fadigas sempre fôram;
Que fizeram as armas Portuguezas
No Mundo respeitadas.

Quem naõ vê inda scintillar a gloria
  Que o grande Dom Luiz, da Maura gente,
  Tangere forte governando, alcança
    Nos campos de Ampelusa ?
Ah ! que Ceuta, e Arzila, de horrôr cheias,
  Inda nos pulsos denegridos mostram
  Os sinaes das cadêas vergonhosas
    Que os braços lhes prenderam.
Pois do gentil Henrique, que victorias,
  Que valorosos feitos, nos naõ conta
  A honrosa tradicçaõ, que assombra a Morte,
    Que o voraz Tempo doma ?
Diga-o a Regiaõ que o Indo lava,
  Do seu justo Govêrno inda saudosa ;
  Que ella vio fulminar a ardente espada
    A maõ nunca vencida.
Ella vio ir fendendo as Lusas Quilhas
  As humidas espadoas de Neptuno,
  Que curvadas gemiám com o pêzo
    Do inclito Guerreiro.
Vio de Panane os fortes baluartes
  N'um instante forçados e desfeitos ;
  E os habitantes, pávidos fugindo,
    Largar os curvos arcos.
Vio Coulete soberba convertida
  Em vermelhas ardentes labaredas,
  Que na robusta maõ accêzo facho
    Em torno lhe largára.

Vio o Çamorim fero, que cercava
A forte Calecut, pôsto em fugida
Lógo ao primeiro impulso de seu braço,
A vencêr costumado:
E as já dispersas tímidas Phalanges
Do Musulmano audaz, desordenadas,
Atónitas cedendo o campo e a gloria
Ao Luso valoroso.
Mas taõ grandes Heroes ainda cantando,
E outros que á Lei da Morte se izentaram,
De minha voz, Senhora, os mais sonoros
Accentos naõ ouviras.
Se escutálos pertendes, deixa; deixa,
Que eu cante de teu peito, illustre e sabio,
As constantes, as inclitas virtudes,
Que todos respeitamos.
Entaõ nenhuma inveja as aureas Lyras
De Orphêo, e de Amphion, me cauzariam
Pois o sublime assumpto do meu canto
Mais alto me elevára.
Ah! se acazo esta honra me consentes,
Da inexoravel Morte a curva foice
Impávido verei ante meus olhos
Brilhar no fatal dia.
Debalde intentará do Esquecimento
No lethargico somno sepultar-me:
Inda vive Virgilio, ainda Horacio,
Ainda Homero vive.

Todo naõ morrerei: os brandos versos
Que ao teu louvor dedico, á Eternidade
Haõ-de illezos chegar, que o Tempo e o Fado
Respeitaraõ teu nome.



ODE 10.ª

A' imitaçaõ da Ode de Sapho.

Πρὸς γυναῖκα ἐρωμένην.

QUANDO, Anarda gentil, pulsando a Lyra,
A doce voz desatas,
Que os féros Tigres amansar podera:
Quando os travessos olhos
Meiga revolves, e que em mim os fitas
Com gesto enternecido:
Quando na linda boca raiar deixas
Engraçados sorrizos,
Que incautos me annunciam mil venturas
A que aspirar naõ ouzo:
Naõ sei que estranho devorante fogo
Pelas veias me corre.
O coraçaõ palpita, a luz dos olhos
Parece que me foge.
Atónito desmaio: mal respiro:
E em ternura desfeito,
Dentro em mim mesmo exclamo: oh mil mil vezes
Amante venturoso

Que has-de, em seu brando seio reclinado,
    Gozar o prazer puro
De ouvi-la, ao som da Cythara sonora,
    Modular docemente
Armoniosos namorados versos,
    Por Amor inspirados!
Que has-de sentir pular-lhe o terno peito,
    E respirar gostoso
Seu hálito divino: que enlaçado
    Em seus mimosos braços,
Has-de, o seu lindo gesto contemplando,
    Provar o fôgo activo,
Que de seus olhos aos meus olhos passa,
    E o coraçaõ me inflamma!
Que em amôr e ternura entaõ absorto,
    Has-de, assim como eu sinto,
Sentir desfalecêr-te; e que anhelante,
    Convulso, extaziado,
Has-de beber o doce e puro nectar,
    Que Amor, com maõ escassa,
Nas flores derramou que elle só colhe!
    Que sorte mais ditosa
Podem ter do que tu no Olympo os Deoses?
    Quanto, quanto te invejo,
Venturoso mortal!... oh Ceos!... Anarda,
    E has-de sêr d'outro?... Eu morro.

ODE 11ª.

A' Chaga.

TRISTE, viçosa Chaga,
Que as magoas dos Amantes reprezentas,
Tu és fiel retrato da minha alma ;
Tu no meu peito existes.

Anarda, Anarda bella,
Com delicada maõ do tenro tronco
Te colheo graciosa, e com astucia
Te collocou no seio :

N'aquelle gentil seio,
Que Amôr arredondou com maõ mimosa :
N'aquelle branco seio, aonde as Graças
Apinhadas habitam.

Por entre o véo ligeiro,
Que em vaõ pertende aos olhos meus furtálas,
Eu as vejo soprar a viva chamma,
Em que abrazar me sinto.

Que mortal venturoso
Gozará como tu a doce sorte
De vêr-se meigamente unido ao seio
Da sem igual Anarda ?

Que tropel fervoroso
De encendidos dezejos as entranhas
Lhe naõ abrazará, ao vêr de perto
Teus amaveis encantos !

Com que furia nas veias
Lhe correrá o sangue ! . . . Ah ! com que furia
O terno coraçaõ dentro no peito
Lhe pulará contente !

Amorosos delirios,
Naõ em sombra fantastica pintados,
Mas ao vivo em mil gostos repetidos
Occuparaõ sua alma.

N'ella Amor carinhoso
Derramará mil vividas doçuras,
Doçuras que no Olympo os mesmos Deoses
Provar jamais poderam.

Mas já que o Fado injusto
Para mim tanta dita naõ rezerva ;
Já que infaustos presagios me annunciam
Ser vaõs os meus suspiros ;

Recebe, oh Flôr mimosa,
Tu, os doces sinaes da paixaõ viva,
Dos ardentes dezejos, que me inflammam,
Que em mim Anarda accende.

Este amoroso beijo,
Que em ti convulso e delirante imprimo,
Compassiva recebe; e se algum dia
Anarda por ventura

A sua gentil boca
Benigna ati chegar, tu lhe transmite
Hum raio, ao menos, do terrivel fôgo,
Que em meus labios provaste.

ODE 12.ª

O Amor Vingado.

QUE he isto, Amor tyranno, inda pertendes,
Outra vêz illudir-me? ...
Queres de nôvo vêr nas tuas Aras
Meu sangue derramado?
Queres ouvir os mízeros suspiros
Que ouviste já mil vêzes,
De meu peito innocente aos Ceos subindo,
Retumbar do teu Templo
Nas douradas abóbadas, aonde
Em vaõ os brados soam
Dos queixosos Amantes, que provaram
Os teus terriveis golpes?
Pertendes que outra vêz ao fogo ardente
Da tua infausta Pyra
O meu coraçaõ sirva de alimento?
Em vaõ, em vaõ te canças.
Que premio deste aos férvidos cuidados,
A' ternura, aos desvélos,
Com que tratei a pérfida Marilia?
Seus fingidos agrados

Cuidas que foram justa recompensa
De meu amôr constante?
Ou julgas-me taõ nescio, que naõ saiba
Conhêcer os teus laços,
Para d'elles fugir, para esquivar-me
A teus ardis cruentos? . . .
Assim, Anarda bella, eu respondia
Ao travesso Cupido,
Que maligno ante mim se aprezentava
Sem facho, sem aljava,
Sem árco, sem farpoens plácido e meigo,
Com o dedo apontando
Para os teus engraçados lindos olhos,
Que astuto me mostrava
Em ledo Côro de formosas Ninfas,
Entre as quaes reluzia,
Como o Sol entre as nitidas estrêllas,
O teu gentil semblante.
Mas o feroz Menino estimulado
De minha audaz resposta,
Jura, em cólera accêzo, que ao seu jugo
Ha-de outra vêz dobrar-me:
Que as rôxas cicatrizes das feridas
Que em meu peito fizera,
Ha-de de nôvo abrir; que ha-de rasgar-me,
Com mil ervadas setas,
O terno coraçaõ, que tu dominas,
E eu defender naõ pude.

Triste de mim, que os féros ameaços
De sua infida bôca
Incauto reputei taõ vaõs e falsos
Como às suas promessas;
E naõ guarneci lógo o debil peito
De impenetravel aço
Contra os golpes fataes, que vingativo
Cruel premeditava!
Em quanto sem receio o Moço inerme
Insano assim desprézo,
Elle na mente cálida revolve
Altivos pensamentos;
E com arte subtil dissimulado,
Ardiloso excogita
Nova occulta cilada, e me aparêlha
Inevitavel laço.
De teus olhos gentis ao doce encanto,
Aos meigos atractivos
De teu formoso gesto, cauteloso
Nôvo prestigio ajunta.
Do loiro Apollo a Cythara sonora
Nas mãos te depozita.
Em amoroso filtro astuto banha
O Plectro de ouro fino:
E em teus mimosos delicados dedos
Nova destreza infunde.
Na tua voz angélica derrama
Doçura inexplicavel.

Com seu divinal bafo, elle te aquece
    A rica fantazia.
Novas modulaçoens, novas cadencias,
    Armonico te inspira.
Oh prodigio!...oh assombro!...Livre e izento,
    Quem escutar podéra
Da tua voz divina os namorados
    Suavissimos gorgeios!
Vêr de teus olhos languidos o meigo
    Quebrado movimento!...
Amoroso delirio, em quanto absorto
    Enlevado te escuto,
De minha alma innocente se apodéra.
    Ao sacro-santo Olympo
Transportado me julgo. Alado Genio,
    De graça mais que humana,
Rizonho em aurea taça me aprezenta
    Doce estranha bebida.
A celeste ambrozia me parece
    Provar de Jove á meza.
Eis de repente hum fôgo devorante
    As entranhas me abraza.
Pelas veias o mágico veneno
    Mais veloz se diffunde
Que electrica faisca desprendida
    De Batavo aparêlho.
Do fraudulento Amôr entaõ conheço
    A insidiosa astucia.

De affavel Genio as aparencias despe;
    Descoberto se mostra,
Naõ já benigno e meigo como d'antes
    Inerme o tenro Infante;
Mas robusto Mancebo, vivo fôgo
    Dos olhos fuzilando.
Na maõ potente, em vêz de leves setas,
    Igneos raios brandindo,
Que huns após outros sobre mim desfere.
    Atónito, aterrado,
Debalde ao féro Amor fugir intento.
    O claraõ fulgurante
De seus funestos raios me deslumbra.
    Só de teus lindos olhos
A luz resplandecente vêr me deixa.
    D'ella guiado côrro,
E em teus mimosos braços anhelante
    Sem acôrdo me arrójo.
Nelles, com brando gesto, compassiva,
    Carinhosa me apertas.
Mas ah! que em vêz do doce lenitivo,
    Que ancioso procuro,
Só sinto redobrar a chamma activa,
    Que o coraçaõ me abraza.
Inextinguivel fôgo me consome:
    Vingou-se Amor, vingou-se.
Sujeito para sempre ao seu Imperio
    Rendido me confesso.

ODE 13.ª

Ao Senhor Dom Joaquim Bernardo da Silva Mendoça e Moura, *em o dia dos Annos de sua Irmaã a* Senhora D. Ignez Getrudes de Mendoça e Moura, *depois minha Mulher.*

Amada Lyra, a cujo som divino
Já suspirei mil versos namorados,
Quando em meu coraçaõ a voraz chamma
Do cégo Amôr ardia;
Consente que outra vêz meu doce canto
Teus sonoros accentos acompanhem;
Eu te juro que mais os naõ profane
O nome de huma Ingrata.
Nunca mais de Marilia deshumana
Celebrarei a infausta formozura;
Morrerá nos meus versos, assim como
Já morreo no meu peito.
Só de Nize gentil, em cujos olhos,
Entre as graças da candida Innocencia,
Resplandecem de huma alma virtuosa
Os raios luminosos;

Da tua amavel Nize, cáro Moura,
   Cantarei os encantos, e as virtudes,
   E neste dia ás nitidas estrêllas
      Levantarei seu nome.
Quero que chegue aos Seculos futuros,
   Naõ cercado de raios fulminantes,
   Mas de meigos suspiros, brandas queixas,
      Ternissimas saudades.
Phébo, das castas Muzas rodeado,
   Me está, em tom fatidico, dizendo
   Que meus canóros versos seraõ lidos
      Nas vindouras idades.
Meus versos pintaraõ seus lindos olhos,
   Volvendo-se com languida ternura,
   Os pungentes farpoens de Amor cravando
      Nos coraçoens sensiveis.
Sua boca gentil, purpureos beiços,
   Onde affaveis sorrizos engraçados
   De quando em quando raiam, já soltando
      Anciosos suspiros:
Seu niveo collo, seu mimoso seio,
   Pouzo suave das rizonhas Graças,
   Accendendo dezejos insofridos,
      Que o respeito reprime.
Impio respeito, que com maõ iniqua,
   Nos mais sensiveis virtuosos peitos,
   Innocentes purissimos amôres
      Tantas vêzes suffocas!

Longe, longe de nós, cruel tyranno
  Da doce propensaõ que as almas une,
  Generosa paixaõ, unico esteio
    Da fragil Natureza.
Perdôa, Nize, se deliro e érro:
  Quiz celebrar o venturoso dia,
  Que vio raiar em teu sereno gesto
    A' luz da formosura;
Mas Apollo fugio-me; e Amor insano,
  Que desde a infancia na minha alma impéra,
  He quem me fere as cordas da aurea Lyra,
    Que Amor somente sôa.



ODE 14.ª

Ao Ill.mo Senhor Antonio Ribeiro dos Santos, *em resposta á que elle me dirigio, animando-me a cultivar a Poezia, que havia mais de dezaseis annos que abandonára.*

QUEM, illustre Ribeiro, quando feres
Com destra maõ a Cythara sonora,
Poderá rezistir de teus accentos
Ao mágico prestigio?
Hum Vate naõ és só, que, pelas Muzas
Docemente inspirado, ao som da Lyra
Armonicos conceitos modulando,
Os homens arrebatas.
Es nôvo Apollo, que, de luz immensa
A frente coroada, desferindo
Do árco invicto abrazadoras sétas,
Estro sublime excitas.
Ah! que eu já sinto no gelado seio
Atear-se de nôvo a viva chamma,
Que de Agyêo formoso o raio puro
N'elle outr'ora accendêra.

Flamma divina a espirito alumia:
Suave sopro de hálito celeste
A cinza afasta, que abafado tinha
O fatidico lume.
Já sobre as azas nitidas librado,
Novo Cisne Dirceo, ufano sulco
A ignota regiaõ, onde fulgentes
Immensos Soes scintillam.
Mas ah! que a mente pávida vacilla;
Pasma; esmorece; o rumo naõ acerta
Por onde o vôo audaz aos Céos dirija,
E apar de ti me eleve.
Vejo-te... sim... he certo: naõ me engana
Fantastica illuzaõ, douto Ribeiro,
Acima das estrêllas entre os genios,
Que a Humana Raça illustram.
A tua voz distinguo, que sonora
Pelo espaço sem termo se diffunde,
E nos Orbes que doura o rôxo Phebo
Hrmonica resôa:
Mas que vale escutar teu doce canto,
Ver teu semblante ledo e radioso
Sobre os Astros erguido, se me ofusca
A viva luz que esparges?
Mais facil he marcar o eterno giro
Aos luminosos Globos que tu pizas;
Descobrir suas leis, e sujeitálas
A calculo precizo:

Ou decompôr com transparente prisma
Do loiro Sol a coma rutilante
Nas côres naturaes, com que formosa
Iris no ar se ostenta.
Seguir de Newton o atrevido vôo
Ouzáram novos filhos de Urania,
E seu rasto trilhando, collocar-se
A par delle poderam.
Vós, sabio de la Grange, Euler profundo,
D'Alembert perspicaz, subtil Bernoulli,
Preclaro de la Place, émulos dignos
Sois do immortal Britano.
Mas o Cisne Beocio, abrindo as azas,
Taõ alto se elevou no claro Olympo,
Que assento singular ainda occupa
Junto aos Deoses supremos.

ODE 15ª.

Traducçaõ da Ode 1ª do Livre 1º das Odes de HORACIO.

CLARO Mecenas, descendente illustre
De Avós em cujas veias
Circulou Real Sangue, meu amparo,
E minha doce gloria:
A alguns agrada a rápida Carroça,
Entre enroladas nuvens
De denso pó, fazêr girar no campo
Dos Olympicos Jogos;
E se as fèrvidas rodas naõ tocaram
A méta abalizada,
Se a coróa ganharam, naõ duvidam
Aos Deoses igualar-se.
Ainda que offereças as immensas
Atálicas riquezas
A aquélle a quem a multidaõ mudavel
Dos Quirites pertende
Elevar ás tres honras mais sublimes,
Ou áquelle que folga

De abrir a terra c'o luzente arado
E nos celeiros guarda
O graõ nas eiras Lybicas varrido,
Naõ farás que atrevido,
Entregue ao Cyprio lenho, as ondas sulque
Do proceloso Myrtoo.
O Mercador medroso entaõ lamenta
O plácido socêgo
De uma vida campestre, quando o rijo
Africo enfurecido
Revolve as ondas do soberbo Icario:
Mas apenas aferra
O suspirado porto, o destroçado
Baixel logo aparelha
Com temôr da mizérrima indigencia.
Aquelle que só ama
As delicias de Baccho, recostado
A' sombra deleitosa
De um Alemo frondoso; ou de um torcido
Vagaroso regato
Junto á sagrada fonte, passa o dia
Quazi todo bebendo
O Massico licor espiritoso.
Outros somente gostam
D'ouvir o rouco som dos estrondosos
Instrumentos da Guerra,
E dos combates hórridos, que as ternas
Aflictas Mãis detestam.

O destro Caçador exposto ao tempo
As frias noites passa
Da Consorte adoravel esquecido,
Só porque vêr dezeja
Os Sabujos fieis corrêr latindo
Atraz da leve Corsa,
Ou o Marso Javali nas fórtes malhas
Das rêdes embrulhado.
Ati de Hera frondente as verdes c'rôas,
Com que os Vates premeias,
Entre os Deoses celestes te misturam.
Eu porem se me empresta
A clara Euterpe a sonorosa Frauta,
E se o Lesbico Plectro
Polyhymnia afinar-me naõ recuza,
Cantando os verdes bosques,
E os leves córos das formosas Nynfas,
E Satyros campestres,
D' entre o vulgo profano me separo.
Mas se tu me concedes
De Lyrico Poeta a honrosa insignia
Elevando-me aos ares,
Tocarei com a fronte sublimada
As nitidas estrêllas.

ODE 16ª.

Traducçaõ da Ode 13ª do Livro 1º das Odes de HORACIO.

INFELIZ Náo, já novas ondas tornam
A lançar-te no pégo embravecido!
Ah! que fazes?...Aferra,
Aferra o manso pôrto.

Naõ vês já sem remeiros os teus bancos?
Naõ vês que o rôto mastro, que as antenas,
Gemem do Africo irado
Aos furiosos sopros?

Naõ ves que, de breada enxarcia faltos,
Naõ podem rezistir os curvos Lenhos
A' denodada furia
Dos mares procellosos?

O teu vellame está despedaçado:
Deoses naõ tens a que outra vêz recorras,
Quando entre as soltas vagas
Sossobrada te vires.

Inda que és fabricada de robustos
Pinhos nascidos nos antigos bosques
    Da Regiaõ famosa
    Do Asiatico Ponto;

Em vaõ te jactas d'essa nobre origem,
E d'esse inutil nome; nas pintadas
    Poupas nada confia
    O pávido Piloto.

Acautela-te pois, senaõ dos ventos
Inconstantes serás triste ludibrio.
    Tu, que foste outro tempo
    Minha aversaõ e tédio,

E és hoje o meu desvélo, e o meu cuidado,
Evita, ah!... sim, evita as crespas agoas
    Que entre as resplandecentes
    Cycladas se derramam.



ODE 17ª.

Traducçaõ da Ode 2ª de GRAY.

Na Morte de uma Gata valida, que se afogou em um Vazo de Peixes encarnados.

NA erguida borda de espaçoso vazo,
Que a destra maõ do industrioso China
De vivo azul pintára, e de mimosas
Flôres mil esmaltára;
Pensativa Selima, a mais prevista
Da cautelosa raça, que se veste
De variegada pelle, se inclinava,
Fitando os olhos n'agoa.
Sua cauda inquieta patentêa
O gosto com que vê na clara linfa
O redondo focinho, as niveâs barbas,
As veludosas patas.
Rosnava de prazer, notando as côres
Da tartaruga no lustroso pêllo,
Vendo os luzentes olhos de esmeralda,
De azeviche as orelhas.

Quando enlevada estava em contemplar-se,
  Duas formas angelicas, os genios
  Deste pequeno mar, á sua vista
    Nadando se aprezentam.
A Tyria côr da pelle, recamada
  De lustrosas escamas, viva ostenta,
  Por entre a rica purpura luzente,
    Aureo esplendor brilhante.
Cheia de pasmo, a desgraçada Ninfa,
  De vívidos dezejos agitada,
  A'vida um' ora avança os alvos dentes,
    Outr'ora a curva garra.
Sempre a prêza lhe foge, que em vaõ busca.
  Mas qual femineo peito pode ao oiro
  Constante resistir? Qual Gato pode
    Naõ cobiçar o peixe?
De nôvo a temeraria estende incauta,
  Com olho atento, as encurvadas garras;
  De nôvo curva o corpo, mas naõ méde
    O pélago, que a illude.
Sorri-se o Fado adverso, que a persegue:
  Escorregam-lhe os pés na liza borda,
  E no fundo do vazo cahe sem tino,
    Precipitada a triste.
Oito vêzes, surgindo á tona d'agoa,
  Miou, pedindo com ferventes rogós
  A's Deidades undivagas que promptas
    A soccorrê-la voem.

Nem Delfins, nem Nereidas, a escutaram ;
  Nem o cruel Thomaz, nem mesmo a leve
  Suzana : que um valido na desgraça
    Naõ tem, naõ tem Amigos.
Aprendei, oh Bellezas indiscretas,
  De Selima infeliz quanta cautéla
  Deveis de têr em vós : que um passo errado
    He sempre sem remedio.
Nem tudo quanto agrada a vossos olhos,
  Nem quanto atrahe um coraçaõ incauto,
  He digno de se amar : nem tudo, oh Bellas,
    Quanto reluz he oiro.



ODE 18.ª

Ou seja Hymno *a nossa* Senhora da Oliveira, *para ser cantado na Festa de um Regimento de Infanteria do Alemtejo.*

Ave, escolhida Virgem bella e pura,
Purpurea Roza em Jericó plantada:
Verde Oliveira, symbulo ditoso
Da paz serena.
Tu, que pizaste da Serpente astuta
A venenosa túmida garganta:
Tu, que fizeste que do Céo de bronze
Chovêsse o Justo:
Tu purifica com accezas brazas,
Qual o alado Espirito celeste
A de Isaias, minha tosca e rude
Lingoa profana.
Cantar pertendo, na toante Lyra,
Teu santo nome, teu louvôr sagrado,
Os dons propicios que benigna espalhas
Na Lusa Terra.

Tu nos quebraste os afrontosos ferros,
  Em que gememos cruelmente atados,
  Em quanto o Sceptro Portuguez esteve
    Nas maõs Ibéras.
Depois que os rudes Africanos bravos
  Nas Tingitanas férvidas arêas,
  Em sangue tintas, as sagradas Quinas
    Aos pés pizaram,
O patrio Tejo lastimado via
  Nas êrmas práias da Agarena costa,
  Alvos montões dos insepultos ossos
    Dos cáros Filhos.
Eis que talando nossos livres campos,
  Os Andaluzes Capitaens ligaram
  Em duros férros os valentes braços
    Que antes temiam.
Por doze lustros sobre as altas torres
  Seus Estandartes tremolar se viram;
  E as Lusitanas bellicas insignias
    No chaõ prostradas.
Mas naõ podendo seus crueis insultos
  Sofrêr mais tempo os afligidos Povos,
  Ante os Altares, teu soccorro imploram,
    Teu nome invocam.
Benigna oúviste seus instantes rógos:
  Tu inflammaste os generosos peitos
  Aos Varoens fortes de alta gloria dignos,
    De nome eterno.

Nas Transtaganas escalvadas Terras,
Oh ! quantas vêzes os virentes louros
De porfiadas béllicas victorias,
Lhes concedeste !
Té que seguro o Lusitano Imperio
Dos vaõs esforços da soberba Hespanha,
Baixar fizeste lá do Ceó sereno
A paz dourada.
A paz dourada, que aos Guerreiros bravos
Das maõs tirando as sanguinosas armas,
Faz ondear nos dilatados campos
As louras messes.
Oh piedosa, oh singular Maria,
Por tantos dons, por beneficios tantos,
Que honrosos cultos, que festivos Hymnos,
Te naõ devemos !
Sim, Virgem pura, graças te rendemos ;
E humildemente no teu santo Templo
As nossas armas, nossas mesmas vidas,
Te dedicamos.



LIVRO II.

Dos Psalmos.

Discurso sobre a Lingoa e a Poezia Hebraica.

QUE o Livro dos Psalmos, vulgarmente chamados de David, he uma Collecçaõ de Canticos sagrados, que nas Festividades Religiosas dos Hebreos se cantavam no Templo do Senhor ao som de diversos Instrumentos muzicos, da maior parte dos quaes apenas conhecemos hoje os nomes; he uma verdade em que todos os Expozitores, Interpretes, e Paraphrazeadores da Biblia se acham de accordo. Porem se estes Canticos saõ verdadeiras compoziçoens rhythmicas, ou meros discursos prosaicos, em que os Córos dos Levitas exprimiam ao grande Jeheovah as preces que o Povo lhe fazia, os louvores que lhe tributava, ou as acçoens de graças, que lhe rendia; he materia ainda hoje controvertida, e de mui dificil dilucidaçaõ.

A lingoagem Hebraica, em que se acham escriptos todos os Livros do antigo Testamento, ou ella seja a mesma que falaram Moyses, Josué, David, Salomaõ, e todos os outros Autores, que compozeram ou verteram no indicádo idioma aquelles Livros, ou seja, como he mais provavel, a lingoagem a que Esdras os reduzio, quando depois do ultimo cativeiro de Babilonia foi encarregado de os compilar e ordenar, he verdadeiramante uma Lingoa morta, a qual ha muitos seculos naõ he falada por Povo algum, e cuja verdadeira pronunciaçaõ passou a ser desconhecida até dos proprios descendentes d'aquelles que a falaram.

He comtudo verosimil que ella fosse uma Lingoa sillabica, quero dizer, uma Lingoa cujos vocabulos fossem compostos de sillabas longas, breves, e communs, como a Grega, e como a Latina. Porem ou a sua imperfeiçaõ foi sempre tal, que nunca possuhio os caracteres precizos para sobre elles se fundarem regras, que dessem a conhecer a quantidade das suas sillabas, ou estas mesmas regras cahiram em taõ perfeito esquecimento, e os seus principios eram taõ reconditos, que nunca mais foi possivel encontrar vestigios d'elles capazes de encaminhar os Philologos a descobrilos de nôvo.

He certo que apezar de existirem taes regras na Prosodia das Lingoas Grega e Latina, nós naõ sabemos hoje, que diferença punham estas duas Naçoens na pronunciaçaõ das trez especies de sillabas,

de que constavam todas as suas palavras; mas entretanto sabemos que havia estas trez especies de sillabas, e que sobre ellas se fundava a armonia, e o rhythmo d'aquellas Lingoas; e ainda agora nos achamos habilitados para distinguir por meio das regras da sua Prosodia os diversos metros, que o seu rhythmo admitia, e sabemos quaes destes metros os seus Poetas julgaram mais apropriados aos diversos assumptos que trataram.

Suposto porem que nada disto saibamos a respeito da Lingoa Hebraica, e ainda mesmo dando por certo, que jamais aquelles que a falaram, chegassem a conhecer nella especie alguma de rhythmo perfeito, sempre podemos afirmar com grande probabilidade, que ella era uma Lingoa sillabica; naõ só porque os seus Canticos *Sir* ou *Mizmor*, *Hymnos* ou *Psalmos*, quer elles fossem mêtricos quer prosaicos, admitiam o acompanhamento da Muzica, e se combinavam com a Dansa, o que presupoem a capacidade de sujeitar os accentos da voz, e a sua successaõ pelo menos a uma *toáda* ou *psalmodia*, como ainda hoje se uza em nossos Templos, e a uma cadencia ou compasso indispensavel na Dansa; mas porque a natureza mesma da lingoagem vocal exige que quanto menos perfeito he um idioma, tanto mais distincta seja a pronunciaçaõ dos seus vocabulos, ou tanto mais bem marcado seja o tempo durante o qual deve fazer-

se sentir o som predominante em cada uma das sillabas de que elles saõ compostos.

Ora os sons semelhantes, ou elles sejam simpleces ou sejam compostos dos mesmos elementos pela mesma ordem dispostos, naõ podem distinguir-se entre si senaõ pelos seus diversos tons, e pela sua diferente duraçaõ; e por consequencia as sillabas semelhantes que entram na compoziçaõ das palavras de qualquer Lingoa, só podem diferençar-se pela sua agudeza ou gravidade, e pela maior ou menor velocidade da pronunciaçaõ. Mas a relaçaõ dos tons ou dos diversos gráos de agudeza da voz, que he o que propriamente chamamos accentos, naõ sendo taõ facil de perceber como a relaçaõ dos tempos, ou da duraçaõ das vozes, principalmente quando esta relaçaõ he exprimida por algum dos numeros 1, 2, 3, 4; ou 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$, he natural que a distincçaõ das sillabas em todas as Lingoas no seu primordial estado se fundasse na duraçaõ da sua pronuncia, ou na sua quantidade, e que por consequencia todas as Lingoas fossem originalmente sillabicas.

Mas o conhecimento da relaçaõ dos tempos exige a determinaçaõ de hum tempo fundamental, que regule o andamento da voz no discurso, e ao qual se reporte a duraçaõ da pronuncia de cada sillaba, afim de que possa formar-se conceito da sua quantidade.

Este tempo, bem que arbitrario, deve sêr maior

ou menor segundo a natureza do objecto de cada discurso. Nos discursos tristes, lamentativos, ou chorosos, o estado do animo fazendo que a successaõ das idêas seja lenta, determina naturalmente a pessôa que fala a exprimir-se com lentidaõ. Nos discursos sobre objectos graves, ou sobre assumptos didaticos, em que as paixoens do animo naõ tem logar, a necessidade de dar tempo ao espirito dos ouvintes para pezarem a força das expressoens, e para atenderem devidamente ás ideas que por ellas se exprimem, determina a pessoa que fala a naõ precipitar a pronunciaçaõ afim de poder fazer-se entender. Porem nos assumptos alegres, ou que presupoem paixoens vivas ou vehementes, o animo naturalmente agitado, naõ sofrendo demora nas ideas, tambem naõ pode consentila nas palavras; e d'aqui vem que o andamento do discurso devendo sêr mais rápido, o compasso ou tempo que regula esse andamento deve tambem ser de menor extensaõ.

Se estes principios saõ certos, como me persuado, he claro que todas as Lingoas no seu primordial estado foram muzicaes; ou que a lingoagem vocal era huma rigorosa cantoria, ou hum continuado recitativo mais ou menos bem medido ou compassado segundo o estado de maior ou menor perfeiçaõ de cada Lingoa, e mais ou menos velozmente executado segundo a natureza dos assumptos. Porem crescendo com o volver dos annos o numero das ideas, e multi-

plicando-se as occazioens que deviam dar nascimento aos sentimentos e ás paixoens, ainda que os homens naõ tardassem em conhecer a necessidade de novas palavras para exprimir essas novas ideas, sentimentos ou paixoens, a necessidade ainda mais urgente de se fazerem immediatamente entender, os devia levar a fazer uzo das antigas e já conhecidas palavras, servindo-se de preferencia d'aquellas cuja significaçaõ tivesse mais analogia com os objectos que de nôvo pertendessem exprimir, e modificando-as na sua pronunciaçaõ com diversas inflexoens de voz segundo os sentimentos ou as paixoens de que se achassem agitados.

D'aqui veio sem duvida o uzo da Onomatopea: a lingoagem demonstrativa ou o emprego das vozes no discurso combinadas com os gestos: a invençaõ dos Tropos: a hypothiposis, ou o uzo das imagens: n'uma palavra toda a lingoagem figurada, e as varias modificaçoens dos accentos ou inflexoens da voz, que combinadas com o métro ou compasso formaram o rhythmo, e deram origem á Poezia, á Mimica, e á Muzica.

Todas as Lingoas foram portanto Muzicaes, Mimicas e Poeticas, durante hum certo tempo maior ou menor segundo as circunstancias, porque todas foram pobres antes de serem ricas: todas precizaram ajudar-se dos gestos ou lingoagem de acçaõ: todas se viram obrigadas a variar os accentos ou tons

de suas sillabas: e todas foram necessitadas a fixar praticamente a relaçaõ dos tempos empregados na pronunciaçaõ d'ellas, sujeitando-as a hum compasso mais ou menos extenso que regulasse o andamento da voz ou da cantoria.

Mas nem as diversas inflexoens ou accentos da voz, nem o andamento da pronunciaçaõ, ou a escôlha do tempo fundamental, a que a duraçaõ dos diversos sons ou sillabas se reporta, tem dependencia absoluta da significaçaõ das palavras, nem da simplicidade ou decompoziçaõ das sillabas; nem taõ pouco da sua articulaçaõ: e portanto he claro que o nosso espirito pode dar attençaõ aos sons, á duraçaõ de cada hum, á sua agudeza ou gravidade, e ao tempo que regula o andamento da pronunciaçaõ ou cantoria sem atender á simplicidade ou compoziçaõ dos mesmos sons ou sillabas, nem aos gestos que acompanham a pronunciaçaõ das palavras, nem á significaçaõ d'estas: d'onde se segue que a Muzica naõ he senaõ huma abstracçaõ da lingoagem vocal, que reunindo todos os sinaes ou meios por esta empregados para indicar os diversos conceitos, sentimentos e paixoens do espirito, he apta para exprimir todas as modificaçoens da nossa alma, e por consequencia para excitar ou moderar todos os sentimentos, afectos, e paixoens.

Mas deixando de proseguir neste pensamento, que continuado degeneraria em digressaõ, cumpre que observemos, que dos principios até aqui expostos se

deduz que devendo todas as Lingoas no seu primordial estado ser muzicaes, todas deviam ser indispensavelmente sillabicas; e que portanto naõ pode haver razaõ alguma para considerar a Lingoa Hebraica izenta desta Lei universal.

He certo que a necessidade de variar as inflexoens da voz para exprimir os sentimentos e as paixoens do animo, sendo repetida, o habito de as escutar, e de experimentar os seus maravilhosos effeitos devia pouco a pouco facilitar a sua perfeita distincçaõ; e que os homens depois de perceberem e fixarem a quantidade das sillabas, e o compasso que devia regular o andamento da pronunciaçaõ, necessariamente deviam começar a sentir a suavidade ou o desagrado da successaõ dos accentos, e a reconhecer portanto nas suas relaçoens os principios da melodia, de cuja combinaçaõ com o metro devia rezultar o rhythmo, ou melodia compassada, em que propriamente consiste o verso armonioso.

D'aqui se segue que as Lingoas na ordem natural do seu aperfeiçoamento devem de sillabicas passar a melodiosas, isto he, devem passar a Lingoas juntamente sillabicas e accentuadas como a Grega.* Se

* Aqui cumpre notar que o accento de que falo naõ he o accento prosodico, ou o som que chamamos aberto, fechado, ou mudo, das vogaes *a*, *e*; *o*: se por ventura cada hum d'elles naõ he uma vogal distincta, cujo sinal falta em o nosso Alfabeto, e que supprimos com

a Hebraica chegou jamais a este gráo de perfeiçaõ he muito de duvidar; pelo menos o seu modo de escriptura sem vogaes ou sem caracteres reprezentativos das unicas letras em cuja pronunciaçaõ podem ter logar

---

os accentos ortographicos postos sobre as trez indicadas vogaes; he o accento muzico, he aquella inflexaõ ou modificaçaõ da voz com que os nossos sentimentos, dôces ou brandos, ásperos, ou desabridos, imprimem o seu caracter nos sons que articulamos, e cuja diversidade pode até certo ponto ser marcada ou medida na escála dos tons muzicaes: he n'uma palavra aquelle accento que os Gregos conheceram melhor do que nenhuma outra Naçaõ, e cujas diferenças quanto á sua maior ou menor agudeza elles marcavam na elevaçaõ ou depressaõ dos tons da voz taõ precizamente quanto Dionizio de Halicarnasso nos deu a conhecer, dizendo-nos que a elevaçaõ do tom no accento agudo, e a sua depressaõ no accento grave, era exactamente uma quinta. Eu confesso que naõ comprehendo bem o rigoroso sentido das expressoens d'este Escriptor; por quanto ellas me deixam em duvida se a quinta era a diferença entre os dois accentos grave e agudo, ou se cada um d'elles diferia uma quinta de um tom medio, ou natural, que servia de termo de comparaçaõ. Mas ou de um ou de outro modo, sempre he igualmente certo, que os accentos da Lingoa Grega eram accentos verdadeiramente muzicaes: o que lhe dava uma grande ventagem sobre todas as outras Lingoas, e explica naõ só a razaõ porque os Gregos chamavam Cantos as suas compoziçoens poeticas, á excepçaõ das Dramaticas, mas porque na generalidade da significaçaõ da palavra Muzica comprehendiam tambem a Poezia.

Entretanto cumpre notar, que as diferenças das inflexoens da voz, ou dos accentos proprios das diversas paixoens, sentimentos, ou meras afecçoens do animo estaõ mui longe de póder ser rigorosamente medidas pelas diferenças dos tons muzicaes. Nas nossas

os accentos ou tons, e a demora da voz, assaz indica, que os Hebreos naõ somente naõ tinham conhecimento da melodia da lingoagem vocal, mas que naõ tiveram rigorosa idea de metrificaçaõ, quero dizer,

---

Lingoas actuaes, fálo das Europeas de que tenho algum conhecimento, os accentos proprios de cada paixaõ suposto naõ possam exprimir-se na escripta, nem marcar-se na escala da Muzica, exprimem-se perfeitamente na pronunciaçaõ: tanto assim que até no recitativo, e mesmo na cantoria, quem he capaz de penetrar-se dos sentimentos que a Muzica exprime, distingue perfeitamente entre dois muzicos a quem ouvio recitar ou cantar a mesma compoziçaõ pathetica, qual d'elles a executou mais perfeitamente dando á sua voz as inflexoens ou modificaçoens mais proprias da paixaõ que na mesma compoziçaõ se tinha em vista excitar ou reprezentar; e isto sem que nenhum d'elles desafinasse ou deixasse de bem expressar uma só nóta de muzica. Ha portanto um modo de expressaõ, accento, ou inflexaõ de voz proprio de cada paixaõ, o qual tem logar tanto na Prosa como na Poezia, tanto no discurso pronunciado como no discurso recitado ou cantado: e que por isso mesmo se vê que naõ he nem pode ser sujeito a uma medida preciza tirada da escala dos tons muzicaes. Poderaõ dizer-me que este genero de accento he da competencia da Arte declamatoria, e naõ da Muzica. Naõ duvido . . . Mas isso mesmo prova que elle existe. Entretanto he certo que as Lingoas modernas destituidas do accento muzical da Lingoa Grega saõ menos armonicas, ou por melhor dizer, menos melodiosas do que ella, e por consequencia menos proprias para a Poezia; e d'aqui procede, que os Povos que as falam naõ tem a mesma facilidade, que tinham os Gregos, de excitar com a recitaçaõ dos seus Poemas o pasmo, a admiraçaõ, e todas as outras paixoens do animo nas pessoas que os escutavam. Homero ganhava a sua vida recitando, ou antes cantando pelas Cidades da

que esta imperfeiçaõ da sua escripta torna mui verosimil a conjectura de que elles apezar de haverem conhecido a necessidade de fixar hum tempo fundamental para regularem a demora conveniente da voz

---

Grecia, os diversos Livros ou Cántos da Illiada e da Odissea. Camoens ou Milton, ainda com a voz de um Gissielj ou de um Perili, naõ poderiam tirar igual ventagem da recitaçaõ dos seus Poemas, quando no seu talento poetico procurassem recurso contra a pobreza.

Talvez me arredo muito do assumpto; porem uma Nota he um agregado de ideas que se ajuntam por apenso ao discurso principal, por naõ caberem bem nelle: e por isso, e porque a minha idade já me naõ promete muito tempo para escrever nem para arranjar pensamentos, naõ devo ser escrupuloso em acrescentar aqui uma reflexaõ, que sendo-me excitada neste momento pelo objecto que estou tratando, naõ pode ser com elle absolutamente desconexa. Ha sem duvida na constituiçaõ mecanica das Lingoas principios muito alheios de todo o genero de accentos, os quaes influem grandemente na sua maior ou menor aptidaõ para exprimir certos afectos, e paixoens, e que quanto a mim constituem, rigorosamente falando, a indole de cada uma d'ellas. Naõ he menos certo que nas Lingoas modernas ha uma especie de melodia que provem da successaõ das vogaes; e uma suavidade ou aspereza em suas palavras, que procede do numero e mistura das consoantes. D'estes dois principios se pode derivar, segundo entendo, a razaõ porque a Lingoa Italiana, e depois d'ella a Portugueza saõ as mais melodiosas de todas as Lingoas Europeas; as mais aptas para a Poezia, e as que melhor se prestam á cantoria. Será por ventura d'estes mesmos principios que se deriva a maior ou menor facilidade da expressaõ dos diversos generos de afectos e paixoens? Naõ seria um Problema digno de ser proposto aos Philologos que se deleitam em

na pronunciaçaõ das sillabas longas e breves, naõ conheceram comtudo que das diferentes combinaçoens d'estas sillabas podiam rezultar diversas cadencias, que ordenadamente repetidas, bem que variadamente combinadas, facilitassem a compoziçaõ de discursos divididos em porçoens de medida regular proporcionada ao alcance do nosso halito, e por consequencia mais facil de sujeitar-se na cantoria ás entoaçoens e compasso da Muzica.

A toáda ou psalmodia de que os Judeos ainda uzam em seus *Psalmos* ou *Mizmores*, e que a mistura dos ritos Judaicos com os do Christianismo no primeiro Seculo da Igreja Catholica fez transcendente aos Canticos Eclesiasticos, que d'elles adoptamos, he outra prova de que elles naõ possuiram regras de metrificaçaõ, nem por consequencia conheceram rhythmo perfeito.

A imperfeiçaõ da sua Gramatica, pelo que respeita á parte mecanica da lingoagem, concorre a dar força a esta conjectura. Os seus nomes substantivos sem plural os obrigavam a suprir esta falta pela repetiçaõ dos mesmos nomes: a escassez dos seus adjectivos;

---

aplicar a Philosophia especulativa á lingoagem vocal "indagar quaes saõ os principios mecanicos de que as Lingoas derivam a sua indole: e que gráo de influencia tem o mecanismo do discurso, ou seja prosaico ou poetico, sobre os efeitos que devem produzir nos animos as ideas, ou sentimentos, e as paixoens expressadas nos mesmos discursos?

a falta absoluta de comparativos e superlativos; os seus verbos sem variedade de desinencias para designar outros tempos alem do preterito e do futuro; sem a preciza diversidade de modos para exprimir as circumstancias mais ordinarias das acçoens por elles significadas; tudo cooperava para fazer a Lingoa Hebraica extremamente monotonica; e tudo contribuhio por consequencia para impedir que os Hebreos podessem sentir facilmente os efeitos da melodia, nem sujeitar a sua locuçaõ a rhythmo perfeito.

A sua construcçaõ sempre sujeita a ordem natural das ídeas, mostra igualmente que elles nunca atenderam senaõ á simplicidade, e á regularidade da expressaõ; e que permaneceram portanto na ignorancia de todos os prestigios do mecanismo da versificaçaõ e do rhythmo, ao qual as Lingoas mais poeticas como a Grega e a Latina entre as antigas, e a Italiana entre as modernas, subordinaram a regularidade das suas construcçoens, variando estas por todos os modos compativeis com a possibilidade da inteligencia, a fim de se exprimirem com agradavel e diversificada melodia.

Todas estas consideraçoens, que tenho ligeiramente tocado, e que desenvolvidas dariam materia a longas e naõ pouco curiosas Dissertaçoens, fazem por extremo provavel que os Psalmos e Canticos dos Hebreos naõ eram compoziçoens rigorosamente rhythmicas, nem mesmo metrificadas: mas quando

o fossem a sua metrificaçaõ naõ teria sido transcendente ás suas traducçoens; nem a dos Livros que se dizem poeticos do antigo Testamento deixaria de ser alterada, e mesmo destruida, quando foram por Esdras reduzidos á lingoagem em que actualmente se acham.

Naõ sei se a ultima clauzula d'este pensamento he taõ atrevida como nova; mas sei que para sustentalá naõ devo dissimular, e muito menos desfigurar a verdade. He certo que naõ consta por testemunho algum pozitivo que este douto e piedoso Hebreo alterasse o texto dos Livros sagrados quando os compilou para o uzo dos seus Compatriotas, depois de restituidos á patria de seus Pais e Avós: mas he tal a constancia da sua lingoagem, tal a uniformidade das suas construcçoens, e da sua Orthographia, que um homem a quem se ensinasse a Lingoa Hebraica sem se lhe declarar o tempo em que foram escriptos os Livros do antigo Testamento desde Moysés até Esdras, ainda sendo dotado da mais aguda perspicacia, apenas poderia notar por alguma diversidade de estilo, em que o genio e o caracter dos Escriptores naõ se pode occultar, que elles haviam sido escriptos por diversas pennas; mas nunca poderia nem sequer suspeitar que elles tivessem sido compostos por homens que viveram em diferentes Seculos, nem que tivessem nascido em diferentes provincias.

Eis-aqui como na sua Dissert. 17, da Obra intitulada o Philologo Hebreo, falando sobre este mesmo

assumpto, se explica o douto e erudito Leusden. "... Mil vezes me tenho admirado da semelhança "da lingoagem que se observa em todos os Livros "do antigo Testamento, sendo aliás sabido que elles "foram escriptos em diversos tempos, e por dife- "rentes Autores, cada um dos quaes devia ter o "seu estilo proprio. Se compararmos Livros escrip- "tos em um mesmo tempo, e em um mesmo paiz, "por homens naturaes d'elle, acharemos sem duvida "mais notaveis diferenças de estilo, de Orthographia, "e de outras circunstancias, do que encontramos "em todos os Livros da Biblia. Porem se compa- "rasse-mos Livros escriptos por um Teutonio, e por "um Frisio, ou por Escriptores, bem que do mesmo "paiz, entre os quaes houvesse medeado um inter- "valo de mil annos, como medeou realmente entre a "compoziçaõ de alguns Livros do antigo Testa- "mento: que diferença de lingoagem naõ notaria- "mos! ... Quem estivesse no cazo de entender um "dificilmente entenderia o outro. A diferença das "regras de Gramatica e da Sintaxe proveniente da "diferença dos tempos e dos logares, seria immensa. "Mas he taõ grande a constancia, tanta a conformi- "dade na copulaçaõ das letras, e na construcçaõ das "vozes, em todos os Livros do antigo Testamento, "que apenas poderia crer-se que elles tivessem sido "escriptos por diversos Autores; mas ninguem "poderia jamais persuadir-se de que elles naõ fossem "compostos no mesmo tempo, e no mesmo paiz."

Ora uma tal constancia nos vocabulos e nas frazes, uma tal uniformidade nas construcçoens gramaticaes, e na Orthographia, só pode ter logar por um de trez modos. Ou por milagre: ou porque a lingoagem no tempo immediato ao em que viveram os mais antigos, mais célebres e mais apurados Escriptores, passou subitamente de Lingoa popular para Lingoa sabia, o que quazi naõ podia acontecer sem milagre: ou porque um homem douto depois de morta a Lingoa, ou proximamente á sua morte, refundio todos os Livros que existiam, e os reduzio a uma Lingoagem uniforme e inteligivel para aquelles a quem dezejava aproveitar com este trabalho.

Naõ duvido que atribuir este fenomeno a milagre he o partido mais piedoso. Naõ ignoro que um Erudito de grande nome procurou com plauziveis razoens sustentar que a Lingoa Hebraica se fixára nos escriptos de Moysés, e que continuando a existir juntamente como Lingoa popular, e como Lingoa sagrada ou sacerdotal, se corrompêra em quanto popular, mas que ficára permanecendo incorrupta como Lingoa sabia. Admiro a subtileza dos seus argumentos, mas naõ me convence a força das suas razoens. Comprehendo como uma Lingoa se melhora quando crescem os conhecimentos, e se apura a razaõ d'aquelles que fazem uzo d'ella: mas tambem comprehendo como uma Lingoa se corrompe ou deteriora quando entre os que a falam e escrevem, as Sciencias decahem, o gosto se deprava, e a razaõ se obscurece.

Comprehendo n'uma palavra que nenhuma Lingoa he taõ perfeita na voz do Povo como na penna dos Sabios: mas tambem comprehendo que os bons escriptos acceleram o aperfeiçoamento das Lingoas, e retardam a sua decadencia; porque os bons escriptos constituem uma Lingoa correcta, que se faz ouvir de todos que os leem; e porque elles advertem os seus leitores das imperfeiçoens em que cahem, e dos erros em que torpeçam. Mas por isso mesmo naõ comprehendo como os homens sabios escrevam com pureza e falem sem ella; nem como um Idioma se fixe em quanto os conhecimentos crescem, e as opinioens e o modo de pensar variam.

Fixar-se uma Lingoa precizamente nas Obras do primeiro Escriptor de uma Naçaõ he no meu conceito taõ grande milagre como permanecer ella inalteravel no uzo popular por mais de mil annos.

Tambem sahe fóra do meu alcance comprehender como um Povo escravo possa levar a sua lingoagem a taõ alto ponto de perfeiçaõ, que nem mesmo a passagem para o estado de liberdade, e a sua subsequente prosperidade, possam influir nem levemente no seu ulterior aperfeiçoamento. A lingoagem dos escravos he sempre taõ vil e baixa como elles: a dos homens livres respira a dignidade do seu estado; e d'aqui vem que estas duas lingoagens diferem tanto entre si como a liberdade e a escravidaõ, ou como o dia e a noite. He verdade que Moysés naõ foi educado como

escravo, e que quando escrevia já o Povo Hebreo era livre: mas escrevia para um Povo recentemente sahido da escravidaõ, e escrevia na Lingoa d'esse Povo. E suposto que a sua pessoal educaçaõ, e a mudança de estado dos Israelitas podesse ter dado no meio do Dezerto alguma dignidade á expressaõ da Lingoa baixa e rude da Naçaõ escrava dos Pharaós, as bazes do Idioma Hebraico naõ podiam melhorar sensivelmente no seio da agitaçaõ de uma marcha trabalhosa a travez de uma vastissima solidaõ, aonde os Hebreos naõ podiam communicar com outros Povos, de quem recebessem novas luzes, ou novas maneiras e costumes. Os homens que elles por fim encontraram nas extremidades do Dezerto estabelecidos em corpo de Naçaõ, eram pelo menos taõ rudes, e de certo mais perversos do que elles mesmos; pois que o Senhor os havia proscripto desde longo tempo, e os entregou á espada de Jacob para serem naõ só privados de suas terras, mas inteiramente extirpados da face da terra. e naõ he por certo na guerra, e quando ella se faz com mais ferocidade que a dos Tigres, que os costumes se adoçam, que as maneiras se pulem, e que as Lingoas se aperfeiçoam.

Lingoas sabias saõ aquellas em que as Sciencias se acham depozitadas. Ora as Sciencias depozitam-se nos Livros em que os Sabios as escrevem, e esses Livros, registos fieis dos conhecimentos dos homens que os compozeram, se por desgraça as Sciencias se

tornam estacionarias ou retrogradas, naõ recebendo mais augmento algum, convertem-se em um depozito estavel, e por consequencia nesse momento a Lingoa, em que as Sciencias se acham escriptas, pode dizer-se fixada, apezar de que ella se corrompa na voz do Povo. Mas a lingoagem do Povo corrompe-se, porque o Povo naõ lê, ou porque os homens que leem naõ falam com o Povo. As Sciencias e as Artes na China estaõ ha seculos estacionarias, mas a Lingoa Chineza permanece inalteravel, porque ainda que o Povo naõ lê, os Sabios ou os homens que leem falam com o Povo, e falam ao Povo. Uma vez que uma Naçaõ chegou a ter Livros, a sua Lingoa só pode corromper-se porque os seus Livros se naõ leem, e entaõ os homens que os possuem naõ saõ mais os depozitarios das Sciencias. As Sciencias nesse cazo só pode dizer-se que existem nos Livros ou nas Estantes que os suportam; porque entaõ os donos dos Livros naõ saõ relativamente a elles mais do que meras Estantes.

Suponhamos por um momento que a Naçaõ em cujo Idioma existem escriptos bons Livros, se extingue pelo modo por que se extinguiram as Naçoens Grega, e Latina, e a que falára outr'ora a Lingoa Sanscrit. A Lingoa d'essa Naçaõ, bem como as Lingoas Grega, Latina, e Sanscrit, será uma Lingoa em que os homens vaõ estudar as Sciencias, em quanto elles naõ conseguirem adiantalas mais do

que fizeram aquelles que a falaram. Logo porem que isto aconteça, os Livros escriptos nessa Lingoa, naõ sendo mais fontes elementares de Sciencia, se converteraõ em monumentos de erudiçaõ, e ella em vez de se chamar Lingoa sabia, apenas se deverá chamar Lingoa erudita: e isto mesmo somente em quanto o fructo que d'ella se poder tirar debaixo deste ponto de vista, equivaler ao trabalho de aprendela; porque d'ahi em diante só deverá chamar-se Lingoa inutil.

Se entre as trez Lingoas mortas que venho de nomear, pode haver alguma que mereça ainda hoje o nome de Lingoa Sacerdotal, he a Sanscrit; porque os Bramines, que até ha poucos annos a possuiam privativamente, e ainda hoje saõ quazi os unicos que a possuem, saõ por officio, e por dignidade da sua raça, os Sacerdotes de Bramá e Wisnou. Tambem as Lingoas Grega e Latina foram entre os Europeos Lingoas Sacerdotaes, em quanto os homens mais bem educados, os Grandes, e os Reys, naõ sabiam ler. Leitor era entaõ realmente uma Ordem Sacerdotal, que ainda hoje conserva este mesmo nome; e os Sacerdotes e os Monges, ou as suas Estantes, eram os depozitarios das Sciencias; porque era nas Bibliothecas dos seus Conventos, e Mosteiros, que se conservavam os Manuscriptos Latinos, Gregos, e Hebraicos.

Se a Lingoa Sanscrit, cujos Livros se acham já pela maior parte traduzidos em Idiomas Europeos, da qual já existem Gramaticas e Diccionarios, e

que já he objecto de ensino publico em alguma parte da Europa, será ainda por longo tempo Lingoa sabia, ou mesmo Lingoa erudita, he artigo sobre o qual as circunstancias actuaes da Europa, e da Azia, naõ permitem que se assente opiniaõ provavel. He crivel que na Azia continue a ser Lingoa sabia ao menos para os Bramines que naõ aprendem outra alem da vulgar do Indostaõ, na qual nada se escreve mais do que as correspondencias e contas dos Chatins ou Mercadores: e que na Europa seja por naõ poucos annos Lingoa erudita, e mesmo de mui curiosa erudiçaõ: mas a Hebraica, a naõ existirem nella escriptos originalmente os Livros que contem a Religiaõ Judaica, e servem de fundamento ao Christianismo, ha muito que deixando de ser Lingoa Theologica estaria reduzida á condiçaõ de Lingoa inutil. Se ella foi entre os Hebreos Lingoa sabia, ou Lingoa Sacerdotal, só o devia ser desde que passou de Lingoa viva para Lingoa morta, ou para Lingoa moribunda; isto he, desde que os Romanos deram o ultimo golpe na Naçaõ Judaica; e forçando-a a desseminar-se pelo mundo inteiro, a converteram em uma raça de homens sem Patria, sem Rey, e sem Altar; ou pelo menos desde que Nebuchodonozor conquistando Jerusalem transportou Jechonias com toda a sua Familia e a melhor parte da Naçaõ Hebrea para Babilonia; porque he desde a época d'este cativeiro que a mistura total dos Judeos com os Assyrios e

Caldeos transtornou inteiramente na voz do Povo a sua antiga lingoagem; e he desde a dispersaõ dos Hebreos que estes, obrigados a falar as Lingoas das diversas Naçoens em cujo seio passaram a viver, pozeram o seu Idioma natural em inteiro desuzo.

Naõ he porem somente com argumentos derivados de factos e razoens geraes que se pode combater a opiniaõ de M. Boulanger, e sustentar a que eu tenho pela mais provavel. Dos proprios Livros sagrados se podem tirar naõ poucas armas para atacar aquella, e sustentar esta.

Do que se lê nos Livros dos Reis nos Paralipomenes, e em alguns dos Profetas, se deprehende claramente que as duas Tribus que constituiam o Reino de Judá, e que eram as unicas que haviam permanecido fieis, ao menos na aparencia, á Ley do Senhor, arrastradas finalmente pelo exemplo e pela força da imperiosa impiedade de seus proprios Reis, desampararam o culto do verdadeiro Deos, e em consequencia da idolatria e da ferocidade a que se abandonaram, adorando Baal e Astarte, e sacrificando a Moloc, cahiram em um estado de ignorancia alem de toda a exageraçaõ, se he que a sua ignorancia naõ foi a cauza da sua idolatria, e da sua ferocidade.

Os Livros sagrados, os unicos de que os Judeos tiveram copias em abundancia, tinham-se tornado da ultima raridade, ou fosse porque o zelo e a malicia dos Sacerdotes das novas Divindades se tivesse empenhado em destruilos, ou porque o furor

e a cegueira popular lhes tivesse poupado essa diligencia. Como quer que fosse, a Ley para os poucos que a seguiam tinha-se convertido de escripta em tradiccional: e quando Jozias, abolindo o culto gentilico, pertendeo restabelecer em toda a sua integridade o do Deos de Abraham, de Isaac e de Jacob, por fortuna, e como por milagre, se achou em os escondrigios do Templo um exemplar dos Livros de Moysés, que a vigilante e cautelosa piedade de algum Sacerdote procurára pôr n'aquelle logar ao abrigo da força predominante dos impios.

O proprio Jozias havia sido educado com taõ imperfeita noticia da Ley de Moysés, que á vista da leitura d'aquelle precioso manuscripto, que o supremo Sacerdote Helcias lhe comunicára, he que conheceo quanto o seu Povo se havia desviado dos caminhos do Senhor, e quaõ torpemente havia quebrantado os seus preceitos. Em tal penuria de Livros, quando naõ existiam nem os precizos para a educaçaõ do herdeiro do Trono, quem e por que modo ensinaria aos supostos Adeptos a Lingoa Sacerdotal, que se pertende distincta da lingoagem popular?

A consideraçaõ de que Jozias, Filho e Neto de Reis impios, por maior que fosse a abundancia dos Livros da Ley, devia ter sido educado conforme aos principios da impiedade paterna, naõ pode debilitar a força d'este argumento; porque Manassés, seu Avô, converteu-se talvez antes do nascimento do

Neto, ou mui proximamente a elle, e devia sêr cuidadoso da sua instrucçaõ Religiosa. Supondo porem que Manassés naõ tivesse parte na direcçaõ da educaçaõ de Jozias, e que esta tivesse sido regulada inteiramente pela impiedade de Amon seu Pay; este desgraçado Soberano apenas reinou dois annos, e foi assassinado quando o Filho ainda naõ passava de oito. Em taõ tenra idade, qualquer que tivesse sido à sua educaçaõ, ainda as suas ideas religiosas naõ podiam ter a preciza consistencia: esta dependia de quem continuasse a dirigilo: e foram taõ piedosos os principios da sua educaçaõ d'esta época em diante, que chegando aos dezaseis annos começou a destruiçaõ da idolatria e o restabelecimento da Religiaõ de seus Maiores, purificando pouco depois Jeruzalem, e o seu Templo, e profanando os logares destinados ao culto dos falsos Deoses. Dez annos se passaram entre este primeiro impulso do seu zelo e o descobrimento dos Livros da Religiaõ; e he bem vizivel que este Soberano, dotado de tanta piedade, naõ teria por taõ largo tempo permanecido na ignorancia dos preceitos da Ley, se d'ella existissem exemplares escriptos, ou Sacerdotes que perfeitamente a soubessem. A M. Boulanger se fosse vivo he a quem tocava dizer-nos como se conservava sem Livros a Lingoa, que só existia nos Livros, e n'aquelles que os liam.

Vejamos porem até que gráo foram respeitadas a

integridade e a lingoagem dos Livros sagrados por aquelles a quem este precioso depozito foi confiado. Josué, que na governança do Povo de Israel se seguio a Moysés, naõ teve escrupulo de alterar o Livro da Ley, addicionando-lhe novos acrescentamentos, como se vê do Cap. 24 do Livro intitulado do seu nome, e do qual segundo a mais commum opiniaõ foi elle mesmo Autor.

Se esta opiniaõ naõ he errada, este mesmo Livro foi tambem alterado segundo se manifesta do citado Capitulo, aonde se acha descripta a morte de Josué, e alguns factos posteriores ao seu falecimento: e naõ menos do Cap. 15, aonde vem referida a tomada de Cariath-Arbé por Caleb; a de Dabir, em outro tempo chamada Cariath-Sepher ou Cidade das Letras; o Cazamento de Axa filha de Caleb com Othoniel filho de Cenez, e outros factos acontecidos depois da morte de Josué, conforme se vê do Cap. 1° do Livro dos Juizes.

Semelhante alteraçaõ se nota em o ultimo Capitulo do Doutoronomio, aonde vem referida a morte violenta ou sobrenatural de Moysés, e alguns successos posteriores a ella, que maõ estranha acrescentou a este Livro sem receio de que algum dia se pozesse em duvida a sua genuinidade por semelhante motivo.

No Cap. 14 do Genesis se lê que sahindo Abraham em soccorro de seu sobrinho Lot, a quem Chodorlahomor, e outros trez Reis seus aliados levavam cativo, os

perseguio até os alcançar junto de Dan. Ora esta Cidade no tempo de Moysés chamava-se Lais, e naõ tomou o nome de Dan senaõ depois que a Tribu de Israel assim denominada, tendo-a reduzido a cinzas e extirpado os seus habitantes, a reedificou e repovoou; o que aconteceo pelo menos 33 annos depois de morto Moysés: como se deprehende do Cap. 18 do Livro dos Juizes.

O dos Proverbios de Salomaõ desde o Cap. 25 em diante, foi acresentado por ordem ou pelo menos com consentimento do piedoso Rey Ezechias, pois que os Proverbios, Parabolas ou Sentenças, que se contem no dito Capitulo e nos seguintes, foram acrescentadas e colligidas, segundo ali mesmo se declára, por diversas pessoas, que se dizem servos de Ezechias. Naõ consta comtudo se esta collecçaõ he toda memorativa, ou se foi em parte copiada de alguns Livros dignos de crédito. Conforme as regras da Hermeneutica profana toda esta parte do Livro dos Proverbios devia ser regeitada como apochripha, ou pelo menos como duvidosa. Entretanto a Igreja Catholica tendo aprovado como genuino este Livro por inteiro, e tendo-o recebido entre os Livros Canonicos, naõ deixa logar a duvidar-se de que elle todo foi divinamente inspirado, e que todo elle he por consequencia do mesmo Autor; porque o verdadeiro Autor dos Livros inspirados he sem duvida aquelle que os inspirou. Entretanto o consentimento que a

propria Igreja deu, a que o Livro dos Proverbios corra com a indicada declaraçaõ, prova que elle foi acrescentado por maõ diferente da de Salomaõ.

Naõ entro no exame de quem sejam os verdadeiros Autores dos Capitulos 30, e 31 do mesmo Livro: se Agur Filho de Jaqueh, e Lemuel, saõ nomes com que Salomaõ se dezignava a si proprio, ou se indicam diversos sujeitos: nem taõ pouco se o Livro dos Proverbios he compoziçaõ original d'aquelle sabio Rey, ou uma simples traducçaõ das Sentenças ou Proverbios do famoso Lochman, Fabulista e Philosopho celebre entre os Orientaes, o qual alguns eruditos pertendem que naõ só fora contemporaneo de Salomaõ, mas que vivêra alguns annos na sua Corte em grande intimidade com aquelle Principe. Todas estas discussoens, por quaõ curiosas sejam, me exporiam naõ só a transcender os limites em que me propuz circunscrever este discurso, mas a ofender talvez alguma opiniaõ ou decizaõ que só me cumpre respeitar como Catholico, e a que o reconhecimento da minha ignorancia das Lingoas Orientaes, ainda prescindindo da minha Religiaõ, exige que eu me sujeite na qualidade de homem prudente.

Quanto á Chronologia, he notavel a transpoziçaõ que se observa nos ultimos cinco Capitulos do Livro dos Juizes: elles deveriam seguir-se ao terceiro, e anteceder o quarto: mas a sua actual situaçaõ mostra

que ou erro de Copistas, ou acrescentamento de factos omitidos, alteraram o primitivo estado do mencionado Livro.

Sem acumular mais confrontaçoens de passos parallelos dos Livros do antigo Testamento, nem indicar mais irregularidades na sua dispoziçaõ e contextura, o que deixo dito assás claramente mostra quaõ pouco escrupuloso devia ser em alterar a lingoagem, destes Livros quem nenhum respeito teve á sua integridade, nem taõ pouco á Chronologia e á Geographia correspondentes aos factos ali referidos. Quem foi porem que assim os alterou, e os reduzio a taõ perfeita semelhança que quazi parecem Obra de uma só maõ? Foi por ventura Josué?...Josué acrescentou o Livro da Ley; mas naõ consta que fizesse outra alteraçaõ nos Livros sagrados; nem podia alterar senaõ os de Moysés,...Foi Samuel?... Alguns prosumem descobrir no Livro dos Juizes vestigios da maõ d'este supremo Sacerdote: mas o Livro dos Juizes he um dos alterados; e Samuel naõ podia corrigir nem viciar senaõ escriptos anteriores ao tempo de David. Fossem porem quaes fossem as alteraçoens praticadas nos Livros sagrados antes de Esdras: este douto Hebreo encarregado de os compilar, restituir, e emendar, por isso que a sua confuzaõ e desordem tinha chegado a um gráo deploravel, naõ podia efectuar a sua compilaçaõ e correcçoens sem alterar sensivelmente o estado do texto

de todos os Livros antigos; mas tornava-se responsavel por todos os vicios e defeitos corrigiveis que n'elles deixasse subsistindo.

He bem sabido que elle abandonando os caracteres Samaritanos lhe substituhio os Caldeos; e por consequencia era forçoso que corrigisse e uniformasse a Orthographia de todos os sagrados Codices. Por esta só consideraçao se torna facilima de explicar, e entra na classe dos fenomenos ordinarios a uniformidade da copulaçaõ das letras, e da construcçaõ das vozes, que tanta admiraçaõ cauzou ao erudito Leusden.

Mas quem com o intento de facilitar a inteligencia da doutrina, e o conhecimento das verdades contidas em os Livros Sagrados julgou a propozito corrigir a sua Orthographia, e substituir um Alfabeto estranho ao que fôra precedentemente uzado pelos Hebreos, só porque este se havia tornado menos familiar aos seus Contemporaneos, naõ devia achar n'aquelle mesmo principio muito mais pederosa razaõ para reformar a sua lingoagem substituindo aos termos e frazes antigas ou desuzadas as palavras e expressoens, que no seu tempo eram por todos entendidas, por isso que por todos eram uzadas? .... Se a antiga Lingoagem Hebraica estava reduzida a uma Lingoa sabia e sacerdotal: e se Esdras fazia a sua compilaçaõ só para uzo dos Sabios e dos Sacerdotes, que necessidade tinha elle de uniformar a sua Orthographia, e de substituir os caracteres Caldeos aos

Samaritanos ?...Se os Sacerdotes Contemporaneos de Esdras fossem sabios, e se o tivessem sido os seus predecessores, nem os Livros Sagrados se achariam corrompidos, mutilados, nem interpolados, nem a sua Lingoagem e Orthographia careceriam de uma inteira reforma.

Os Sacerdotes do tempo de Esdras eram taõ ignorantes pouco mais ou menos como os do tempo de Jozias. N'uma palavra, na Naçaõ Hebraica naõ havia senaõ Sabios do futuro, quero dizer, Prophetas inspirados, e naõ inspirados pelo Senhor; mas esses mesmos eram profundamente ignorantes do preterito. A' excepçaõ dos acontecimentos do Povo Hebreo, que eram de recente data, ou d'aquelles que por maravilhosos ainda existiam vivos na tradiçaõ, tudo o mais era para elles quazi absolutamente estranho. Esdras escrevia pois para o Povo; e portanto devia pôr os Livros Sagrados ao alcance da inteligencia do Povo.

Este prudente Collector começou por notar as faltas ou omissoens que observára nos Livros que tinha a seu cargo colligir e emendar; e por fixar a Genealogia das principaes Familias das diversas Tribus, afim de poder por este modo suprir as faltas nos seus logares competentes, e arranjar os acontecimentos publicos segundo a ordem Chronologica. D'este seu cuidado rezultou a compoziçaõ dos Livros que intitulou Paralipomenes ou das couzas omitidas, dos quaes ao depois separou o Livro a que deu o seu

proprio nome, por isso que a falta da expoziçaõ dos factos acontecidos desde o tempo de Cyro em diante naõ podia chamar-se omissaõ nos Livros antigos.

D'esta verdade nos offèrecem felizmente uma prova irrefragavel os primeiros versiculos ou paragrafos, e o contexto do Livro intitulado Esdras. Este he a continuaçaõ da historia referida em o segundo dos Paralipomenes; e os indicados versiculos saõ identicos com os que servem de remate a est' outro. A primeira metade do versiculo terceiro em que elle acaba deixando o sentido interrompido, mostra com a possivel evidencia que um se achava escripto em seguimento do outro como parte integrante sua; e que foi d'ali separado debaixo de titulo distincto por consideraçoens que occorreram depois de começada a sua compoziçaõ.

Com esta guia principiou Esdras a restituiçaõ dos antigos Livros, suprindo nos logares competentes as omissoens que havia notado; e esta he a razaõ pela qual a maior parte do contexto dos Paralipomenes se acha incluida nos Livros antigos, aonde devêra faltar, a naõ sêr mentiroso este titulo.

Admitidas estas mais que verosimeis conjecturas, fica facil explicar por que razaõ se acham mudados os nomes Geographicos: por que motivo se encontram frequentemente nos Livros aonde se referem factos, cujos vestigios ou consequencias se tem perpetuado alem do que era de esperar, as clauzulas "até

ao dia de hoje"—" até ao prezente," e outras igualmente dezignativas de um mui dilatado intervâlo de annos entre os acontecimentos narrados, e o tempo em que elles se escreviam. Talvez mesmo que estas e outras clauzulas e reflexoens que actualmente se acham encorporadas no texto dos Livros sagrados fossem simpleces notas marginaes que Esdras ali lançára para aclarar ou confirmar os factos a que se referiam, mas que a ignorancia dos Copistas transferio para o fio do discurso.

N'uma palavra, admitido o principio de que Esdras corrigindo os Livros Sagrados dos Judeos os reduzio á lingoagem que no seu tempo se falava, desaparecem todos os motivos de pasmo sobre a uniformidade e constancia da Lingoa Hebraica, e da sua Orthographia, por tantas centenas de annos: explicam-se todas as interpolaçoens, e additamentos; bem como todos os anachronismos, que se encontram nos referidos Livros: e pelo que respeita ás imperfeiçoens que o proprio Esdras naõ corrigio, quer ellas se achem quer naõ apontadas nos Paralipomenes, devem atribuir-se a que lhe faltou o tempo precizo para completar a dificil Obra de que se encarregára, e a que naõ poude dar a ultima perfeiçaõ.

Se apezar de todas as razoens que expuz para mostrar que os Hebreos naõ conheceram Rhythmo perfeito, nem mesmo rigorosa versificaçaõ, a sua Lingoa chegou em tempos mais antigos, naõ digo eu já ao

gráo de Idioma melodioso, mas ao menos a ter regras seguras de metrificaçaõ como Lingoa puramente sillabica, he claro que o metro dos seus Poemas, sendo relativo á Lingoagem que se falára no tempo de David ou nos anteriores, naõ podia conservar-se na sua trasladaçaõ para a Lingoagem Hebraico-Caldeica, ou Hebraico-Babilonica do tempo de Esdras: e que portanto todos se reduziram a compoziçoens puramente prosaicas, ou a compoziçoens somente poeticas quanto á locuçaõ, mas prosaicas pelo que respeita ao numero e ao rhythmo.

Em quanto a pobreza das Lingoas naõ permite aos homens analyzar completamente os seus pensamentos, tambem lhes naõ consente desenvolvelos com miudeza na expressaõ: ella os obriga pelo contrario a encerrar em termos mui breves pensamentos aliás mui compostos. A concizaõ he portanto bem como a lingoagem figurada nos Idiomas imperfeitos e pouco extensos, o rezultado necessario da sua pobreza e da sua imperfeiçaõ, e de nenhuma sorte o producto de uma escolha reflectida, ou de uma preferencia antecipada pelo genio, ou por aquelle particular talento que chamamos *Gosto.* Porem á medida que as Lingoas se enriquecem em numero e variedade de vocabulos, e que as conjugaçoens dos seus verbos se regularizam e aperfeiçoam, os meios de analyzar os pensamentos se multiplicam, a dificuldade de os desenvolver diminue, e a locuçaõ, ao mesmo passo

que se faz menos conciza, se torna mais clara, mais corrente, e mais uniforme.

Estas ventagens se manifestam primeiro, e sempre em maior medida, nos discurcos destinados a narrar factos, a descrever objectos sensiveis, ou a dictar régras de conducta, do que n'aquelles cujo fim he exprimir conceitos intelectuaes, e afectos ou paixoens; porque as ideas das vozes ou palavras facilmente se associam ou vinculam com as ideas dos objectos, que por ellas se pertendem reprezentar, fazendo que as vozes afectem os ouvidos quando os objectos se acham prezentes: mas as faculdades intelectuaes, e as afecçoens do animo, naõ sendo objectos immediatos dos sentidos, só se podem perceber pelos seus efeitos ou consequencias sensiveis; e d'aqui vem, que no estado imperfeito das Lingoas os actos espirituaes ou internos, bem como os sentimentos, afectos, e paixoens, naõ se podendo dar a conhecer immediatamente por vozes que os reprezentem, he forçoso que para exprimilos se recorra ás vozes já dezignadas para reprezentar os seus efeitos; ás comparaçoens, ás imagens, e a todos os outros meios da Lingoágem figurada: d'onde procede que em quanto o estilo historico e didatico se simplifica despindo-se dos ornatos da imaginaçaõ que por desnecessarios se lhe tornam improprios; o estilo, que em contrapoziçao podemos chamar moral e pathetico, continua a conservâlos por necessidade, suposto

que cada vêz com mais ampla variedade, e escolha mais apropriada ás circunstancias.

D'este modo involuntariamente, ou sem propozito deliberado, e unicamente em virtude das leis inalteraveis, que prezidem ao desenvolvimento das faculdades intelectuaes do homem, se vaõ pouco a pouco formando os estilos proprios, ou mais acomodados aos assumptos, principiando sempre pelos dois estilos indicados, quero dizer, pelo estilo figurado, e pelo estilo simples, dos quaes todos os outros saõ meras combinaçoens, ou misturas, em que somente variam as proporçoens dos seus elementos.

Esta diferença de estilo simples e figurado, a primeira sem duvida que em todas as Lingoas se fez notavel, he a que provavelmente deu occaziaõ á distincçaõ entre a Prosa e a Poezia, ou a que conduzio os homens a distinguir todos os seus discursos em poeticos e prosaicos.

Todas as outras subdivizoens ulteriores de estilos e compoziçoens deviam ser mui tardias; porque somente podiam ter logar depois que as Lingoas passassem de sillabicas para melodiosas; ou porque todas exigiam que á analyze das ideas sensiveis e dos sentimentos e afecçoens do animo, acrescesse a analyze do mecanismo da Lingoagem, ou o descobrimento dos principios do numero e da melodia, os quaes, entrando em todo o genero de estilos, formam um terceiro elemento, de cuja mistura indispensavel

com os dois precedentes, rezultam novas e mui variadas combinaçoens, que multiplicam indefinidamente as variedades notaveis da locuçaõ, assim prosaica como poetica.

Mas em quanto uma Naçaõ naõ distingue na sua lingoagem numero, nem rhythmo perfeito; nem conhece por consequencia outra diversidade de estilos senaõ os imples e o figurado, ella naõ pode ter senaõ trez generos de Escriptores, Historiadores, Preceptores, e Poetas. Tal era com efeito o estado da Naçaõ Hebrea nos tempos correspondentes á compoziçaõ dos diversos Livros do antigo Testamento: o que nos confirma na opiniaõ de que ella com efeito naõ conheceo nem rhythmo perfeito, nem metrificaçaõ.

Se nós ainda hoje entendesse-mos pela palavra *Poema* toda a compoziçaõ em que a imaginaçaõ predomina, ou em que os sentimentos naturaes ou Religiosos se patenteam com um certo gráo de viveza, isto he, toda a compoziçaõ em que a Lingoagem figurada he ainda agora indispensavel, deveria-mos chamar *Poetas* a todos os Oradores, a uma grande parte dos Novelistas, a quazi todos os Autores de Livros misticos, e de todo o genero de Obras de devoçaõ: de sorte que o homem que compozesse um discurso em acçaõ de graças ao Ente supremo; o que lhe endereçasse uma suplica em momento de afliçaõ; o que elogiasse um homem distincto por virtudes ou qualidades moraes; o que fizesse uma

exortaçaõ ao Povo; o que lhe aprezentasse uma collecçaõ de sentenças ou maximas moraes &c., seriam outros tantos Poetas: e o nome Poeta em vez de dezignar um homem dotado de um talento particular, denotaria apenas um homem que houvesse tomado a rezoluçaõ de tratar tal ou tal assumpto determinado.

Se naõ he isto o que pertendem dizer os Eruditos que chamam Poemas aos Psalmos, ao Livro de Job, ao dos Proverbios, ao da Sabedoria, ao Ecleziastico, aos dos Prophetas &c.; ou que daõ o nome de Poetas a David, a Salomaõ, a Jezus filho de Sirach, a Jerimias, Ezequiel, e Isaias, entaõ as suas expressoens saõ verdadeiramante absurdas. O Livro de Job, ou se considere como a narraçaõ de parte da vida de um homem que realmente existio, ou como uma simples hypothese, ou Novella Philosophica e Moral tendente a mostrar que o padecimento dos Justos neste Mundo naõ he incompativel com a Justiça, e com a Bondade de Deos, está bem longe de merecer o nome de Poema no sentido que hoje damos a esta palavra. Chamar Poemas a collecçoens de sentenças ou de discursos moraes por extremo variados, escriptos em um Idioma que naõ conhecia numero nem rhythmo; naõ he menor extravagancia: mas naõ conhecer que um Propheta exortando os Povos á penitencia, e chamando-os á obediencia dos preceitos da Ley de Deos em Odes e Elegias; ou ameaçando e prognosticando os castigos que a Justiça

Divina rezerva para os impios, em Satyras, Cantatas, e Dythirambos; seria couza mil vezes mais rediculą do que Dido cantando uma Aria quando somente revolve no pensamento o desesperado e melancolico projecto de atravessar-se com a espada de Eneas; seria mais do que absurdo; seria demencia.

Entretanto naõ pode negar-se, que nos Psalmos de David, nos Canticos de Moysés, e nos Livros dos Prophetas, resplandecem rasgos da mais sublime eloquencia de pensamentos, que ali se encontram grandes e magnificas ideas Theologicas e Moraes, assim como sentimentos da mais viva piedade, exprimidos com particular dignidade, e que na maneira de os expressar se veem empregadas as figuras mais atrevidas; o que tudo presupoem imaginaçoens ardentes vivamente exaltadas, e coraçoens penetrados de vivissimos sentimentos.

Que estas qualidades saõ com efeito as que mais distinguem os grandes Poetas, he tambem innegavel. Mas de que os Hebreos tinham as mais felices dispoziçoens para a Poezia, segue-se por ventura que elles foram Poetas? ou que tiveram verdadeiras noçoens d'esta Arte sublime? A Poezia he uma Arte filha das mais finas e subtis observaçoens sobre o espirito e sobre o coraçaõ humano, bem como sobre a indole e constituiçaõ mecanica da Lingoagem vocal: o numero e a melodia, ou o metro e o rhythmo, saõ partes essenciaes d'esta Arte, a mais formosa de todas

as Artes. E como poderia fazer semelhantes observaçoens um Povo taõ indiferente até á observaçaõ da Natureza, que existindo entre o Egypto e a Caldea ignorava os principios mais triviaes da Phisica e da Astronomia? Como se podem compor Poemas em uma Lingoa sem metro nem melodia?

De que modo as Sciencias, que do Indostaõ e da Persia passaram para a Caldea, e da Caldea para o Egypto, se apagaram totalmente em um Paiz entremedio, qual era a Phenicia ou terra de Canaan, aonde os Hebreos habitaram, aonde a Navegaçaõ, a Arithmetica, o Comercio, e a Arte de escrever, talvez tiveram o berçò, e aonde a existencia das Sciencias he atestada até pelo nome Cariath-sepher ou Cidade das Letras, que antes do Povo de Israel occupar aquelle Paiz se dava á Cidade de Dabir, seria objecto na verdade de curiosa indagaçaõ. A soluçaõ deste problema quanto a mim deve achar-se no caracter da Naçaõ Hebrea degradada pela sua longa escravidaõ no Egypto, corrompida pela sua mistura com os Povos idolatras de Madian, Moab, e Bassan; e na crueldade systhematica da sua invazaõ devastadora.

Mas pondo de parte indagaçoens alheias do objecto que temos em vista, cumpre que notemos que naõ he a grandeza, nem a formozura dos pensamentos, o que faz dificil a traducçaõ de um Poema, ou de um discurso eloquente de um Idioma para outro. Saõ as bellezas da dicçaõ; saõ as imitaçoens provenientes

da construcçaõ das frazes, e da melodia do discurso: n'uma palavra, saõ as bellezas naõ dos pensamentos, mas as da Lingoagem, as que fazem as traducçoens dificeis, e ás vezes mesmo absolutamente impraticaveis. Os pensamentos saõ communs a todos os homens, mas as expressoens saõ privativas de cada Lingoa. Naõ ha pensamento explicavel nem sentimento exprimivel em uma Lingoa pobre, que se naõ possa explicar taõ bem ou melhor ainda em uma Lingoa rica. D'aqui vem que as compoziçoens mais admiraveis dos Hebreos naõ podem perder em ser traduzidas, podendo aliás ganhar tanto mais quanto a Lingoa para a qual a traducçaõ se fizer for mais perfeita do que a Hebraica.

Foi esta reflexaõ junta ao dezejo de fazer publica a traducçaõ da primeira metade do Psalterio executada por um homem de naõ vulgar engenho, meu particular amigo, que a morte me roubou ha pouco mais de trez annos, quem me determinou a traduzir os seguintes Psalmos. Elles faltavam, menos o Psalmo 18, na traducçaõ do meu amigo, ou porque elle os rezervasse para o fim, ou porque os seus papeis sofressem descaminho antes de chegarem á minha maõ; e eu entendi que ainda fazendo patente a inferioridade de meus talentos para obras de tal natureza, fazia algum serviço ao publico, enchendo aquelles vaõs o melhor que me fosse possivel.

Naõ foi bastante para desviar-me d'este intento o

reconhecimento da minha ignorancia da Lingoa Hebraica; porque a consideraçaõ da grande ventagem que sobre esta tem incontestavelmente a Lingoa Grega, junta ás reflexoens precedentes, me persuadiram que suposto a traducçaõ dos setenta seja a respeito do original o mesmo que a Vulgata a respeito da traducçaõ Grega; quero dizer, suposto que uma e outra sejam meras versoens, em que os traductores conservaram todos os Hebraismos, sem procurar dar mais dignidade, força ou formozura á expressaõ dos pensamentos, comtudo estes naõ podiam estar ali menos bem reprezentados do que no original.

D'aqui inferi eu que a reputaçaõ do Psalmista Hebreo quando naõ ganhasse naõ perderia consideravelmente com a minha retraducçaõ d'estas poucas compoziçoens da sua penna. Parafraziei um pouco o texto da Vulgata, a que me cingi; afim de facilitar as transiçoens de huns para outros pensamentos, de ligálos entre si, e de dar ao seu desenvolvimento a elegancia e extensaõ mais conforme á indole da Lingoa e Poezia Portugueza. Escrevi-os em verso naõ só porque o meu amigo tambem havia feito em verso a sua traducçaõ; mas porque, sendo os Psalmos verdadeiros Canticos, seus proprios Autores os teriam sem duvida composto tambem em verso, se fossem Portuguezes, ou se os escrevessem no dia de hoje em um Idioma melodioso, e capaz de metrificaçaõ.

Pelo que respeita á inteligencia e genuina inter-

pretaçaõ do texto, nada me animo a dizer aqui, porque os Leitores que entenderem a Lingoa Latina, comparando a minha traducçaõ com a letra da Vulgata, poderaõ julgar por si mesmos se exprimi bem em Portuguez o que ali está dito em Latim; e os que ignorarem esta Lingoa, naõ podendo avaliar as minhas razoens, perderiam o seu tempo em as ler. Comtudo sempre nos seus competentes logares direi alguma couza em abono da minha interpretaçaõ quando ella diferir notavelmente dos mais respeitaveis interpretes, naõ para justificar a minha discordancia, mas para facilitar aos entendedores a discussaõ das razoens em que me fundei.

Rio de Janeiro, 21 *de Outubro de* 1817.

PSALMO 1º.

Traducçaõ do Psalmo XVIII.

ARGUMENTO.

HE recommendavel este Psalmo pela Philosophia que nelle resplandece. No seu titulo se lê que elle he de David. O Propheta Rey depois de deduzir a verdade da existencia de Deos da contemplaçaõ das Obras da Natureza, e de admirar o poder do Creador; reflectindo sobre a ordem admiravel do Universo, reconhece, que ella só pode proceder de um Ente infinitamente sabio. Da consideraçaõ dos efeitos da acçaõ da luz e do calor solar sobre a Terra e sobre todos os Seres que a povoam, conclue a nossa dependencia do Ente Supremo. Nota com admiravel perspicacia que d'este conhecimento deve nascer em o nosso coraçaõ uma dispoziçaõ ou propensaõ para a obediencia aos preceitos d'este Ser infinitamente bom, poderoso e sabio. Em consequencia d'este principio a conformidade das nossas acçoens com a vontade do Creador manifesta nas Obras e Leys fisicas da Natu-

reza converte-se em uma Ley moral. N'esta Ley primordial consiste a Religiaõ natural, cujos preceitos o Senhor condoido da fraqueza humana se dignou escrever com o seu proprio dedo, e explicar a Moysés no Monte Synai para que este transmitisse ao Povo Hebreo o genuino Comentario d'esta Ley, pelo mesmo Povo tantas vezes esquecida e quebrantada. Notando porem a insuficiencia d'ella, e d'esta mesma suprema interpretaçaõ, para manter no caminho da virtude o homem sempre propenso para o mal, e sujeito á cegueira de entendimento proveniente do pecado do nosso primeiro progenitor (a que o Propheta chama o *delicto maximo*, por isso que elle abrangeo o genero humano inteiro, e foi o unico que para ser perdoado exigia o sacrificio do homem Deos) reconhece, espera, e suplica a promulgaçaõ da Ley da Graça; e confiado de que entaõ lavado da culpa original pelo sangue do Redemptor será conduzido para a Patria dos Justos, cheio de prazêr antecipa na sua imaginaçaõ este venturoso momento, e se propoem entoar novos Canticos dignos do Deos summa Bondade, e por consequencia gratos aos seus ouvidos.

O estilo d'este Psalmo he qual convem a uma Poezia juntamente philosophica e piedosa. Mattei lhe chama elegantissimo; e dis que nelle resplandesse particularmente a fantazia do Poeta. Rugilo, confrontando-o com o Psalmo 17, dis que se o estilo d'este pode comparar-se a uma torrente de fogo pela

violencia com que arrebata e inflama os coraçoens dos Leitores, o do Psalmo 18 deve assemelhar-se á magestosa e placida corrente de um Rio de primeira ordem. Naõ sei se na traducçaõ acertei em dar-lhe o caracter que mais lhe convem; sei que me esforcei por conservar-lhe toda a magestade do original; mas acomodando-me á indole do Idioma Portuguez procurei fazer mais sensivel a ligaçaõ dos pensamentos, preparando as transiçoens de huns para outros, afim de fazer que esta compoziçaõ naõ desmerecesse o nome de Poezia philosophica. Talvez naõ entrei bem no espirito do Autor; pelo menos devo desconfiar que assim me tenha acontecido n'aquelles passos em que a minha inteligencia discorda da de seus interpretes mais respeitaveis; mas se eu traduzisse David segundo a inteligencia de Saverio Mattei, de Rugilo, ou mesmo segundo a de S. Agostinho, naõ traduzia David retraduzia-o, ou traduzia algum d'aquelles célebres Autores. Naõ ouzo mesmo dizer que traduzi David, mas de certo traduzi as impressoens, que fez no meu coraçaõ e no meu espirito a versaõ, conhecida pelo nome de Vulgata, que tomei por texto.

PSALMO

QUAL seja o teu poder, a tua gloria,
Os luminosos astros patenteam:
Das tuas maõs, Senhor, nos annunciam
Ser obra os Ceos e a Terra.*

* No original lê-se que o Firmamento annuncia as obras das maõs do Senhor. Estas expressoens apropriadas ás ideas astronomicas do tempo de David, e dos Setenta seus traductores, seriam contradictorias com as do tempo prezente. Os primeiros Astronomos supunham cada Planeta como engastado em uma massa ou sphera ôcca cristalina, e transparente, a que chamaram Céo. Assim havia tantos Ceos quantos Planetas: e como entaõ somente se conheciam sete, sete eram tambem os Ceos do cristal, que encachados huns em os outros como um jogo de bocetas, e movendo-se com velocidades desiguaes, arrebatavam comsigo, em torno da Terra ou do centro commum do seu movimento, os Planetas a que pertenciam. Todas estas maquinas se moviam debaixo de uma abobeda de saphira em que supunham engastadas as estrellas que chamamos fixas: e esta massa immovel relativamente ao movimento annuo dos Planetas, logar commum de todas as estrellas, he o que elles chamavam Firmamento. He a estas hypotheses, hoje extravagantes e abandonadas, que se referem as expressoens do Psalmista. Eu persuadi-me que traduzindo o pensamento de David em quanto argumento da existencia de um Deos ordenador do Universo, devia exprimilo em termos accomodados ás ideas actuaes. N'uma palavra entendi que devia exprimir os pensamentos de David naõ como elle os exprimio, mas como os expressaria hoje, se hoje escrevesse esta elegante composiçaõ.

O dia, a noite, as estaçoens, os annos,
Em regulada successaõ dispostos,
O compassado giro dos Planetas
Tua sciencia atestam.
Argumento naõ ha, naõ ha discurso
De tanta força, de eloquencia tanta,
Que de tua existencia nos convença
Qual dos Ceos a armonia.
Pelo orbe inteiro a sua voz resôa,
E da Terra aos confins teu nome leva.
Até no peito do Selvagem rude
Profundamente o grava.
Teu magestoso Trono levantaste
No claro Sol* : seus raios rutilantes
Perene fonte de prazer e vida
O teu rosto figuram.

* O culto do Sol he o mais antigo de todos os cultos; naõ considerado o Sol como uma Divindade, mas contemplado como o corpo celeste mais admiravel relativamente ao Globo que habitamos, e o que mais concorre para convencer-nos da existencia de um Deos. E na verdade se he do espectaculo dos corpos celestes, e da armonia e regularidade de seus movimentos, que os homens derivaram o conhecimento de um Deos ordenador do Universo, nada havia mais natural do que vincular com especialidade a idea d'esse Deos com a idea d'aquelle Corpo celeste, que entre todos he relativamente a nós o mais admiravel e benefico. Nem Zardust, vulgarmente conhecido pelo nome de Zoroastes, nem os outros Ignicolas que o precederam, consideraram o Sol como Deos, mas contemplaram-no entre todas as obras de Deos como aquella que era mais propria para reprezen-

No vermelho orizonte lá desponta
Qual ledo Espozo, que contente e ufano
Do Thalamo ditoso se levanta,
Onde a Espoza descança.
Eis pelo vasto Céo com largos passos
Pressuroso Gigante se encaminha:
Transpondo em tempo breve immenso espaço,
Já no mais alto brilha.
D'ali seus igneos raios dardejando,
Almo calor em torno difundindo,
Da Natureza próvida fecunda
O seio inexhaurivel.
Da immovel planta o germe desenvolve;*
O sangue aquece ás voadoras aves:
O peixe, a fera, o bruto, o verme, o homem,
Seu vivo influxo sentem.

---

tálo, por isso que entre todas fora a que mais contribuira para elles formarem idea da sua existencia, e da existencia dos seus inefaveis atributos. David fundado neste principio he que se atreveo a dizer que o Senher assentára n'aquelle ástro o seu Tabernaculo ou a seu Trono, pois que elle foi o primeiro em que os homens o adoraram ou aquelle que escolheram para simbolo da Divindade. Tendo em vista exprimir esta idea e preparar a transiçaõ para as seguintes, he que eu me determinei a amplificar o texto, acrescentando ás palavras de David as seguintes clauzulas

. . . . seus raios rutilantes,
Perene fonte de prazer e vida,
O teu rosto figuram.

* Esta Strophe e a antecedente saõ o desenvolvimento da idea



Assim as tuas Obras aviventas:
Assim a Ley constante, com que reges
O vasto Mundo, aos homens manifestas,
Que absortos te contemplam.

---

indicada nos versos transcriptos em a nota precedente, idea que no meu sentir he a que o Autor exprimio na clauzula . . . *nec est qui se abscondat a calore ejus.* Elle naõ falava de certo do calor considerado como sensaçaõ, mas sim dos seus efeitos na fecundaçaõ dos germes assim dos vegetaes como dos animaes. Naõ obstante as grandes razoens que persuadem ser este o genuino sentido das expressoens de David, o celebre Saverio Mattei as traduzio assim:

. . . . . . Né v'ha si opache valli,
O ermi poggi, o solitarie falde,
Ch'ei co' suoi raggi non indori, e escalde.

Como se a facilidade com que os raios do Sol se insinuam por entre as folhas das arvores mais frondosas fosse mais admiravel ou mais propria para mostrar o poder e a sabedoria do Autor da Natureza, do que o seu evidente influxo no desenvolvimento dos principios fisicos da vitalidade de todos os corpos organicos. Naõ falo na irregularidade de tornar a misturar a consideraçaõ dos efeitos da luz com os do calor, que David taõ distinctamente separou; porque em fim deve perdoar-se alguma couza a um Traductor, que as mais das vezes copiou o seu original aformozeando-o, e dando-lhe dignidade e elegancia. Rugilo traduzindo este passo assim

Chi poi spiegó, qui numeró gli effetti
Che nel aria, nel suol, nel mar produce?
Dov'è que non raggiunga e non saetti
Col vibrar del calore e della luce?
E mentre ardor, splendor cotanto ei spande
Chi non esclama? Oh Dio potente e grande!

Suas almas assim, Senhor, illustras:
  Testemunho de ti irrefragavel
  Assim lhes dás: assim té nos mais rudes
    Divina luz accendes.
Com ella os coraçoens tu nos inflamas:
  Assento á tua Ley nelles preparas:
  Tua Justiça recta, inalteravel
    De prazer os inunda.
Os teus preceitos á razaõ conformes
  Em nossas almas nova luz derramam:
  Tua bondade, tua san clemencia,
    Aos olhos nos prezentam.

---

ainda foi menos feliz do que Mattei, pois alonga extraordinariamente a expressaõ do Autor sem aclarar-lhe o sentido, nem dar-lhe mais viveza ou energia, antes pelo contrario tornando-a languida e pouco poetica. Joaõ Baptista Rousseau he entre todos os Traductores ou Paraphraseadores de David, de que tenho noticia, o que mais poeticamente traduzio este Psalmo, e o que na interpretaçaõ d'este passo mais se aproximou á inteligencia que eu lhe dou, se por ventura entre o nosso modo de entendêlo ha alguma diferença. Eis-aqui a sua traducçaõ :—

Bientôt sa marche feconde
Embrasse le tour du Monde
Dans le cercle qu'il decrit:
Et par sa chaleur puissante
La Nature languissante
Se ranime, et se nourrit.

Comtudo no meu entender Rousseau naõ explica assás claramente o pensamento que eu me persuado haver sido o do Propheta Rey.

Santo temor, eterno como aquelle
Que a pura Ley gravada em nossos peitos
Com seu dedo illustrou benigno e recto,
No fundo d'alma inspiram.
Os teus juizos de verdade cheios,
Senhor, de estranhas provas naõ carecem:
Taõ luminosos saõ, taõ convincentes,
Que a si se justificam.
Os inefaveis bens, cuja promessa*
A seguir a virtude nos incita,
Mais doces saõ que o mel, mais preciosos
Que o oiro, que as saphiras.

---

* Se eu traduzisse literalmente este versiculo deveria dizer que os juizos do Senhor saõ mais apeteciveis do que o ouro, e do que as pedras mais preciosas, e muito mais doces do que o mel: porem naõ posso persuadir-me de que o apreço e suavidade que o Poeta antepoem ao valor das pedras preciosas, e á doçura dos favos, seja o apreço e suavidade das sentenças, nem mesmo dos preceitos, cuja observancia ou quebrantamento deve servir de objecto a essas Sentenças ou Juizos do Senhor. O bom senso exige que neste logar se entenda que os bens comparados pelo Poeta á preciosidade do ouro, e á doçura do mel, saõ as recompensas prometidas aos que exactamente observarem os preceitos da Ley, e forem fieis á graça do Senhor. Ora as recompensas prometidas na Ley de Moysés saõ todas puramente temporaes, e portanto naõ podendo consistir senaõ nos mesmos bens, a que o Poeta antepoem os de que fala, he claro que saõ diferentes, e que naõ podem ser outras senaõ os bens eternos ou as promessas da Ley da Graça, cujo preço he incomparavelmente superior a todos os bens mundanos. Naõ devo comtudo dissimular que naõ he este o sentido que os Expozitores e Tra-

O servo teu que aspira a merecêlos,
Constante a tua Ley respeita e guarda.
Que chuveiro de bens sobre elle esparge
A tua maõ benefica !

---

ductores d'este Psalmo supoem ter sido o de David quando o escreveo: ao menos se algum d'elles supoem, como eu, que o Poeta falou figuradamente, ou que o Autor da Vulgata o naõ traduzio com toda a exactidaõ, quizeram muito de propozito conservar a mesma figura, e deixar a mesma incerteza ou obscuridade no genuino sentido. Rogilo traduz este passo da maneira seguinte, referindo-se aos preceitos da Ley Evangelica.

Quindi è si cara, e preciosa tanto
Che incontro a lei Sozzura immonda è l'oro:
Perdon tute le gemme il pregio, il vanto,
E povertá diventa ogni tesoro:
Ed ha dolcezza tal che ingrato e pravo
Al paragon divienne il mele e' l favo.

Ainda que fosse este o pensamento do Autor seria dificil exprimilo mais baixa, nem menos poeticamente. Joaõ Baptista Rousseau o traduzio assim :—

Loi sainte, Loi desirable,
Ta richesse est preferable
A la richesse de l'or:
Et ta douceur est pareille
Au miel dont la jeune abeille
Compose son cher tresor.

Saverio Mattei he o que parece haver-se aproximado mais á minha inteligencia; por quanto depois de haver dito

Mas como poderaõ, ó Deos clemente,
Olhos mortaes a trevas costumados
Suportar o claraõ fulgente e vivo
Da tua luz immensa?
Que espirito haverá taõ penetrante,
Que possa profundar tua Ley santa
Até lizonjear-se sem vaidade
Que d'ella naõ se afasta?

Tal del Signore appunto
La Lege èncor lucida e bella......
....
...... e testimon verace
E' a noi delle divine
Immutabil promesse......

continua alguns versos depois, falando ainda da mesma Ley,

......de esterne pruove
Uopo naõ ha; quanto contienne appare
Esser vero esser giusto. A me del oro
Piu caro assai del nobil oro stesso,
Che dal Fasi mi vien. E' a me piu dolce
De piu grate e suavi
De dolcissimo mel grondanti favi.

Sem ter comtudo a vaidade de supor que entrei melhor do que taõ doutos interpretes no sentido de David, torno a repetir, naõ podendo lizonjear-me de o traduzir exactamente, julguei que mais valia traduzir as impressoens que a sua leitura havia feito em o meu coraçaõ, do que traduzir os conceitos dos seus Expozitores.

Fortalecei, Senhor, meus olhos fracos;
Dai á minha alma força, com que possa
Conhecer e evitar erros e crimes,
Em que cego tropeço.
Se de mim te condoes, se em mim derramas
Teus graciosos dons, teus dons divinos,
Contricto chorarei as minhas culpas;
Detestarei meus erros.
Por tua maõ piedosa entaõ lavado
Do maximo delicto* ante os teus olhos
Sem mancha alhea ou propria, puro e limpo
Exultarei de jubilo.

---

* Eis-aqui outro artigo em que essencialmente difiro de todos os Interpretes e Expozitores do Psalterio. Por delicto maximo Rugilo seguindo a S. Agostinho entende o orgulho ou a soberba, e por isso traduzio assim com o seu costumado languor:—

Deh fa tu poi che in letto, in campo, in soglio
Non m'aveleni il pestilente orgoglio.

Saverio Mattei contrapondo a clauzula *et emundabor a delicto maximo* á expressaõ antecedente *ab occultis meis munda me* subentende comprehendidos no ablativo *a delicto maximo* todos os pecados ou crimes naõ occultos, por isso nota que no Idioma Hebreo *delicto maximo* corresponde a *prevaricatione multa* ou a *delictis multis*, e traduz assim

............Cosi il mio core
Puro sempre sera, ne mai d'immondi
Vizi il vedro já pieno e sozzo.........

No mesmo sentido entendeo Rousseau estas duas clauzulas, e por isso as expressou d'esta maneira:

A ti levantarei meu pensamento,
E de ti occupado noite e dia,
Tua excelsa grandeza contemplando,
Cantarei teus louvores.

Viens m'aider à fuir les vices,
Qui s'attachent à mes pas.
Viens consumer par ta flame
Ceux que je vois dans mon ame,
Et ceux que je n'y vois pas.

Eu porem persuado-me que David desde o versiculo *Timor Domini Sanctus*, &c. tendo em vista a Ley Evangelica, e reconhecendo a necessidade dos socorros da Graça para detestar de todo o coraçaõ os pecados proprios, e merecer a absolviçaõ da pena a que se achasse sujeito em consequencia dos de seus Pais e Avos, nas palavras *ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo*, pede ao Senhor que o alumie, e lhe conceda os auxilios precizos para conhecer e detestar os pecados em que tivesse cahido por ignorancia, ou por efeito da cegueira intelectual, a que todos os descendentes de Adam haviam sido condemnados, e que o releve da pena que deveria sofrer em consequencia dos delictos de seus maiores, cuja puniçaõ, segundo a crença Judaica, era transcendente de pais a filhos até um certo numero de geraçoens. Este preliminar era indispensavel para poder ser participante do beneficio da Redempçaõ, que devia consumar-se pelo Sacrificio do Homem Deos, ou do Medeador annunciado pelos Prophetas, e por isso David patentea ao Senhor esta firme esperança nas palavras "*si mei non fuerint dominati tunc immaculatus ero, et emundabor a delicto maximo*," dizendolhe "se me concedeis esta graça, entaõ (no momento em que se verificar a Redempçaõ) serei purificado do maior de todos os delictos, e ficarei immaculado: ora que o pecado de Adam deve ser considerado como o maior de todos os pecados, he

Teu nome celebrado em meu Psalterio
Será, meu Deos, meu Redemptor, e amparo,
Em sonoroso canto de ti digno,
Aos teus ouvidos grato.

---

evidente, pois que elle he o unico que abrangeo o genero humano inteiro; o unico que para ser perdoado careceo de que o Filho de Deos se offerecesse em sacrificio a seu eterno Pai por todos os homens; e o unico que poude deixar um vicio ou defeito radical na especie, que nem o sangue de Jezus Christo poude extinguir. Se porem naõ he este o pensamento de David, e se eu por consequencia me engano, naõ póde ao menos duvidar-se de que d'este modo ha entre todas as expressoens do Poeta um nexo e uma coherencia, que alias falta, e tornaria bem menos Philosophica, e bem menos Theologica esta admiravel compoziçaõ, a que Theodoreto chama com tanta razaõ o Psalmo das trez Leys.



PSALMO 2º.

Traducçaõ do Psalmo LIV.

ARGUMENTO.

ESTE Psalmo he sem duvida de David, e foi composto no tempo da conspiraçaõ de Absalon contra seu Pay. He notavel pela viveza dos sentimentos, e pela nobreza da expressaõ que o Poeta emprega para fazer sentir o excesso da magoa, aflicçaõ e desgosto, que lhe cauzava a rebeliaõ do Filho, e a traiçaõ do seu maior amigo e principal Conselheiro Achitophel. Na sua inscripçaõ ou epigraphe se lê "Para o fim sobre os Canticos: inteligencia a David." Naõ he só a dificuldade do verdadeiro sentido da primeira clauzula que constitue duvidosa a genuina interpretaçaõ d'esta inscripçaõ: as seguintes naõ saõ de mais facil comprehensaõ, e a totalidade d'ellas parece destituida de Gramatica. Saverio Mattei, seguindo a Calmet, diz que o titulo d'este Cantico he "As palavras saõ de David, e a Muzica do Mestre de Capella dos Neghinots. Parecem-me inuteis as ulteriores observaçoens, a que poderia dar lugar a diversidade e as clauzulas d'este titulo. O Psalmo he como se segue.

PSALMO.

AS suplicas humildes,
Que vos dirijo em lagrimas banhado,
Naõ desprezeis, meu Deos ; ouvi benigno
Os meus instantes rogos.
Meus férvidos suspiros, meus gemidos
Movam-te a piedade.
Devorante tristeza
Me consome as entranhas e me abate.
Sobresaltado a voz dos inimigos
Já ouvir me parece.
Qual Réo de feios crimes convencido,
Frio e pallido tremo.
Horrorosos delictos
Pérfidos fraudolentos me assacaram.
Armaram contra mim a maõ potente,
Que d'antes me afagava.*
Quaes sanhudos Leons a mim se arrojam,
Rugindo enfurecidos.

* Esta clauzula naõ se acha no original : foi por mim acrescentada para aclarar e ampliar o sentido da expressaõ "*Et in ira molesti erant mihi*" por quanto tendo sido este Psalmo composto na occaziaõ em que David se havia no dezerto refugiado da perseguiçaõ de seu Filho Absalon, a consideraçaõ de vêr-se atraiçoado pelos seus mais intimos amigos, e perseguido por um Filho a quem extremosamente



O coraçaõ no peito
Me estremeceo, de susto traspassado.
Da inexoravel Morte a maõ alçada
Já sobre mim devizo.
Tremo de horror: o sangue se me gêla:
Foge-me a luz do dia.
Exclamo espavorido,
Oh quem podéra qual ligeira pomba,
Batendo as leves azas, promptamente
Achar seguro abrigo!
Azas me dá o medo, eis fujo, eis busco
Azilo nos dezertos.
Ali julguei que achasse
Aquelle que a fraqueza de minha alma
Tantas vezes benigno dessipára.
Que os sustos, que os terrores,
Qual leve pó do vento arrebatado,
De meu peito banira.
Senhor, precipitaios.*

---

amava, devia ser por certo para elle a mais pungente e afliotiva, e he impossivel que naõ o occupasse neste momento, suposto que elle claramente naõ o exprima.

* He admiravel o artificio com que o Poeta por meio da suplica que dirige ao Senhor nesta Strophe mostra que naõ se enganou na esperança que havia concebido de o encontrar no fundo do dezerto aonde fôra refugiar-se. Com o espirito inteiramente occupado das desgraças e calamidades que oprimiam Jeruzalem, e cheio de indignaçaõ contra os autores de tantos males, já quazi esquecido dos seus

Dividi suas lingoas venenosas.*
Eu vi, eu vi a mizera Cidade
Confuza, abandonada
Da Iniquidade aos pérfidos conselhos,
Ao conflicto dos impios.
Sem cessar noite e dia
Sobre seus muros rolda a Iniquidade.
Em seu aflicto seio o negro Crime
Orgulhoso domina.

---

proprios, pede ao Senhor que castigue e confunda os que taõ grave opressaõ estaõ causando á desgraçada Cidade. Aqui brilha uma nova e elegante figura propriissima d'este genero de Poezia. O Poeta dezigna os rebeldes opressores do Estado sem os nomear, servindo-se no discurso de um relativo que ali naõ tem sujeito expresso; mas elle neste logar naõ fala ao Leitor, fala ao Deos omnisciente, a quem naõ saõ occultos os nossos mais reconditos pensamentos; e que portanto via claramente na imaginaçaõ de David quem eram aquelles cujo precipicio e confuzaõ elle pedia.

* Os Israelitas, para quem era um ponto de fé, que Deos para mostrar aos homens quanto eram loucos em pertenderem illudir por meios naturaes os castigos da sua indefectivel justiça os pozera em estado de naõ entenderem uns aos outros, fazendo que cada um falasse uma Lingoa diferente, e que assim fossem obrigados a separar-se, e a dezistir da construcçaõ da célebre torre de Babel, empregaram sempre a fraze "divizaõ de Lingoas" metaphoricamente por confuzaõ de pensamentos, e discordancia de opinioens. O que nelles era rezultado de uma crença particular devêra ser em nós consequencia do progresso da Philosophia; pois esta nos mostra que a discordancia das opinioens rezulta ordinariamente de naõ se ligarem as mesmas ideas ás palavras de que nos servimos.

Injustiça, Opressaõ, Trabalhos duros,
Aos pez seu povo calcam.
Sem pejo, sem disfarce,
O Dólo astuto, o devorante Uzura,
Nas suas praças, e mercados reinam.
Já calado naõ posso
Encarar espectaculo taõ torpe,
Taõ dolorosa Scena.*
Tranquilo escutaria
Imprecaçoens, injurias, e calumnias:
O orgulho, a altivez, suportaria
De antigos inimigos,
Que contra mim com odio inveterado
Insultos proferissem.
Mas tu, intimo Amigo,†
Tu, que por doces vinculos ligado
Comigo sempre foste; em cujo voto,
Alma de meus concelhos,
Eu sempre confiei: que á minha meza
Comigo te assentavas:

---

* Estes trez versos naõ tem correspondentes no original; mas o pensamento que elles exprimem pareceu-me necessario para inteirar o discurso e dar sentido á cauzal *quoniam*.

† David neste logar naõ declara quem seja este intimo amigo, este *homo unanimis;* porem a clauzula seguinte *dux meus* e as subsequentes assás indicam que elle tinha em vista Achitophel, seu amigo e seu concelheiro, que fôra um dos que primeiro se declararam por Absalon, e o que lhe aconcelhou que abusasse das molheres de

Tu, que no Santo Templo
Apar de mim aos olhos te mostravas
Dos Filhos de Israel, como he possivel*
Que a medonha Perfidia,
Que a feia Ingratidaõ, naõ te horrorizem,
Que o peito naõ te abalem!

---

seu Pay, como elle escandalosamente fez na prezenca do Povo. Achitophel era olhado pelo seu saber e pela prudencia de seus concelhos, como um homem inspirado por Deos, e David o havià sempre respeitado e estimado com mui particular afeiçaõ, e tinha no seu voto e amizade a mais inteira confiança. No Livro 2° dos Reys Cap. 16, V. 23 se lê, que os concelhos de Achitophel eram geralmente considerados como oraculos celestes, e esta he a razaõ porque David lhe chama seu guia *dux meus*, ou alma de seus concelhos, como eu traduzi.

* Aqui uza o Poeta de um artificio admiravel. Depois de haver dito que talvez suportaria tranquillo as injurias de um inimigo desde longo tempo por tal reconhecido, a ordem natural do discurso pedia que elle continuasse dizendo: mas como he possivel que naõ me horrorize, e naõ me encha de Indignaçaõ a perfidia e ingratidaõ de um concelheiro e amigo a quem eu tinha dado as maiores provas de confiança e amizade; comtudo elle naõ o pratica assim, antes parecendo-lhe com razaõ que ainda he mais extraordinario que um amigo, que tanto lhe devia, naõ se horrorizasse de haver-se levantado contra elle, de haver induzido á rebeliaõ o Filho que elle mais amava, e de o haver aconcelhado a abuzar publicamente das molheres de seu Pay, atropelando assim escandalosamente todos os sentimentos de honestidade, vergonha, respeito, e amôr filial; interrompe a ordem natural da Gramatica, e passando imprevistamente do primeiro pensamento para o segundo, dirige o seu discurso ao amigo rebelde; e admirando-se de que elle naõ se cubra de confuzaõ e pejo, exprime

Ah! venha a morte, venha,
Sobre almas taõ corruptas prompta desça:
Na morada do horror, no fundo abismo,
Viventes as encerre.
Com ellas habitou sempre a nequicia:
Com ella sempre morem.*

---

quanta indignaçaõ lhe inspira um taõ horroroso procedimento; e d'este modo estabelece um perfeito vinculo entre a idea primeiramente expressada, e a idea que se suprime como consequencia visivel da que lhe substitue. Eis-aqui o genero de desordem que os Mestres da Poezia admittem como caracteristica da Lyrica mais sublime, e do qual dificultosamente se poderaõ apontar tantos exemplos dignos de imitaçaõ como os que offerecem os Psalmos do Profeta Rey.

* Já em outro logar adverti que as imprecaçoens de David contra os seus inimigos devem entender-se como annuncio dos castigos que os preversos haõ-de receber da Justiça Divina em consequencia de suas maldades: agora cumpre-me acrescentar que este Psalmo he uma das compoziçoens Hebraicas que mais claramente mostram qual era a opiniaõ dos Israelitas sobre a sorte futura dos homens. Elles naõ tinham (falo do pôvo em geral) nenhuma idea de uma eternidade de premio, nem de um castigo sem fim. Aos bons nos Livros da sua Ley somente se prometia, em recompensa das virtudes que praticassem, longa vida, dilatada descendencia, e fruiçaõ dos bens terrenos: aos máos somente se annunciava como castigo a privaçaõ d'estes bens, as molestias, e serem precipitados em vida nos abismos, ou póço da morte. Era para elles um artigo de Fé, que Deos assignalara a cada homem um determinado tempo de existencia; ao menos assim o pensavam depois que a communicaçaõ com os Assyrios e Chaldeos, e com os povos da Abyssinia e do Indostaõ, começou a introduzir na Religiaõ Judaica alguns principios e dogmas das Theógonias Orientas. Job no Capitulo 14 já tinha dito *statu isti terminos*

Eu ao Deos de piedade
Clamei com rogo humilde e fervoroso
Fiel seu nome invoco; ha-de cobrir-me
Com seu immenso escudo.
A' noite, de manhan, ao meio dia,
Cantarei seu louvores.

---

ejus qui preterire non poterunt: e he crivel que David naõ o ignorasse. Segundo esta maxima modificada pelos principios da Religiaõ Moysaica, os bons deviam preencher este tempo sobre a face da Terra, gozando dos bens que ella produz: os máos deviam ser arrebatados d'ella antes do seu termo final, para irem preencher o resto da sua decretada existencia no interior da mesma Terra, ou seja no abismo a que chamavam Inferno; sofrendo ali penas proporcionadas aos seus crimes. Isto he o que David exprime mui claramente neste Psalmo, dizendo *veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes:* e ainda mais o corrobora quando no ultimo versiculo acrescenta *Virisanguinum et dolosi non demidiabunt dies suos:* os homens crueis e os falsarios naõ preencheraõ neste mundo metade de seus dias: seraõ pois do numero d'aquelles que desceraõ vivos aos infernos para ali receberem o castigo competente aos seus crimes até completarem o prazo que pelo Senhor lhes tiver sido assignalado para a sua existencia. Tal me parece ser o sentido literal das frazes de David, que supesto instruido sobrenaturalmente dos dogmas da Ley da Graça, e certo portanto de que os bons devem gozar de uma eterna bemaventurança, e os máos sofrer penas sem termo, naõ queria nem devia antecipar aos Hebreos um dogma que o Senhor tinha rezervado para lhes manifestar quando viesse completar a Ley que lhes havia dado.

* Esta ordem de tempos he analoga á que os Hebreos seguiam em suas festividades Religiosas. Ellas começavam na vespora á noite, continuavam na manhan seguinte, e terminavam de tarde com

Suas mizericordias,
Que com profuza maõ pio derrama
Sobre os que nelle só firmes confiam,
Com peito agradecido
Pregoarei no Mundo; ha-de benigno
Escutar minhas vozes.
Das crueis maõs dos féros
Aleivosos traidores, que me cercam,
Me arrancará piedoso: elle ha-de dar-me
A paz por que suspiro,
A dôce paz, que ao Justo em vaõ pertendem
Roubar impios nefarios.
O Senhor me defende:
Os vingativos raios, que ante o tempo
Na dextra omnipotente justo empunha,
Ha-de vibrar iroso:

---

a hora que por isso se chamava, e chama ainda agora, de completa. Este uzo naõ era o mero rezultado do seu modo de contar os dias; era tambem uma consequencia das suas ideas Cyclicas. O genero humano tinha decahido da sua primitiva grandeza pelo pecado de nossos primeiros progenitores; devia de ser regenerado, e para isso havia de vir um Redemptor e Medeador entre Deos e o homem, o qual havia de obter do Senhor, que tirasse os descendentes de Adam das trevas ou estado de castigo, em que existiam, e que os restituisse á sua graça simbolizada na luz. Todas as festas Religiosas fundadas nesta crença deviam portanto começar retrassando aos homens a idea do estado de desgraça em que se achavam: deviam depois accender n'elles a esperança de sahirem d'esse estado: e finalmente fazer-lhes entrever a sua futura e venturosa regeneraçaõ.

Com elles aterrar ha-de os preversos,
Que o seu servo preseguem.
Já do sublime Trono,
Que sobre os limpos astros se levanta,
Proferio a sentença irrevogavel.
Já desce a ignea espada
A decepar dos impios as cabeças,
Que soberbos o afrontam
Insanos profanaram
Os juramentos da aliança eterna.
Frigido susto os coraçoens lhe aperta:
Ao vêr em ira accezo
O rosto do Senhor tremem convulsos,
Espavoridos fogem.
Com humildes palavras,
Afectados discursos, mais suaves
Que o óleo mais macio, em vaõ pertendem
Outra vez illudir-me.
Saõ sétas cuja ponta foi ervada
Com torpente veneno.
Oh ditosos aquelles
Que, do Senhor entregues ao cuidado,
Do Mundo nada temem: que nutridos
Saõ pela maõ celeste,
Que os Justos na carreira da virtude
Sem fluctuar sustenta!
Porem quaõ desgraçados
Seraõ os impios!... Tu, Senhor, severo

Inabalavel a clamores nescios,
    Com maõ firme e constante
Nos abismos da morte os precipitas,
    Voraz horrendo Cahos.
    Os crueis, os soberbos,
Os dolosos, os vis calumniadores.
Naõ encheraõ metade do seus dias,
    Sejaes, Senhor, bemdito :
Em vós, meu Deos, confio : em vós somente
    Porei minha esperança.

PSALMO 3°.

Traducçaõ do Psalmo LV.

ARGUMENTO.

NO texto Hebraico tem este Psalmo por titulo ou Epigraphe " Para a pomba muda," ou " a favor da pomba muda" : e como David no Psalmo precedente se compara a si proprio a uma pomba, da qual dezejava ter as azas e a ligeireza, alguns interpretas entenderam que elle se denominava a si proprio nesta Epigraphe pela palavra pomba. O termo Grego στυλογραφια empregado pelos Setenta na sua versaõ parece indicar que este Hymno fôra gravado em uma columna, ou que pelo menos a intençaõ de David, quando o compozera, fôra deixar um monumento indelevel do seu reconhecimento para com o Senhor, que de tantos perigos o libertára. O em que elle se achou em Geth no azilo que buscára junto do Rey Achis, e de que apenas poude escapar fingindo-se louco, foi na verdade um dos maiores em que jamais se achou ; e parece ter sido o que deu occasiaõ á

compoziçaõ d'este Cantico. Na Vulgata o seu titulo he "Para o fim a favor do Povo que foi obrigado a arredar-se dos Santos." Por este Povo, a favor do qual ou por motivo do qual o Profeta Rey entoou este Hymno ao Senhor, parece que se deve entender aquelles Hebreos que vieram unir-se a David, e com elle se refugiaram, depois que este se salvou das maõs de Achis, em a espelunca de Odola. As expressoens d'este Cantico parece-me que correspondem em lingoagem Portugueza ás seguintes.

PSALMO.

HE possivel, Senhor, que te naõ dőa
Ver o teu Servo sem cessar pizado
Aos pés dos impios, que crueis o afligem,
Que feros o atribulam?
Desde que nasce o Sol 'té que se occulta
No vermelho orizonte, se revezam
Insultando-me audazes; procurando
Soberbos humilhar-me.
Na sua multidaõ nescios confiam,
Como se tu do álto sempre attento
Com olho perspicaz naõ distinguisses
Os Justos e os Preversos.

Em ti, meu Deos, confio ; em ti espero ;
Tua mizericordia humilde imploro :
O teu nome adoravel nos meus Hymnos
Será sempre louvado.
Que podem contra mim frageis humanos,
Se teu potente braço me defende ?
Em vaõ minhas palavras ardilosos
Malignos envenenam.
Astutos maquinando a minha perda,
Em vaõ subtiz os passos meus pesquizam :
Em vaõ armam ciladas cavilosas
Para tirar-me a vida.
Teu braço vingador ha-de aterrálos :
Impunido jamais o crime deixas :
No momento da ira iniquos povos
A cinza, a pó reduzes.
Do meu peito os reconditos arcanos
Já patentes te fiz : meu pranto ardente
Na urna lagrimal * com ledo aspecto
Benigno contemplaste.

---

* Na clauzula *posuisti lacrimas meas in conspectu tuo,* parece que o Poeta alude ao uzo praticado pelos antigos póvos de colocarem sobre os tumulos urnas ou vazos destinados a recolher as lagrimas dos que sobre as sepulturas hiam chorar os seus amigos, parentes, ou bemfeitores mortos; uzo que deu origem á formula "*cum lacrymis posuit*" com que rematam muitas inscripçoens de campas ou lapidas sepulchraes. A força d'esta expressaõ indica que David tinha pre-

Hei-de ver, hei-de ver (jamais ficaram
Vans as tuas promessas) derrotados
Ante mim fugitivos e dispersos
Meus crueis inimigos.
Sempre que te invoquei, Senhor piedoso
Benigno me acudiste, e me mostraste
Que só tu és o Deos, a cujo aceno
O Universo obedece.
Teu nome louvarei, tua sciencia,*
Teu poder, tuas obras portentosas,
Sem temer as vinganças, os furores,
Dos homens insensatos.
Tuas promessas tenho na alma escriptas:
Jamais me esquecerá tua bondade:
Teu nome, a tua gloria, em meu Psalterio
Seraõ sempre cantados.
Tu dos laços da morte me arrancaste:
Na dificil estrada da virtude
Os meus passos firmaste; e tu me d'este
A luz que me alumia.
Esta luz immortal, que me encaminha
Para a tua prezença, e que ha-de um dia
Fazer que, astro luzente, eu resplandeça
Na morada dos vivos.

---

zente a promessa feita pelo Senhor no Capitulo 22 do Exodo, de atender aos clamores dos injustamente perseguidos.

* A palavra *Verbum* he ordinariamente tomada nos Livros sagrados no sentido de *sciencia* ou *sabedoria*.

PSALMO 4.º

Traducçaõ do Psalmo LVI.

ARGUMENTO.

ESTE admiravel Psalmo he sem duvida de David, e foi por elle composto quando, para esquivar-se á furia de Saul, se vio forçado a esconder-se com alguns dos seus na espelunca de Engaddi. Consta que a muzica fora composta pelo Mestre dos tocadores do Instrumento chamado Taschath. Porem se esta muzica foi composta pozitivamente para este devoto Hymno, he assás duvidoso; por quanto no seu titulo se lê a inscripçaõ seguinte "Para o fim. Naõ me extermineis:" e esta segunda clauzula parece indicar as primeiras palavras de um Cantico por cuja muzica ou toada este Psalmo devia ser cantado. He admiravel a firmeza com que o Propheta Rey esperava a destruiçaõ e a confuzaõ dos seus inimigos. Parece que uma superior inspiraçaõ o animava quando mais abatido parecia. Elle mesmo confessa que os seus inimigos fizeram acurvar a sua alma, isto he, que o

fizeram vacilar na esperança de suplantálos, e mostra assás claramente que o animo lhe fora restituido em consequencia das fervorosas e humildes suplicas, que na prezença d'esta grande tribulaçaõ dirigio ao Senhor. A traducçaõ se fosse absolutamente literal seria menos poetica do que exige a natureza dos sentimentos, que o santo Rey exprime n'este Cantico.

PSALMO.

PIEDADE, Senhor, de mim piedade
Tende, que em vós confio.
A' sombra esperarei das vossas azas
Da iniquidade o termo.
Aó altissimo Deos, ao Deos eterno,
Meu bemfeitor e ampáro,
Suplicas e clamores incessantes
Dirigirei humilde.
Já do Céo desce a libertar-me prompto
O divinal soccôrro,
Que de oprobrio indelevel cobrir deve
Os feros orgulhosos
Inimigos crueis, que aos pez me calcam,
Que insanos me atropelam.
A irrezistivel candida verdade,
A augusta e compassiva

Mizericordia eterna, as invenciveis
Puras celestes armas
Já ao meu lado vibram, já das garras
Dos Leoens furibundos,
Que em sanha accezos lacerar-me intentam,
Que o somno me quebrantam
Com espantosos hórridos bramidos,
Impávidas me arrancam.
As penetrantes setas, as agudas
Acicaladas lanças,
As talhantes espadas, que nas lingoas,
E nos raivosos dentes,
Impios, insanos, rábidos, ostentam,
De nada lhes valêram.
Aterrou-os, Senhor, a tua gloria,
Que os Céos immensos cerca,
Que magestosa o Orbe inteiro assombra.
Incidiosos laços
Para prender-me com astucia armaram:
Com pezados combates
Sem cessar repetidos, conseguiram
Acurvar a minha alma.
Mas no profundo abismo, que cavavam,
Ante meus proprios olhos,
Por tua maõ potente e justiçosa
Precipitados foram.
Da gratidaõ no fogo sobrehumano
Meu coraçaõ se inflama.

Minha alma agradecida já medita
  Novos soberbos Hymnos
Que o teu nome exaltando, a gloria tua,
  Patente ao Mundo façam.
Assim á eternidade já me arrojo
  Da Cythara sonora,
Da Harpa armoniosa, que benigno
  Em minhas maõs pozeste,
Sem esperar que o Sol desfaça as sombras
  Da pavorosa noite,
Tirarei novos sons jamais ouvidos,
  Que ás mais remotas Gentes,
A's barbaras Naçoens teu nome levem,
  Teu nome soberano.
Tua gloria será engrandecida;
  Tua mizericordia
Acima das estrellas levantada;
  E alem das altas nuvens
Resoará tua verdade santa.
  Sobre os Céos elevado
Te admirará o Mundo humilde e absorto.
  Resplendor scintilante
De luz immensa cercará teu rosto,
  Teu rosto magestoso.

PSALMO 5º.

Traducçaõ do Psalmo LVIII.

ARGUMENTO.

TAMBEM este Psalmo tem na sua Epigraphe a clauzula "Naõ me extermineis:" o que mais me confirma no conceito de que esta clauzula indica um Cantico conhecido por cuja muzica deviam ser cantados os Psalmos assim dezignados. Uma grande parte dos Comentadores e Interpretes entendem que este fôra composto quando Saul pretendeo dar cabo de David dentro da sua propria caza, da qual escapou por industria de Michol sua molher. Eu naõ posso comtudo adoptar esta opiniaõ quando atendo ao contexto d'este Cantico, e principalmente ao versiculo 12, aonde o Poeta, chamando aos Povos seus, claramente se inculca como Soberano. Se esta minha reflexaõ he justa, o Psalmo foi composto por David depois de haver sido ungido, e mesmo reconhecido Rey dos Hebreos. Eu inclino-me a crêr que este Hymno ou Suplica de David diz respeito á rebeliaõ

de seu Filho Absalon, e ao tempo em que aquelle Principe se achava em Jeruzalem executando os horrores, a que o conduziram os preversos conselhos de Achitophel, e dos outros seus sequazes.

PSALMO.

Dos inimigos meus, Senhor, livrai-me;
Salvai-me dos combates perigosos,
Que contra mim meditam
Perfidos cavilosos insurgentes.
Separai-me de infames aleivosos
Que as veredas do crime tortuosas
Sem pejo afoitos trilham:
Salvai-me de inhumanos sanguinarios.
Pôr termo ao meu poder, á minha vida
Já com soberba insania premeditam.
Os Grandes, os Potentes,
Já contra mim por elles se declaram.
Seu furôr deshumano, a sua ira,
Por objecto naõ tem minha maldade.
A estrada da Justiça
Sempre segui sem mêdo, nem desvio.
Senhor, em meu soccôrro acodi prompto;
Vêde os fataes perigos, que me cercam:
Oh! Deos de fortaleza,
Deos de Israel, ah! sêde-me propicio.

Os olhos estendei pelo Orbe inteiro:
As Naçoens castigai que vos desprezam.
Puni sem piedade
Os sectarios do crime revoltosos.
Nas trevas da medonha iniquidade
Confuzos uns aos outros se atropelem:
Girem quaes Caens famintos
Em torno da Cidade uivando anciosos.
Se com lingoa ferina, qual espada
De dois talhantes gumes, proferirem
Blasfemias, impiedades,
Naõ haja quem escute os seus delirios.*
Tu d'elles zombarás, Senhor, eterno,
Impassivel e justo: nos abismos
Sepultarás do nada
Insanos impios, que ofuscar-te intentam.
O lume da razaõ, que na minha alma
Accendeste benigno, a ti consagro:

* David neste logar tinha em vista os Atheos ou impios Philosophadores do seu tempo. A sua piedade o fez olhar os crimes que estes cometiam contra Deos como mil vezes mais dignos de execraçaõ do que a particular injustiça com que o tratavam, e procuravam tirar-lhe a vida. Neste piedoso sentimento tem origem a digressaõ, com que neste logar se aparta do seu primordial assumpto, e a qual no versiculo 12 habilmente encorpora com elle, fazendo sentir que os seus inimigos eram precizamente os que compunham aquella Classe de impios blasfemadores, a favôr dos quaes elle comtudo implora a piedade do Senhor, desculpando quanto he possivel os seus desatinos.

Só a ti he devido;
A ti que o sêr me déste, e o sêr me guardas.
Tua mizericordia antecipada
De mim exige a gratidaõ mais pura.
Por ti meus inimigos
Já derrotados, já dispersos vejo.
Basta, Senhor, da vida naõ os prives:
Naõ aconteça que os meus rudes póvos
Tua maõ desconheçam,
E que alheios dė ti, de ti se esqueçam.
Dispersos e abatidos pela força
Embora sejam de teu braço invicto;
Sejam sim despojados
Da van grandeza, do poder, que os cega.
Seu crime naõ passou da sua boca:
Seus discursos os beiços mal tocaram:
No coraçaõ só tinham
Iluzoria vaidade, orgulho aério.
Suas execraçoens, suas mentiras,
Tu patentes farás no grande dia.
N'esse dia amargoso,
Dia da ira, das maldades termo.*

---

* Quazi naõ ha um só dogma da Religiaõ Christan que naõ se encontre nas Theogonias Orientaes; porem entre todos o que he mais commum nas diversas crenças dos Povos Asiaticos he o da futura vinda do grande Juiz, ou de um Deos que deve reformar os erros, regenerar os costumes, illustrar os entendimentos, e premiando

Entaõ de pejo e de terror opressos,
Conheceraõ, Senhor, que o teu dominio
Desde Jacob se estende
Até aos confins ultimos da Terra.
Mas se no erro antigo se emperrarem,
Confuzos uns aos outros se atropelem;
Girem quaes Caens famintos
Em torno da Cidade uivando anciosos.
Por mais que se dispersem naõ encontrem
Alimento, nem fonte que os sacie:
De cêde devorados,

---

os bons e castigando os máos, restaurar o Seculo da felicidade geral, renovando inteiramente a face da Terra. He verdade que os Hebreos, confundindo como alguns outros Povos Aziaticos as funçoens de Juiz e as de regenerador, reuniam em um só dogma a vinda do Messias ou do Medeador prometido, e a do Julgador Universal: e que os Christaõs certos de que o Deos Redemptor já consumou a sua Obra, somente esperam a sua segunda volta como Julgador no dia que por isso chamamos do Juizo, o qual a Igreja nos seus Canticos denomina *Dies magna et amara valde.* He crivel que David sobrenaturalmente instruido, e divinamente inspirado; naõ ignorando misterio algum da Ley da Graça, tivesse em vista neste logar o Juizo Universal; porem como naõ era elle quem clara e pozitivamente devia annunciar aos homens este dogma, contentou-se com indicálo em termos obscuros, mas já assás desviados da crença Judaica, para fazerem prozumir a quem naõ o tivesse por Propheta, que a leitura dos Livros Orientaes lhe era assás familiar, e que já começava a preparar a introducçaõ dos principios de espiritualismo, e da eternidade dos premios e dos castigos na Religiaõ Moysaica, á qual estas ideas eram absolutamente estranhas.

Oprimidos de fome, em vaõ murmurem.
Que eu aos suaves sons d'Harpa sonora
Cantarei tua excelsa fortaleza ;
Tua mizericordia
Celebrarei desde que raie o dia.
Tu me proteges firme : em ti refugio
Nas tribulaçoens minhas achei sempre :
Meu canto te he devido,
Oh ! meu Libertador, e meu amparo,
Em meus Hymnos serás sempre exaltado :
Ati dedico a Cythara sonora :
N'ella teu nome santo
Será levado ás últimas idades.

PSALMO 6º.

Traducçaõ do Psalmo LIX.

ARGUMENTO.

AINDA que no titulo d'este Cantico, depois das clauzulas " Para o fim " e " Para aquelles que seraõ mudados," se lêa " Para servir de instrucçaõ a David quando queimou a Mesopotamia de Syria, e a provincia de Sobal ; e que Joab na sua volta descarregou um grande golpe na Idumea em o valle das Salinas, derrotando ali doze mil homens ;" naõ he de nenhuma sorte verosimil que este additamento seja conforme á verdade. Sem ligar-me á opiniaõ de nenhum Interprete, ou paraphrazeador, direi que tenho por muito provavel que este Psalmo foi escripto quando David se dispúnha a marchar contra os Philisteos depois de sagrado Rey das doze Tribus em Hebrom, e mesmo depois de haver expulsado os Jebuzeos de Jeruzalem. Entaõ, conforme se lê em o Cap. 5º do Liv. 2º dos Reys, David consultando o Senhor sobre se devia ou naõ atacar os Povos

vizinhos, que se dispunham a fazer-lhe guerra, foi confirmado pelo Summo Sacerdote na idea de naõ esperar que os inimigos o atacassem: e por isso, cheio de confiança, e para inspirála aos seus, considerando o augmento que a força de suas armas havia recebido pela uniaõ das dez Tribus de Israel com as de Juda e Benjamin, que havia mais de sete annos o tinham reconhecido por seu Soberano, se contempla superior á empreza que vai intentar, e pinta já na sua fantazia a Idumea humilhada, e rendidas as suas mais bem fortalecidas Cidades. A traducçaõ levemente paraphrazeada he como se segue.

PSALMO.

SE irado, oh justo Deos, nos repeliste;
Se de ti o teu Povo abandonado
Abatido jazeo; se quazi extincto,
Humilhado e confuzo,
Aflicto suspirou; tu condoido
De nôvo lhe valeste.
A dextra omnipotente, que abalando
A Terra nos seus eixos, de ruinas
Sua face cobrio; que accezos raios
Contra ella fulminára,

Comovida de dó, seus dons benignos
Outra vez lhe despende.
Se inexoravel iracundo rosto
Ao teu Povo mostraste, se severo
Nos forçaste a beber o amargo absintho,
Tambem, Senhor, nos déste
Seguro meio de evitar os tiros
Do teu terrivel arco.
Assim com maõ piedosa das ruinas
Os humildes salvaste, e os que se inflamam
Por ti em puro amor deixaste illezos.
Os meus rogos atende:
Tua voz magestosa já ressôa
No Sanctuario augusto.
A alegria no peito me trasborda.
Sobre Sichem meu Sceptro já se estende.
Já em seus valles o arraial soberbo
Assento destemido:
Já seu contorno messo: já levanto
As alinhadas tendas.
Já Galaad, já Manassés, me seguem:
Já de Ephraim a invicta fortaleza
O diadema segura em minha fronte:
Judá soberbo piza
Com soberano imperio os ferteis campos
De Moab humilhado.
A orgulhosa Idumea as levantadas
Frondosas palmas, que vaidosa ostenta,

Bem depressa a meus pez vêra calcadas.
Bravos estranhos Povos
Ao jugo de Israel haõ-de submissos
Curvar a cerviz dura.
Quem ha que rezistir possa a teu braço?
Naõ es tu quem dirige em sua marcha
Minhas guerreiras ordenadas hostes?
Quem em torno as coloca
Dos altos muros, das soberbas torres
Das munidas Cidades?
Tu, Senhor, me convidas, tu me acenas
A debelar a bárbara Idumea.
Se Deos forte e terrivel te mostraste,
Quando nos repeliste;
Agora, que benigno nos proteges,
Serás menos potente?
Da-nos, Senhor, auxilio: accende a chama
De indomavel valor em nossos peitos:
Em vaõ na propria força se confiam
Mizeros insensatos,
Que o teu poder e gloria desconhecem,
Que o teu nome desprezam.
Nós em ti confiamos, nós comtigo
Prodigios de valor bravos faremos:
De um leve sopro os feros inimigos,
Que insanos nos afrontam,
Seraõ por ti ao nada reduzidos,
Qual pó que o vento espalha.

PSALMO 7.º

Traducçaõ do Psalmo LXI.

ARGUMENTO.

A Epigraphe d'este Cantico he a seguinte: "Para o fim: para Idithun. Psalmo de David." Pelo menos assim se lê na Vulgata. Saverio Mattei porem, naõ fazendo cazo da primeira clauzula, interpreta as outras duas dizendo que "A letra he de David, e a musica de Idithun." O objecto do Psalmo parece naõ ter sido conhecido pelos Interpretes e Expozitores: alguns pensam que elle foi escripto na mesma occaziaõ que o precedente, isto he, no tempo da conspiraçaõ de Absalon: he certo que pelo contexto d'este Hymno naõ se pode reconhecer em que tempo elle foi composto; mas vê-se claramente que foi destinado a confundir os impios que negavam a existencia de Deos, ou pelo menos a sua Providencia e Justiça, e que o Propheta Rey pretende inspirar no seu Povo aquella firme confiança em Deos, que devêra ser inseparavel de todo o sêr

racional capaz de conhecer o Ente Supremo, ou a primeira Cauza inteligente e activa, de que depende a conservaçaõ e a ordem do Universo.

PSALMO.

ESTE sôpro celeste, que me anima,
Por ventura naõ he a Deos sujeito?
Meu ser, minha existencia,
Minha conservaçaõ, minha ventura,
Naõ nasce, naõ depende
Do motor do vastissimo Universo?
Teus discursos, oh impio, naõ me abalam.
Elle he o meu Senhor, a minha guia,
Meu bemfeitor e amparo.
De balde contra mim tentas insano
Combates mil sem termo:
Debil muro naõ sou desaprumado.
Anima-me um espirito indelevel,
Que tu de balde confundir intentas.
Sensivel á vaidade
De perfidas lizonjas me acautélo.
Louva-me a tua boca,
Teu coraçaõ maldiz-me, e me detesta.

Em vaõ subtil a sede de vangloria
Em minha alma excitar tentas astuto:
Sempre ao Senhor submissa
Humilde a encontrarás: d'elle depende
A docil paciencia
Com que manso te escuto, e te suporto.
Sem desvio na estrada da Justiça
Os passos seguirei do Deos eterno,
Meu Salvador e amparo.
A minha segurança n'elle firmo,
Minha ventura e gloria:
N'elle se funda só minha esperança.
Esperai no Senhor, Povos do Mundo:
Abri-lhe com candura os vossos peitos,
Os coraçoens mostrai-lhe.
Elle he o nosso Deos, o nosso amparo,
Nosso refugio eterno,
Eterno bem, eterna gloria nossa.
Mas os filhos dos homens vaõs, e loucos,
Enganadores, nescios, mentirosos,
Em infiel balança
Astuciosos perfidos nos pezam.
Illudir-nos intentam
Com fingidos louvores, vaõs aplauzos.
Da iniquidade o bem jamais procede:
N'ella naõ espereis; rapina infame
Detestai com firmeza.
De enganosas riquezas na torrente

Os coraçoens se afogam,
Que de aparencias vans nescios se encantam.
Escutai as sentenças adoraveis
Do Senhor pela boca proferidas:
Nos coraçoens gravai-as.
De Deos tudo depende: justo e pio,
Clemente e generoso,
A virtude premêa; o vicio pune.

PSALMO 8.º

Traducçaõ do Psalmo LXIII.

ARGUMENTO.

ESTE Cantico he verdadeiramente uma deprecaçaõ, em que David pede ao Senhor que lhe acuda, e o protéja como já outras vezes fizéra. Ignora-se qual foi a calamidade ou aflicçaõ que deu cauza a que elle o compozesse. No seu titulo se lê somente " Para o fim. Psalmo de David."

PSALMO.

MINHAS deprecaçoens, meu rogo ardente,
Benigno escuta, oh Deos de piedade;
Minha alma desassombra dos terriveis
Temores que me cercam.
Já outr'ora, Senhor, me protegeste:
De malignas cabálas me salvaste:
Do seio me arrancaste do preverso
Bando immoral dos impios.

Em vaõ as crueis lingoas afiáram,
  Qual cortadora espada: insidiosos
  Em vaõ ervadas setas embebêram
    Nos fraudolentos arcos.
A innocencia ferir com maõ occulta
  De balde pretenderam, congregados
  Em maligno concelho, consultando
    Como a salvo aterrála.
Astuciosos meios ajustaram
  De armar-me occultos cavilosos laços:
  Inevitaveis seus ardiz cruentos
    Vaidosos se figuram.
Com subtil agudeza falsos crimes
  Para imputar-me destros excogitam;
  Innocentes acçoens desfigurando
    Com fraudolosas cores.
A cavilosa astucia lhes falece.
  Quanto no seio lúgubre da iniqua
  Hypocrita Malicia mais se entranham,
    Mais ao Senhor exaltam.
Elle o véo lhes arranca; aos pez o calca:
  De suas setas quebra a força insana:
  Contra elles as vira, e suas lingoas
    A elles só deprimem.
Assim, Deos justo e forte, os confundiste:
  Da Innocencia o triunfo assim firmaste,
  Atónitos deixando os que admirados
    Nescios os aplaudiam.

Santo temor nos peitos derramaste
  Dos que a illuzaõ cegava, suas bocas
  As tuas maravilhas apregoam;
    O teu poder confessam.
Em vós, Senhor, o Justo só se alegra;
  Em vós somente espéra: em vós confia:
  Louvor eterno a rectidaõ merece
    Das almas innocentes.

PSALMO 9°.

Traducçaõ do Psalmo LXIV.

ARGUMENTO.

NO texto Hebraico, e na ediçaõ Grega dos Setenta, o titulo d'este Hymno he meramente "Para o fim. Psalmo de David," mas na Vulgata a esta inscripçaõ se acham addicionadas as seguintes clauzulas, "Cantico de Jeremias, e de Ezechiel, para o Povo que tem sido transportado quando começava a sahir:" o que indica que na volta do Cativeiro de Babilonia os dois Cantores ou Muzicos, Jeremias e Ezechiel, que cumpre naõ confundir com os Prophetas dos mesmos nomes, adoptaram este Cantico para ser cantado no Templo em acçaõ de graças pela liberdade do Povo. Entretanto he evidente pelo contexto do proprio Hymno, que David o compoz por occaziaõ de alguma grande tempestade, e aturada chuva, que havia enchido os animos de susto e de terror. O santo Rey naõ somente agradece com o Povo a cessaçaõ d'aquelle fenomeno, que tantas aflicçoens e receios havia occazionado; porem mais instruido do que o commum dos seus, mostra ao Povo

que as chuvas e as trovoadas saõ fenomenos fyzicos que se ás vezes trazem comsigo alguns damnos e perigos, se devem considerar em geral na ordem das couzas uteis ao homem pelos efeitos que produzem, e pela influencia que tem na vegetaçaõ das plantas, no desenvolvimento dos germes, e na maturaçaõ dos fructos.

PSALMO.

NO erguido sume do Sion ressoem
Alegres hymnos ao Senhor devidos,
E o povo grato na Cidade santa
Votos lhe off'reça.
Benigno ouviste meus humildes rogos,
Oh Deos clemente; de tropel já correm
A ti os filhos de Israel, que aflictos
Antes gemiam.
Posto que cegos da impiedade as vozes
Nescios seguiram, que infieis te foram,
Tu compassivo a merecida pena
Lhes mitigaste.
Feliz aquelle que por tua escolha
A' sombra existe de teu nome santo:
Seguro abrigo, habitaçaõ ditosa
Tem nos teus átrios.

No teu alcaçar inexhausta fonte
  De bens borbulha: no teu sacro Templo
  A san Justiça, a Piedade afavel,
    Meigas se abraçam.
Benigno atende, oh Salvador piedoso,
  As nossas preces: em ti só confiam
  Bosques, e Campos, levantadas Serras,
    Remotas Ilhas.
Ao leve acêno de teu braço forte
  Tremem os montes: e do mar no fundo
  O som retumba do fragor medonho
    Das bravas ondas.
De frio susto os coraçoens se gelam:
  Os habitantes do turbado Mundo
  Pallidos notam os sinaes tremendes
    Da tua ira.
Depois da escura tempestade horrivel,
  Léda renasce a pudibunda Aurora:
  Sereno o Sòl aos orizontes desce:
    Reina a alegria.
Assim consolas o assustado Globo:
  Assim sobre elle novos bens derramas:
  Já do seu seio, que o calor fecunda,
    Brota a abundancia.
Essas correntes, que do Céo desatas,
  A terra alentam, que sulcára o ferro:
  Do vivo germe, que no graõ se encerra,
    Os laços quebram.

PSALMO 7º.

Traducçaõ do Psalmo LXI.

Argumento.

A Epigraphe d'este Cantico he a seguinte: "Para o fim: para Idithun. Psalmo de David." Pelo menos assim se lê na Vulgata. Saverio Mattei porem, naõ fazendo cazo da primeira clauzula, interpreta as outras duas dizendo que "A letra he de David, e a muzica de Idithun." O objecto do Psalmo parece naõ ter sido conhecido pelos Interpretes e Expozitores: alguns pensam que elle foi escripto na mesma occaziaõ que o precedente, isto he, no tempo da conspiraçaõ de Absalon: he certo que pelo contexto d'este Hymno naõ se pode reconhecer em que tempo elle foi composto; mas vê-se claramente que foi destinado a confundir os impios que negavam a existencia de Deos, ou pelo menos a sua Providencia e Justiça, e que o Propheta Rey pretende inspirar no seu Povo aquella firme confiança em Deos, que devêra ser inseparavel de todo o sêr

racional capaz de conhecer o Ente Supremo, ou a primeira Cauza inteligente e activa, de que depende a conservaçaõ e a ordem do Universo.

PSALMO.

ESTE sôpro celeste, que me anima,
Por ventura naõ he a Deos sujeito?
Meu ser, minha existencia,
Minha conservaçaõ, minha ventura,
Naõ nasce, naõ depende
Do motor do vastissimo Universo?
Teus discursos, oh impio, naõ me abalam.
Elle he o meu Senhor, a minha guia,
Meu bemfeitor e amparo.
De balde contra mim tentas insano
Combates mil sem termo:
Debil muro naõ sou desaprumado.
Anima-me um espirito indelevel,
Que tu de balde confundir intentas.
Sensivel á vaidade
De perfidas lizonjas me acautélo.
Louva-me a tua boca,
Teu coraçaõ maldiz-me, e me detesta.

Em vaõ subtil a sede de vangloria
Em minha alma excitar tentas astuto:
Sempre ao Senhor submissa
Humilde a encontrarás: d'elle depende
A docil paciencia
Com que manso te escuto, e te suporto.
Sem desvio na estrada da Justiça
Os passos seguirei do Deos eterno,
Meu Salvador e amparo.
A minha segurança n'elle firmo,
Minha ventura e gloria:
N'elle se funda só minha esperança.
Esperai no Senhor, Povos do Mundo:
Abri-lhe com candura os vossos peitos,
Os coraçoens mostrai-lhe.
Elle he o nosso Deos, o nosso amparo,
Nosso refugio eterno,
Eterno bem, eterna gloria nossa.
Mas os filhos dos homens vaõs, e loucos,
Enganadores, nescios, mentirosos,
Em infiel balança
Astuciosos perfidos nos pezam.
Illudir-nos intentam
Com fingidos louvores, vaõs aplauzos.
Da iniquidade o bem jamais procede:
N'ella naõ espereis; rapina infame
Detestai com firmeza.
De enganosas riquezas na torrente

Os coraçoens se afogam,
Que de aparencias vans nescios se encantam.
Escutai as sentenças adoraveis
Do Senhor pela boca proferidas:
Nos coraçoens gravai-as.
De Deos tudo depende: justo e pio,
Clemente e generoso,
A virtude premêa; o vicio pune.

PSALMO 8.º

Traducçaõ do Psalmo LXIII.

ARGUMENTO.

ESTE Cantico he verdadeiramente uma deprecaçaõ, em que David pede ao Senhor que lhe acuda, e o protéja como já outras vezes fizéra. Ignora-se qual foi a calamidade ou afliçaõ que deu cauza a que elle o compozesse. No seu titulo se lê somente "Para o fim. Psalmo de David."

PSALMO.

MINHAS deprecaçoens, meu rogo ardente,
Benigno escuta, oh Deos de piedade;
Minha alma desassombra dos terriveis
Temores que me cercam.
Já outr'ora, Senhor, me protegeste:
De malignas cabálas me salvaste:
Do seio me arrancaste do preverso
Bando immoral dos impios.

Em vaõ as crueis lingoas afiáram,
  Qual cortadora espada: insidiosos
  Em vaõ ervadas setas embebêram
    Nos fraudolentos arcos.
A innocencia ferir com maõ occulta
  De balde pretenderam, congregados
  Em maligno conoelho, consultando
    Como a salvo aterrála.
Astuciosos meios ajustaram
  De armar-me occultos cavilosos laços:
  Inevitaveis seus ardiz cruentos
    Vaidosos se figuram.
Com subtil agudeza falsos crimes
  Para imputar-me destros excogitam;
  Innocentes acçoens desfigurando
    Com fraudolosas cores.
A cavilosa astucia lhes falece.
  Quanto no seio lúgubre da iniqua
  Hypocrita Malicia mais se entranham,
    Mais ao Senhor exaltam.
Elle o véo lhes arranca; aos pez o calca:
  De suas setas quebra a força insana:
  Contra elles as vira, e suas lingoas
    A elles só deprimem.
Assim, Deos justo e forte, os confundiste:
  Da Innocencia o triunfo assim firmaste,
  Atónitos deixando os que admirados
    Nescios os aplaudiam.

Santo temor nos peitos derramaste
  Dos que a illuzaõ cegava, suas bocas
  As tuas maravilhas apregoam;
    O teu poder confessam.
Em vós, Senhor, o Justo só se alegra;
  Em vós somente espéra: em vós confia:
  Louvor eterno a rectidaõ merece
    Das almas innocentes.

PSALMO 9°.

Traducçaõ do Psalmo LXIV.

ARGUMENTO.

NO texto Hebraico, e na ediçaõ Grega dos Setenta, o titulo d'este Hymno he meramente "Para o fim. Psalmo de David," mas na Vulgata a esta inscripçaõ se acham addicionadas as seguintes clauzulas, "Cantico de Jeremias, e de Ezechiel, para o Povo que tem sido transportado quando começava a sahir :" o que indica que na volta do Cativeiro de Babilonia os dois Cantores ou Muzicos, Jeremias e Ezechiel, que cumpre naõ confundir com os Prophetas dos mesmos nomes, adoptaram este Cantico para ser cantado no Templo em acçaõ de graças pela liberdade do Povo. Entretanto he evidente pelo contexto do proprio Hymno, que David o compoz por occaziaõ de alguma grande tempestade, e aturada chuva, que havia enchido os animos de susto e de terror. O santo Rey naõ somente agradece com o Povo a cessaçaõ d'aquelle fenomeno, que tantas aflicçoens e receios havia occazionado; porem mais instruido do que o commum dos seus, mostra ao Povo

que as chuvas e as trovoadas saõ fenomenos fyzicos que se ás vezes trazem comsigo alguns damnos e perigos, se devem considerar em geral na ordem das couzas uteis ao homem pelos efeitos que produzem, e pela influencia que tem na vegetaçaõ das plantas, no desenvolvimento dos germes, e na maturaçaõ dos fructos.

PSALMO.

No erguido cume do Sion ressoem
Alegres hymnos ao Senhor devidos,
E o povo grato na Cidade santa
Votos lhe off'reça.
Benigno ouviste meus humildes rogos,
Oh Deos clemente; de tropel já correm
A ti os filhos de Israel, que aflictos
Antes gemiam.
Posto que cegos da impiedade as vozes
Nescios seguiram, que infieis te foram,
Tu compassivo a merecida pena
Lhes mitigaste.
Feliz aquelle que por tua escolha
A' sombra existe de teu nome santo:
Seguro abrigo, habitaçaõ ditosa
Tem nos teus átrios.

No teu alcaçar inexhausta fonte
De bens borbulha: no teu sacro Templo
A san Justiça, a Piedade afavel,
Meigas se abraçam.
Benigno atende, oh Salvador piedoso,
As nossas preces: em ti só confiam
Bosques, e Campos, levantadas Serras,
Remotas Ilhas.
Ao leve acêno de teu braço forte
Tremem os montes: e do mar no fundo
O som retumba do fragor medonho
Das bravas ondas.
De frio susto os coraçoens se gelam:
Os habitantes do turbado Mundo
Pallidos notam os sinaes tremendos
Da tua ira.
Depois da escura tempestade horrivel,
Léda renasce a pudibunda Aurora:
Sereno o Sol aos orizontes desce;
Reina a alegria.
Assim consolas o assustado Globo:
Assim sobre elle novos bens derramas:
Já do seu seio, que o calor fecunda,
Brota a abundancia.
Essas correntes, que do Céo desatas,
A terra alentam, que sulcára o ferro:
Do vivo germe, que no graõ se encerra,
Os laços quebram.

Eis convertidas em subtiz vapores
De nôvo aos ares inveziveis sobem,
E transformadas em miudo orvalho
A' terra voltam.
Luzente aljofar nas virentes folhas
Das tenras plantas gracioso brilha,
Quando no Oriente os rutilantes raios
De Sol apontam.
Veceja alegre a rociada varzea:
Vastas Leziras, empinados montes,
De tuas bençoens os influxos sentem;
Fartura ostentam.
Incultas Serras, charnecosos Campos,
Viçoso pasto ao nedio Gado off'recem:
Loiras espigas na seára ondeam,
Que os valles cobre.
Assim te mostras providente e sabio:
Assim clemente o Povo teu te aclama;
E grato é lédo em teu louvor entôa
Devotos hymnos.



PSALMO 10º.

Traducçaõ do Psalmo LXV.

ARGUMENTO.

A INSCRIPÇAÕ d'este Psalmo na Vulgata he a seguinte: "Para o fim: Cantico ou Psalmo da Resurreiçaõ," porem esta ultima clauzula naõ se lê nem no texto Hebraico, nem na ediçaõ dos Setenta. He provavel que fosse acrescentada para indicar que este Psalmo he misterioso e prophetico. O seu sentido literal parece indicar que elle foi composto quando os Israelitas começavam a regressar do Cativeiro da Babilonia, ou quando já se achavam restituidos ao seu paiz natalicio. Como querque seja, elle he um cantico de acçaõ de graças exprimido com grande força de imaginaçaõ e viveza de sentimentos da mais profunda e bem entendida piedade. As rápidas e inesperadas transiçoens de que este Hymno estácheio, e a grande variedade dos pensamentos nelle expressados, me determinaram a traduzilo sem sujeitar as suas Strophes a uma medida constante, persuadido de que a desigualdade das divizoens d'este sagrado

Cantico concorreria para melhor exprimir a alegria, e a agitaçaõ de espirito do Poeta no momento em que cheio de entuziasmo o compunha, e talvez cantava ao som da sua Harpa.

PSALMO.

I.

De jubilo exultai, Povos da Terra,
De Jeheovah o Nome
Em armonicos hymnos celebrado
Com louvor incessante por vós seja.
Do Senhor do Universo
A gloria engrandecei em vossos cantos.
Ah! dizei-lhe submissos
Saõ grandes saõ terriveis
Da tua maõ as obras portentosas:
Seu numero infinito
Confundirá teus feros inimigos
Que o teu poder insanos desconhecem.

II.

O Mundo inteiro reverente culto
Humilde te tribute; e em ledos córos
O teu Nome celebre.

Vinde, oh Filhos dos homens, promptos vinde,
Ás obras admirai, as maravilhas
Do Senhor, que em seu seio providente
Estupendos projectos
Sabio concebe, justo realiza.

III.

Notai como prepára
Como atento dispoem os seus dezignios.
Elle divide as ondas Erythreas,
Do mar o seio árido vós mostra:
Do Jordaõ caudaloso
As agóas suspendendo, nova estrada
Indica ao Povo errante,
Que de prazer e pasmo penetrado
Em canticos exulta de alegria.

IV.

Seu poder infinito
O Universo domina; Leis eternas
Por elle só dictadas
Regem da Natureza o vasto curso.
Seus olhos vigilantes
Tem fitos sobre nos: em vaõ prozumem
Com indiscreto orgulho os que o afrontam
Illudir de seu braço os justos golpes.

V.

Bemdizei o Deos grande:
Fazei ouvir, oh Povos venturosos
A vossa voz em canticos festivos:
Ressoe o seu louvor nas vossas Harpas.
Do meio dos perigos
Elle me libertou, salvou-me a vida:
Elle firmou meus passos vacilantes
Nas estreitas veredas da virtude.

VI.

Qual preciosa prata
Por ti fomos no fogo acrisolados:
Em viva ardente fragoa
Nossa constancia e firme fé provaste.
Nos laços, que inimiga maõ armára,
Nos fizeste cahir: males sem conto,
Crueis tribulaçoens, nos oprimiram.
De pezadas cadeas carregados,
O dominio sofremos
De orgulhosos, crueis, desapiedados,
De barbaros Senhores.
Rezignados e humildes, suportámos
Oprobrios, e opressoens, té que benigno
A carregada nuvem dessipaste,
Que sobre nós irada

Congelado granizo, ardentes raios,
    Furiosa despedia.

VII.

    De novo triunfaste.
Por ti de nova gloria coroado
No teu sagrado augusto Sanctuario
    Devotos holocaustos
Hoje te offertarei : assim cumpridos
    Seraõ os puros votos
Que meus trémulos labios proferiram
    No meio dos perigos.

VIII.

    No seio das terriveis
Crueis tribulaçoens, que me oprimiam,
Quantas vezes aflicto, a voz erguendo,
    Te disse, oh Deos immenso,
Oh Deos de piedade, se me salvas
Dos horriveis perigos, que me cercam,
    Victimas preciosas
Seraõ nas tuas âras sacrosantas
    Por mim offerecidas.
    Ali cheiroso incenso,
    Ali tenros Cordeiros,
Os bois mais nédios, os mais nédios cápros,

De meus longos rebanhos e manadas,
Pelo sagrado fogo
Consumidos seraõ em honra tua.

IX.

Atentos escutai-me,
Oh vós, em cujos peitos
De Deos o temor santo puro existe;
Eu vou narrar os grandes beneficios,
A suave clemencia,
Com que o Senhor piedoso honrou minha alma.

X.

Ergui a minha voz, os meus clamores
Tocaram seus ouvidos.
Meus ocultos gemidos, meus suspiros,
Seu coraçaõ benéfico movêram.
Se a feia Iniquidade
No meu peito existisse,
Ouvira-me o Senhor?...Ah! naõ por certo.
O Senhor escutou-me,
O Senhor atendeo as minhas preces;
Porque vio que em minha alma puro ardia
Do seu amor o fogo inextinguivel.

XI.

Bemdito por nós seja o Deos eterno,
O Deos de piedade,

Que as suplicas humildes do seu Servo
Se dignou escutar, que a sua immensa
Pura mizericordia
Sobre elle derramou com maõ profuza.



PSALMO 11°.

Traducçaõ do Psalmo LXVI.

ARGUMENTO.

NENHUMA certeza ha de que este Psalmo seja compoziçaõ de David, naõ obstante que na Vulgata elle se acha com a inscripçaõ seguinte "Para o fim: sobre os Hymnos. Psalmo ou Cantico de David." O nome do Propheta Rey naõ se acha no original Hebraico. He talvez esta compoziçaõ um d'aquelles Canticos, ou breves Psalmos, que os Sacerdotes tinham composto para cantar no Templo na occaziaõ de suplicas ou preces geraes, reunindo para isso alguns versiculos de diferentes Psalmos mais acomodados ás circunstancias das festividades a que eram aplicados. A clauzula—sobre os Hymnos—parece indicar que este Cantico era tambem destinado para servir de remate aos Hymnos privativos d'aquellas festividades que naõ tinham por objecto as preces communs, e que por isso acrescentavam, para que no Templo jamais deixasse de haver este genero de de-

precaçoens que tem por fim immediato a honra e gloria de Deos.

PSALMO.

I.

De nós mizericordia
Tenha o nosso bom Deos: elle derrame
Piedoso sobre nós as suas bençoens.
Seu rosto rutilante
Mais do que o claro Sol elle nos mostre:
De nós se compadeça.

II.

Da virtude o caminho
Ensina-nos, Senhor; tu nos aponta,
Em quanto sobre a Terra respiramos,
Os trilhos da Justiça:
Da salvaçaõ os meios reconheçam
As Naçoens do Universo.

III.

Por Senhor te confessem
Até os Povos que dispersos vivem

Nas rudes selvas, nas incultas brenhas,
Das regioens ignotas.
Naõ haja um homem só, oh Deos eterno,
Que humilde naõ te adore.

IV.

Exultem de alegria
Todos ao ver que com igual justiça,
Com doçura e piedade, os póvos julgas.
Ao ver que sabio e recto
Diriges as Naçoens, e lhes prepáras
Ventura inalteravel:

V.

Confessem-te humilhados:
Teu nome santo adorem reverentes
Todos os póvos, todas as idades.
A tua luz já brilha:
Já o Mundo esclarece: a Terra esteril
Naõ será de virtudes.

VI.

Suas bençoens celestes
Espalhe sobre nós o Deos eterno,
O nosso Deos, Deos unico, Deos santo.
O seu temor, origem
De todas as virtudes, se propague
Té aos confins da Terra.

PSALMO 12°.

Traducçaõ do Psalmo XVII.

ARGUMENTO.

O TITULO ou inscripçaõ d'este Psalmo he o seguinte " Para o fim. Psalmo ou Cantico de David mesmo," Saverio Mattei o traduz nas palavras seguintes " A Poezia e a Muzica saõ de David." O mesmo elegante traductor diz que este sagrado Cantico fôra composto na occaziaõ em que a Arca da Aliança foi transferida da Caza de Obededom para o Tabernaculo de Siaõ. Por quaõ verosimil esta opiniaõ se figure, e naõ obstante que seja seguida por muitos, ella naõ he universalmente adoptada. Alguns interpretes ha que apezar do titulo d'este Cantico o naõ atribuem a David. Os que saõ de parecer que este Psalmo fôra composto por occaziaõ da derrota do exercito de Sennacherib, de certo o naõ julgam compoziçaõ d'aquelle santo Rey. Como querque seja, he certo que durante muitos annos, sempre que a Arca da Aliança era transferida de um para outro

logar, se cantava a primeira Strophe ou versiculo d'este Psalmo, o que assás prova que os Hebreos o julgaram sempre muito proprio para a celebraçaõ d'esta festividade. Sem entrar no sentido mistico d'esta sagrada compoziçaõ, o que somente ouzo asseverar he que o seu sentido natural he assás dificil de comprehender; e que portanto a sua traducçaõ he no meu conceito por extremo dificultosa. Entretanto aprezento-a segundo a minha fraca inteligencia: e com ella remato a tarefa que me propuz enchendo como me foi possivel os vazios ou interrupçoens que o meu douto amigo deixou na sua traducçaõ da primeira metade do Psalterio. Oxalá este meu imperfeito trabalho aparecesse unido ao seu, como eu dezejava.

PSALMO.

LEVANTA-TE, Senhor, o teu luzente
Formoso rosto fulgurante mostra:
Dissipa os inimigos,
Que insanos te perseguem.
Os nescios orgulhosos, que te odêam,
Deslumbrados ao ver-te, de ti fujam.
Qual fumo que no ár se desvanece,
Ou qual cêra ao calor do fogo exposta,

Que apenas derretida
Subtil se esconde aos olhos,
Assim desappareçam os preversos
A' vista do teu rosto magestoso.
Exultem de alegria os innocentes;
Os justos uns aos outros se festejem.
De jubilo inefavel
Defronte do Deos santo
Perenne fonte placidos disfructem:
Torrente eterna de delicias gozem.
Alegres entoai festivos cantos:
De Deos o grande nome celebrado
Em vossos hymnos seja.
Abri, abri caminho
Ao vencedor intrépido da morte;*
Seu nome he o Senhor: tremei, oh impios.

---

* A clauzula "*Iter facite ei, que ascendit super occasum.*" Abri caminho áquelle que se eleva sobre o ocaso " he certo que só figurativamente pode ter o sentido que lhe damos na traducçaõ. Porem alem de que este sentido he o mais conforme á inteligencia dos interpretes orthodoxos, parece-me o mais natural, Que o Poeta neste logar se exprimio figuradamente he cousa que naõ pode entrar em duvida, pois que elle certamente queria exprimir algum pensamento e a fraze " levantar-se sobre o ocaso " considerada literalmente, nada significa. O Sol e todos os Astros que naõ saõ circumpolares, levantam-se ou apparecem no Orizonte, e elevando-se até chegarem ao meridiano, começam a descer para o Occidente, aonde se escondem aos olhos de quem os observa. No sentido natural a fraze de que se trata seria portanto um absurdo, ou exprimiria o

Vós, justos, exultai á sua vista:
Seu amparo buscai; elle protege
O mizero pupilo:
A viuva defende.
No Sanctuario augusto está presente:
Nas almas rectas co' à virtude mora.

---

contrario da verdade. Que o Poeta fala de Deos neste logar he evidente: assim como he sem duvida que as ideas da unidade e da espiritualidade d'este ser infinito tiveram origem nas Theogonias dos Povos orientaes, quero dizer, foram primeiro conhecidas pelos Povos Indianos ou por outros Aziaticos habitadores das regioens situadas ao Oriente da Judea. He pois muito possivel que David, em cujo tempo as naçoens Theologicas dos Caldeos, Persas, e Assyrios; comecavam a introduzir-se no Systhema Religioso dos Judeos, aludisse neste passo a aquellas sublimes noçoens; e que tendo em vista a novidade d'ellas para os Israelitas, lhes quizesse dizer " dai logar no vosso espirito a estas ideas mais aperfeiçoadas da Divindade, que desde longo tempo foram adoptadas pelos Povos Orientaes: ellas naõ saõ contradictorias com as noçoens que vós tendes de Deos, antes a tornam mais prefeita, e por isso já começam a gozar do assentimento dos homens mais doutos das Naçoens Occidentaes. Este sentido naõ seria na verdade improprio; nem poderia regeitar-se segundo os principios da Hermeneutica profana. Entretanto he certo que os termos Astronomicos—Oriente e Occaso saõ derivados de vozes que na sua primitiva e natural significaçaõ exprimiam as ideas de *nascimento* e *morte*; e que os Poetas os tem empregado e empregam ainda metaforicamente neste sentido. Tambem naõ he menos certo que sendo a noçaõ de Deos ou de um Ser Sempiterno e Independente excluziva da idea de morte, nada parece mais natural do que entender pelas palavras " aquelle que se levanta sobre o occaso, ou aquelle que está superior ao occaso " aquelle que naõ he

Se os grilhoens férreos, que arrastrára humilde
Cativo pé, com força sobrehumana,
Despedaçou benigno;
Tambem do seio escuro
Arrancará dos cárceres immundos
Os que sem esperança nelles jazem.
Quando, Senhor, á frente caminhavas
Do pôvo teu no inhospito dezerto,
Ao teu aceno a Terra
Tremendo obedecia:
Das pedras rebentavam vivas fontes;
Sustento salutar do Céo descia.
No alto do Synai te aprezentaste
Com terrifica pompa magestoso:
Nos valles retumbava
Pavoroso ruido
De trovoens redobrados: ante a face
Do seu Deos Israel estremecia.
Com benéfica chuva fertilizas
Os sequiosos languidos terrenos,
Que ao teu aflicto povo
Benigno destinaste:

---

sujeito á morte, ou aquelle que he superior á morte. Comtudo como este Psalmo he uma compoziçaõ prophetica, e o nosso Redemptor Jezus Christo, objecto de quazi todas as prophecias, ressuscitou glorioso ao terceiro dia depois da sua morte, a aplicaçaõ d'este texto á sua gloriosa ressurreiçaõ he sem duvida a mais natural e obvia, e a mais conforme á inteligencia de um interprete Christaõ.

Verdes viçosas plantas já povôam
Os campos antes áridos e estereis.
Já os Gados encontram tenro pasto ;
Já pelo alpestre monte alegres saltam.
Os pobres abençoam
Tua maõ generosa,
Que benéfica assim liberaliza
Abundante dulcissima fartura
Dotados de eloquencia persuaziva ;
De sublime Sciencia revestidos
Seraõ os pregoeiros
Da Ley sagrada e pura
Que ha-de trazer ao teu suave jugo
Selvaticas Naçoens, polidos povos.
Os Reys mais poderosos, mais guerreiros,
Vencidos se veraõ : ver-se-haõ prostrados
Diante do escolhido
Adoravel objecto
Do teu amor : riquissimos despojos
Ornaraõ seu alcaçar venerando.
Aquelles que tranquilos affrontarem
Perigos e fadigas, sem temerem
O aguilhaõ pungente
Das estereis abelhas,
Quaes pombas brilharaõ de argenteas plumas,
De verdes, rôxos, de doirados collos.
Desde o tremendo instante, em que o celeste
Rey invensivel segregar os impios

Principes orgulhosos
Dos Servos seus constantes,
Seus Servos brilharaõ no santo monte
Mais que a candida neve sobre o Selmon.
Oh monte divinal, oh monte pingue,
Monte cheio de bens, de gloria cheio,
Que saõ á tua vista
Os elevados montes,
Aonde a Natureza rica ostenta
As suas producçoens mais preciosas?
Oh monte portentoso, oh monte santo,
Escolhida morada do Deos justo,
Do Deos omnipotente,
Em ti seu firme assento
Tem o motor supremo do Universo:
Elle em ti morará eternamente.
De mil milhoens de espiritos celestes,
Que em lédos córos o seu nome exaltam,
Seu magestoso Carro
Circundado caminha.
Assim, assim sobre o Synai, cercado
De gloria e magestade, te mostraste.
Assim, Senhor, no seu excelso cume
O teu poder magnifico ostentaste:
A tua Ley sagrada
Sevéro promulgando,
Os homens sujeitaste á razaõ pura;
Sobre elles bens immensos derramaste.

Té os mesmos incredulos audazes
Que o teu nome insultavam, no teu seio
Piedoso recolheste.
Sejaes, Senhor, bemdito:
Em teu louvor da gratidaõ as vozes
De noite e dia sem cessar ressoem.
A venturosa estrada nos prepara
Da paz, da seguranca, o Deos clemente;
O nosso Deos benigno,
O Deos de força immensa,
De cuja dextra vigorosa pendem
O ser, a vida, a salvaçaõ, a morte.
Mas ai dos pertinazes inimigos
Que a sua voz rebeldes desprezarem!
Ai dos nescios que ufanos
Do crime os passos seguem!
Fulminados seraõ das igneas setas,
Que o arco invicto do Senhor desfere.
Minha maõ justiçosa aos vossos golpes
Entregou de Bassan o Rey soberbo,
O Senhor nos dizia:
Naõ fui eu quem do fundo
Do rubro mar salvou as vossas hostes?
E quem nelle afogou o Egypcio ouzado?
Assim farei que aos vossos pez vencidos
Caiam os vossos pérfidos contrarios:
Que seu immundo sangue
Tinja os vossos cothurnos:

Que goteje dos alvos lizos dentes
De vossos Libréos férvidos e irosos.
Estes, a quem falaste, agora absortos
Admiram tua marcha magestosa:
Transportados te seguem:
Alegres te contemplam,
Oh meu Rey, meu Senhor, meu Deos, que habitas
No Sanctuario da aliança eterna.
Os Principes das Tribus reunidos
Aos mélicos Cantores te precedem:
Ao encontro te sahem:
Levés Coreas formam
Com as amaveis candidas Donzellas,
Que em seus adufes a cadencia marcam.
Suas vozes suaves vos convidam,
Oh Filhos de Israel, vinde, apressados,
Louvai em ledos Córos,
Em sonorosos hymnos
O Senhor nosso Deos, já transportado
O tenro Benjamin vejo devoto.
Já de Judá os Capitaens valentes
Submissos ajoelham: já te adoram
Seus ancioens sizudos.
Os venerandos Chefes
De Nephtali, de Zabulon, contendem
Qual mais respeito te tribute humilde.
O teu poder, Senhor, immenso mostra:
Os prodigios renova portentosos,

Que Israel levantaram
Ao cume da grandeza.
Jeruzalem de nôvo no teu Templo
Verá da Terra os Reys votar-te offertas.
Reprime tu com firme braço o fero
Habitador das margens paludosas
Do caudaloso Nilo:
Dispersa o duro bando
De toiros furiosos, qae ameaçam
Os que tu no teu fogo acrisolaste.
As guerreiras Naçoens, Senhor, dessipa:
Venham do adusto Egypto os Emissarios
Sincera paz pedir-te.
A Ethiopia humilhada,
As suplicantes maõs aos Ceos erguendo,
Seja a primeira que a teus pez se prostre.
Cantai, póvos da Terra, cantos dignos
Do Senhor, nosso Deos, em nobre estilo:
Louvai seu claro nome:
Levantai sobre os astros
Aquelle que ao supremo Céo se eleva
Desde o rozado lúcido Oriente.
Sua voz magestosa já retumba
Com medonho fragor nos fundos valles:
Dai gloria, dai louvores,
De Israel ao Deos justo,
Ao Deos, de quem as nuvens nos inculcam
O poder, a grandeza, a magestade.

Se de terror e espanto rodeado
  No Sanctuario augusto se aprezenta,
    Seu Povo fortalece
    Com animo constante:
  De valentia indomita o reveste:
  Louvor e graças ao Senhor rendamos.

LIVRO III.

Poezias Avulsas.

CARTA

Ao Illustrissimo Senhor Visconde de Condeixa Pedro Maria Xavier de Ataide e Mello, *em resposta a um elegante Soneto com que o mesmo Senhor se dignou honrar-me, prodigalizando-me naõ merecidos louvores.*

Naõ, illustre Ataide, eu naõ possuo
Nem profundo saber, nem dotes d'alma
Capazes de excitar da negra Inveja
As venenosas viboras, que apenas
Da candida Virtude ao longe avistam
O radiante magestoso vulto,
Em sanha accezas rábidas procuram
Ofuscar com seu halito empestado

O claraõ fulgurante, que as deslumbra.
Possuo sim hum coraçaõ sincero
Amigo da Virtude, onde por isso
Hum distincto logar tu hoje occupas.
A' Patria, e á Amizade consagrado
Foi com solemne voto desde os tenros
Primeiros annos da virente idade,
Quando a sabia tardia experiencia
Inda os homens quaes saõ me naõ mostrára.
Nos livros, que primeiro me formáram
A indole moral, quando inexperto
A ordem Social me figurava
Pela pura razaõ só dirigida,
Marco-Aurelio, Cataõ, Epaminondas,
Socrates, Aristides, retratados
Pelos pinceis de Cassio, e de Plutarcho,
De Livio, e de Nepote, me accendêram
Vivos dezejos de imitar seus feitos,
De seus passos seguir, e de igualálos.
Desde entaõ em minha alma o santo fogo,
Que inda agora me inflama, foi calando.
N'ella a chama ateou fulgente e viva,
Que em outro tempo ao cume da Ventura
Talvez me elevaria, mas que em dias
Languidos e corruptos da Desgraça,
No seu seio fatal poude arrojar-me.
Ardia sim em fervidos dezejos
De imitar as virtudes gloriosas,

As illustres acçoens, que da Memoria
No sacro-santo Templo eternizaram
De Grecia e Roma os venerandos nomes.
Ao lêr de Codro e Decio os sacrificios:
Ao vêr condemnar Bruto os caros Filhos:
Publicola arrazar a propria Caza:
Queimar Scevola a maõ: Fabricio a Pyrrho
Avizar da traiçaõ que o ameaça;
O coraçaõ no peito me pulava
Com desuzada força: involuntario
Doce pranto dos olhos me corria.
Assim profundamente se gravava
Pouco a pouco no peito a imagem pura
Da austéra, generosa, san Virtude:
Assim o amor da Patria, e da Justiça,
Da honra, e da verdade, e de mistura
Tambem o amor da gloria, se arreigavam;
E em paixaõ dominante convertidos,
Minha innocencia impávida guiaram
Pela antiga vereda desuzada,
Que os delicados pez de homens pulidos
Por Sciencias subtiz, por molle Luxo
Jamais trilhar ousaram. Foi d'esta arte
Que arredando-me incauto dos costumes
Do Seculo e paiz, em que nascêra,
Quando no grande mundo a vez primeira
Atento os olhos puz; quando cercado
Me vi de homens hypócritas, e astutos,

De egoistas, venaes, de lizonjeiros,
Que os santos nomes de honra, e de amizade,
Sem respeito, nem pejo, profanavam,
Nas palavras Catoens, Simoens nas óbras;
Mais estranho me achei nos patrios Lares
Do que rude Hotentot entre os Cortezes
Polidos Cidadoens da culta Galia.
Penetrado de horror, de pasmo cheio,
Fervendo-me no peito o quente sangue,
Naõ pude reprimir a voz sevéra.
Fulminei indignado com pungentes*
Terriveis setas de abrazada ponta
A moral corrompida, a vil e infame
Reptil Lizonja; o Luxo immoderado,
A estólida Soberba, a van Grandeza.
Mentirosos aplauzos, que a vergonha
Arrancava de peitos fraudolentos,
Ou que a malicia astuta lhes dictava,
De toda a parte ressoar se ouviam.
Naõ me illudiram pérfidos louvores;
Nem tardei em sentir de occultos odios
Os funestos efeitos; mas podia
Mais em minha alma o zelo da verdade,
Do Soberano a gloria, o bem do Estado,

---

* Alude o Autor principalmente aos Discursos e Elogios historicos, que pronunciou na Academia Real das Sciencias de Lisbôa, servindo de Secretario d'aquella Sociedade.

Do que o temor de intrigas ardilosas.
Empunhando de nôvo as invensiveis
Brilhantes armas da Razaõ sagrada,
Rezoluto outra vez nos torpes vicios
Em seus negros recessos concentrados,
Descarreguei mortaes pezados golpes.
Na prezença do sabio, grande, e justo,
Bonissimo Joaõ mais Pay da Patria,
Que Titos ou que Augustos, que Trajanos,
Sevéro censurei Leis deshumanas,
Que seu benigno Sceptro deslustravam :*
Leis que o seu coraçaõ recto reprova :
Que sua May piedosa, com fervente
Esclarecido amor da Humanidade,
Tentára reformar. Ali ouzado
Dezafiei a pérfida Calumnia,
Que junto ao Trono denegrir meu nome
Cavilosa procura. Naõ assente
O monstro infame ao generoso invite ;
Antes dobradamente cauteloso
Em seu nefario lugubre manejo
Aleivoso prosegue. Densas nuvens
No mesmo instante os arés assombraram :

---

* Alude o Autor ao Elogio historico de Pascoal Jose de Mello, que na Sessaõ publica da Academia Real das Sciencias de 17 de Janeiro de 1799 pronunciou na prezença de Sua Magestade actualmente reinante.

Em horrivel negrume congloboadas
Já fuzilar se viam; já ao longe
Os roucos brádos do troaõ soavam,
Que reduzir-me a pó ameaçava.
A' sombra me abriguei do grande nome
Do Genio tutelar do Luso imperio: *
Benigno me acolheo; e com rizonho
Gesto aceitou meu reverente culto.
Os sibilantes ventos se acalmaram:
Espalharam-se as nuvens tenebrosas:
Mas nem por isso poude a luz brilhante
Do claro Sol romper a grossa névoa,
Que ao longe os orizontes abafava.
Escudado da Egide soberana,
Grato e reconhecido dezejando
Dar novo lustre aos gloriosos dias
Do magnanimo Principe, que as Letras
E as Virtudes benéfico amparava,
Novo ataque intentei contra os funestos
Erros fataes, que o homem degradando,
Tem a mizera especie sepultado
Da corrupçaõ no abismo; tem do Mundo

* As intrigas que contra o Autor se movêram por occaziõ do citado Elogio, o determinaram a dedicálo a Sua Magestade o Senhor Dom João VI, entaõ Principe Regente, e a imprimilo debaixo do seu soberano auspicio.

As Sociaes Virtudes desterrado.*
A nova geraçaõ ardido intento
Subtrahir ás Cadeas vergonhosas,
Com que a ignorancia estólida prendia
Em ocio inerte, em odiosos vicios,
Seus desgraçados pais. Foram perdidos
Da Razaõ os esforços, e as fadigas.
Debalde derrubar a infesta planta
Da errada educaçaõ com rijos golpes
De afiada Segure me proponho.
De san Philosophia em vaõ pertendo
Fazer brilhar a reluzente tocha
No seio da lethal medonha noite,
Que a Luzitanea em trevas envolvia.
Assustada a Ignorancia irada freme.

Já lhe parece vêr seu vasto Imperio
Ao sceptro da Razaõ avassalado.
A baixa Intriga, a sórdida Calumnia,
A vil dissimulada Hypocrisia,
Em seu soccôrro chama. O negro bando
Dos feios, asquerosos, torpes Monstros
Filhos do Averno, em bárbaro conselho

---

* Alude o Autor ao Plano de Instrucçaõ Nacional que por insinuaçaõ superior compozéra, e que por Ordem de Sua Magestade, o Soberano actual do Reino unido de Portugal, Brazil e Algarve, foi mandado examinar pela Academia Real das Sciencias.

Contra mim se congrega.* Eis que de novo
Os furiosos ventos assoprando
As espalhadas nuvens conglomeram
Em pavorosos horridos castellos.
A tempestade, horrisona troando,
De toda a parte sobre mim desfere
Abrazadores incendidos raios.†
Impavido afrontei com firme rosto
As injurias, os féros ameaços,
Que contra mim vomita a poderosa

* Foi mui publica a Cabála que contra o Autor se formou, por occaziaõ do mencionado projecto. O seu primeiro passo foi alliciar e atrahir ao seu partido um varaõ benemerito do Estado pela sua honra e virtudes, que entaõ occupava um distincto logar no Ministerio Portuguez. Este respeitavel Fidalgo, a quem o Autor aliás devêra muita consideraçaõ e estima, mas que formava muito superior conceito da literatura e prudencia de alguns dos principaes membros da Cabála, illudido, pelas aparentes razoens com que estes souberam surprender a sua piedade, e excitar o temor que as circunstancias do tempo lhe inspiravam para com todo o genero de novidades, que podiam interessar de algum modo a Ordem Social, se constituhio innocentemente o principal instrumento de uma intriga particular destramente urdida e disfarçada debaixo da capa do publico interesse.



† Foi por extremo notavel a Sessaõ extraordinaria da Academia Real das Sciencias, em a qual o Plano e projecto, de que se trata, foi reprovado por uma mal pronunciada maioria de votos influidos, ou antes extorquidos pelos descompassados clamores do Ministro de Estado mencionado em a Nota precedente, e dados em consequencia da rápida leitura de uma Obra, que para ser justamente avaliada carecia de mui vagarosa e reflectida meditaçaõ.

Embravecida insania. Vendo inuteis
Seus violentos esforços, em meu damno
Somente dirigidos, novos meios
A fraude astuciosa lhes sugere.
* * * * * * * * *
* * * * * * * * *
Poude a destreza o que naõ poude a força.
Da maõ por sete lustros adestrada
A manejar fiel espada e penna,
Com subtil artificio, fascinando
Os olhos da Justiça, uma apoz outra
Tirar-me insidiosos conseguiram.*
Naõ foram naõ virtudes singulares,
Sabio, illustre Visconde, nem talentos
Raros ou felizmente cultivados,
Quem assanhando os áspides da Inveja,
Ou antes irritando paixoens baixas
Em baixos peitos de homens poderosos,

---

* O Autor, que neste logar alude á sua excluzaõ de Lente da Academia Real da Marinha, e á illegal e indevida reforma que lhe fôra dada pelos Governadores do Reyno de Portugal em o anno de 1810, foi por um acto da indefectivel Justiça de Sua Magestade reintegrado no seu Posto de Marechal de Campo, por Decreto de 22 de Julho de 1815, sendo considerado para a sua antiguidade como efectivo desde a data da sua reforma : e foi semelhantemente nomeado pelo mesmo Soberano Senhor, por Decreto do mesmo anno, Deputado da Junta da direcçaõ da Academia Real Militar do Rio de Janeiro.

Os levou a forjar com manha e arte
Negras Calumnias, sordidas Cabalas,
Que a teu mizero amigo, desterrado
Da terra onde nascêra, conduziram
Por entre as bravas ondas do Oceano
A taõ remotos taõ estranhos Climas.
A suplicar Justiça aos pés do Treno.
Foi o amor da verdade, que arredando
De meus beiços a pérfida mentira,
Me fêz temivel aos venaes, aos fracos,
Aos corrompidos, vaõs, ambiciosos,
A quem cumpre esconder as saniosas
Cruentas chagas que sua alma afeiam.
Naõ invejaram, naõ, minhas virtudes,
Meu saber, ou meu prestimo; temêram,
Temêram sim, as vozes da verdade
Pela boca de um homem proferidas,
Que nem mêdo conhece, nem lizonja:
Que prefere morrer no triste seio
Da mizera pobreza, ao fausto, ao luxo,
A's honras vans, que o saõ merecimento
Naõ ganhou, nem sustenta. Eis a verdade,
Visconde illustre, generoso amigo:
Naõ te illudas, nem queiras com louvores
Naõ merecidos illudir minha alma:
Persuadir-me que sou um sêr distincto,
A quem o Ceo benigno despendêra
Dotes que raras vezes aos humanos

O ser que tudo pode, e tudo rege,
Providente concede. Sou um homem
Em tudo medeano; e só me prezo
De amar cálidamente o Rey e a Patria;
De ser de meus amigos generosos
O mais fiel, mais extremoso amigo.

Rio de Janeiro, 13 *de Abril de* 1813.



CARTA

Ao Senhor Jeronimo Martins da Costa,
pedindo-lhe a gloza de um Mote.

COM o louro Pastor do ameno Anfrizo,
Crê-me, Cassidro, já naõ sei haver-me.
As canoras Irmans, que com rizonho
Carinhoso semblante me afagavam,
Se em outro tempo afaveis me inspiraram,
Agora com desprêzo de mim fogem.
Se me atrevo a encarar seu gentil rosto
Nos olhos vivo lume lhes chameja,
Certo sinal da ira em que se abrazam.
Pedindo á loura Clio est'outro dia
Que a sonorosa Lyra me afinasse
Para louvar aquelles lindos olhos
Por quem sabes, amigo, que suspiro
Nas maõs a toma a armónica Deidade,
E prompta alçando o delicado braço
N'um rochêdo escarpado deu com ella,
Onde logo se fez em mil pedaços:
E com gesto engraçado, inda raivosa,

Que sempre as Muzas me parecem bellas,
Me diz " O Lapis e o subtil compasso
" Toma atrevido, e no papel descreve
" A orbita de Marte, ou de Saturno,
" Ou traça de um Cometa e longa Elipse
" Com estes elogios louva a Nynfa
" De cuja linda boca Amor desfere
" Sobre o teu coraçaõ ervadas setas.
" Vẽ se podes, apóstata de Phebo,
" De um Euler, ou de um Newton inspirado,
" O seu nome gravar com letras de oiro
" Nos mesmos astros, cujas leis contemplas.
" Talvez determinando as propriedades
" Da curva que as fataes bombas descrevem,
" Ou mostrando em Theoricas sublimes
" De Fluxoens e Limites mil Theoremas,
" Possas eternizar sua memoria,
" Com espanto dos Seculos futuros."
Isto dizendo prompta as costas vira,
Sem me dar tempo á minima desculpa.
Fiquei corrido: as lagrimas aos pares
As descoradas faces me banhavam.
Eis uma gentil Nynfa me aparece,
E me pede uma gloza em doce estilo,
Ao amoroso Mote, que te envio.
Entaõ a confuzaõ e o pejo crescem:
Mas alguma Deidade que me assiste
Inda a pezar dos inimigos Fados,

Me fez lembrar que tu nunca fizeste
Injuria alguma ás Filhas da Memoria.
Entaõ me reprezenta a fantazia,
Que vejo o ameno Pindo, e que te vejo,
Cingida a testa de virente loiro,
Entre os braços de Erato reclinado.
Com taõ leda vizaõ de novo cresce
No aflicto peito o animo perdido:
E me atrevo a pedir-te, caro amigo,
Que por mim tomar queiras esta empreza.
Bem sei que te aborrece que te façam
Encomendas de versos, mas supponho
Que porque eu já naõ canto ao som da Lyra,
Já de soltar a branda voz naõ gostas;
E para te animar por isso agora
Quiz o numero dar proprio do verso
A's frias prosas d'esta insulsa Carta:
Tu a lê, meu Cassidro, e apenas lida
Ao fogo a entrega, que naõ devem ler-se
Segunda vez, e menos lêr-se a outrem,
Erroens, que de improviso a penna solta.

SONETO.

QUANDO vejo, Marilia, o teu semblante,
De tanta graça e gentilêza ornado,
Absorto fico, fico transportado,
Notando as perfeiçoens, que adoro amante.

Naõ me lembro, que ao Carro triunfante
De soberbo Cupido ando ligado:
Leve imagino o seu grilhaõ pezado:
Julgo-me da ventura dominante.

Mas quando de teus olhos vencedores
He forçoso, meu Bem, que esteja auzente,
Mil receios me cercam, mil terrores.

Alivio busco ao mal, que o peito sente;
Mas em vaõ; porque só d'estes temores
Livrar-me posso tendo-te prezente.

O

SONETO.

AQUELLE puro amor, que acêzo viste
Brilhar nos olhos meus taõ vivamente,
Como, gentil Marilia, de repente
Te esqueceo ? . . . ai de mim, mizero e triste !

Inda teu lindo gesto impresso existe
N'este meu coraçaõ, que taõ contente
Por ti nutrio de Amor a chama ardente,
Que a deixála apagar inda reziste.

Ainda ternas lagrimas derramo,
Quando me lembro da passada gloria :
Inda por ti aos Ceos mil vezes clamo.

Mas tu do nosso amor a larga historia,
O muito que te amei, e que inda te amo,
Tudo ingrata riscaste da memoria.

ENDEIXAS

Aos annos da ILL.

Aos annos da ILL.ma SENHORA DONA MARIA VICENCIA DE PADILHA PIMENTEL.

QUANDO raiam de teus annos
Marcia, os dias suspirados,
Tambem para nós renascem
Instantes afortunados.
No apartado Orizonte
Scintilam astros doirados,
Que annunciam aos Mortaes
Instantes afortunados.
Amor em torno girando
De teus olhos engraçados
Liberal concede ao Mundo
Instantes afortunados.
Com as bellas meigas Graças
Os Amores abraçados,
Nos convidam a gozar
Instantes afortunados.

Queira o Ceo, Marcia formosa,
Que por annos dilatados
Nos dês neste fausto dia
Instantes afortunados.
Elle sobre ti derrame
Os seus dons mais dezejados,
E sem cessar te conceda
Instantes afortunados.
A negra Inveja se morda,
Gema em repetidos brados;
Vendo ser os teus instantes,
Instantes afortunados.
Volva embora o Tempo iroso
A' roda em giros dobrados,
Que a seu pezar gozaremos
Instantes afortunados.
De seus golpes te defendem
Os Amores desvelados,
E com destra maõ lhe roubam
Instantes afortunados.
Instantes de magoa e dôr
Repellem firmes e ouzados;
Só consentem que ati cheguem
Instantes afortunados.
Assim teus ditosos dias
Pela maõ de Amor formados,
Seraõ sempre de prazer
Instantes afortunados.

CANSONETA.

O Amor Triunfante da severidade das Sciencias.

Em vaõ inda me apontas,
O' sevéra Urania,
A escabrosa estrada,
Que eu após ti seguia.
Os dons, que me offereces,
Naõ tem, naõ tem valor,
Que comparar-se possa
Aos que offerece Amor.
Amor batendo as azas
Um vivo fogo accende
Em minha alma agitada,
Que ao seu poder se rende.
Elle o estro me inflama;
Elle me afina a Lyra;
Cantando a bella Anarda,
Comigo elle suspira.
Foge, foge, Urania,
Deixa-me suspirar:
Já naõ sei discorrer:
Já naõ sei mais que amar

Amor todo me occupa;
Os sentidos me enleia:
Já desatar naõ posso
Sua doce cadeia.
Na viva fantazia,
Que o seu fogo alimenta,
Mil gostosas ideas
Contínuo me aprezenta.
Em vaõ, em vaõ procuras
Distrahir-me com arte,
Que Amor me representa
Anarda em toda a parte.
Se meus olhos levanto
Aos astros luminosos,
Nos astros me retrata
Os seus olhos formosos.
Se a Aurora arroxeando
Os brancos Orizontes,
Serena romper vejo
Por traz dos altos montes;
De Anarda me parece
Vêr as faces mimosas,
Quando o pudor as tinge
Da côr das vivas rozas.
Se o Sol luzente e claro
Dardeja os raios bellos,
De Anarda ao vento soltos
Vejo os loiros cabellos.

Se a leda Philomella,
  Canora gorgeando,
  No bosque ameno escuto
  O canto variando;
A voz encantadora
  De Anarda me afigura,
  Em minha alma excitando
  Suavissima ternura.
Foge, foge, Urania,
  De mim teus dons retira:
  Só por Anarda bella
  Meu coraçaõ suspira.
Anarda só me occupa:
  Anarda só me encanta:
  Por Anarda somente
  Minha voz se levanta.
Na Cythara de Lesbos
  Os dedos ajustando,
  Serei feliz seu nome
  Aos astros levantando.
Ah! deixa-me, Urania,
  Deixa-me suspirar:
  Já naõ sei discorrer:
  Já naõ sei mais que amar.

MOTE.

Do fogo naõ, sim do Amor
Acaba Dido abrazada:
Que para ser desgraçada
Bastou render-se a um Traidor.

GLOSA.

I.

TRASPASSADO o peito amante
C'o ferro do Teucro infido,
Se arroja a mizera Dido
Entre a flama crepitante:
Frenetica, delirante,
Pedindo em alto clamor
Aos Deoses, que por favor
Em taõ terrivel momento
A livrassem do tormento
Do fogo naõ, sim do Amor.

II.

Da penetrante ferida
Naõ sente a dor vehemente;

Nem a voraz chama ardente,
Que quazi a tem consumida.
Só de Amor, a quem rendida
Tem sua alma desgraçada,
Sente a furia desuzada;
E entre convulsos desmaios,
De seus fulminantes raios
Acaba Dido abrazada.

III.

Ah! deploravel Eliza,
Que naõ sofre o vil Troyano
O tormento deshumano
Que tua alma martiriza! . . .
Oh Ceos! . . . tua fé taõ liza
Nas aras de Amor jurada,
Tua constancia extremada,
Tuas lagrimas, teus ais,
Nada em fim te servio mais
Que para sêr desgraçada! . .

IV.

Impio Amor, que horrivel Scena
Nos off'receste em Carthago! . . .
Dize, porque a tanto estrago
Tua Ley Dido condemna?

Para izentala da pena
Que lhe impoz o teu furor,
Naõ foi bastante o fervor
Com que seguio teus acenos ?
Tyrano Amor, nem ao menos
Bastou render-se a um traidor ?



CANÇAÕ FESTIVA

Ao ILL^mo SENHOR BARAÕ DE SAÕ LOURENÇO,
no dia do seu anniversario.

EM quanto da iracunda torva frente
Do Genio instigador da crua guerra
As igneas serpes do sulfureo Averno
Languidas pendem:
Em quanto junto ás margens deleitosas
Do aprazivel humilhado Sena,
Nas roupas da Justiça se disfarça
Ambiçaõ torpe:
Em quanto unidos em geral congresso
Os Ministros dos Reys allucinados,
O oiro de Albion semea astuto
Novas discordias,
Sem temor das fataes lúgubres Scenas,
Que o nublado Futuro mal encobre,
E que a Razaõ prudente cautelosa
Previne atenta:
Em léda Companhia o fausto dia
Do illustre Saõ Lourenço celebremos
Com repetidos fervorosos brindes,
Cáros amigos.

Ah ! quanto he triste, quanto lamentavel,
O que naõ sente o prazer puro e vivo,
Que em nobres peitos placida derramas,
Doce Amizade !
Por largos annos, sabio Saõ Lourenço,
Das castas Muzas no regaço vivas,
Vivas no seio dos fieis amigos
Que te festejam.



EPIGRAMMA.

Traducçaõ do Francez.

SEMPRE que a Noite sobre nós derrama
Seu vasto escuro manto,
Dorindo em triste pranto
Geme; suspira; e pelo dia chama:
Naõ porque a clara luz do Sol brilhante
O mundo alegra, os homens alumeia,
Mas porque ella lhe poupa a da Candeia.



QUADRAS

Gravadas pelo Autor em um tronco do bosque da Quinta Real das Caldas da Rainha, em o anno de 1806, aonde alguns annos antes havia gravado o seu Nome, e o de sua molher, que ainda entaõ o naõ era.

QUANDO em Amor abrazado
Este bosque vizitei,
Os nomes de Anfrizo e Nize
Neste alto tronco gravei.
Hoje os de Anarda e Marilia,
De Marcia, e de Aonio unidos
Nelle esculpo, doces fructos
D'aquelle Amor produzidos.

EPITAFIO

Posto sobre a Sepultura de uma Gatinha chamada Cybelle, a qual sua Senhora creara com muito mimo, e acabou desastradamente.*

DEBAIXO d'esta louza sepultada
Jaz Cybelle gentil, a mais formosa,
A mais prevista, meiga, e atilada,
Da raça meadora, e cautelosa.
Foi triste e deploravel sua sorte:
Insano Amor a conduzio á morte.
Seus amigos fieis, e seus Senhores,
Cobrindo-lhe o Cadaver de mil flores,
E lagrimas vertendo de ternura,
Neste logar lhe deram sepultura.

* A minha Filha Maria Margarida Stockler.

DEPRECAÇAÕ.

A' Natureza ou Venus fisica sobre o futuro destino de Cybelle.

OH Venus poderosa,
Alma filha de Jove, que prezides
Da Natureza ás leis, que ora accendendo
No peito dos Mortaes activo fogo
Em Amor os inflamas;
Que out'rora accelerando
Dos sucos vegetaes o movimento,
Os bosques e as campinas
Cobres de alegres de vistosas flores,
Onde Amor, avivando
As bazes do Systhema do engenhoso
Suéco Observador, destro fecunda
Os germes, que á May Terra confiados,
Pelo teu bafo esperam
Para do seio seu desenvolverem
Novas plantas, e árvores frondosas:
Tu que por Leis occultas
Os organicos seres decompondo,

E seus restos corruptos misturando,
Os principios da Vida
Tiras do seio da medonha Morte:
Que assim com maõ potente
As existencias todas transformando
Incançavel a face repovoas
Do Mundo obediente, que te admira:
Já que infausta assoprando
O fogo animador da Natureza,
No peito de Cybelle desditosa
A devorante flama
Taõ vivida ateaste,
Que a cautelosa timidez prevista
De sua alma banindo,
Fizeste que animosa se expozesse
Ao lizo agudo dente
De férvido implacavel inimigo,
E que a morte encontrasse
Quando, aos impulsos teus obedecendo,
A vida a novos seres dar procura:
Já que assim despiedosa
O compassivo coraçaõ rasgaste
Da sua inconsolavel terna amiga,
Da innocente gentil candida Marcia;
De seu mavioso pranto,
De seus tristes suspiros condoida,
Os seus rogos atende.
Faze, oh Venus potente, que á medida

Que o delicado corpo
Da formosa Cybelle dissolvido
For em subtis vapores,
Seja pelas raizes atrahido
D'esta mimosa tenra Laranjeira,
Com que a maõ carinhosa
De Marcia lhe adornou a Sepultura :
Que pelos lizos troncos difundido,
Em ramos se converta, em verdes folhas,
Que a meiga amavel Marcia
Com sua fresca sombra um dia abriguem
Dos calores do Sol no ardente Estio.
Faze, sim faze, oh Diva portentosa,
Que o padre teu, que Jupiter supremo,
O espirito atilado
De Cybelle converta
Em Dryada gentil, que os saborosos
Lindos dourados pomos
D'esta árvore defenda :
Que tocalos só deixe
Da maõ mimosa, que outro tempo afavel
Carinhosas meiguices lhe fazia.
Permite, sim, oh Diva,
Que a formosa Cybelle ainda um dia
Possa escutar gostosa
Os sauves armonicos accentos
Da voz da terna amiga,
Quando junto ao seu tumulo assentada,

Ao som da acorde Lyra
Que de mim confiou o loiro Apollo,
Comigo saudosa
Entoar brandos versos,
Que em honra sua as Filhas da Memoria
Benignas nos inspirem.
Entaõ, oh Diva, Marcia agradecida
Os teus louvores em canoros hymnos
Fará soar pelo frondoso bosque,
Que ao teu nome prometto
Devoto consagrar, se tu piedosa
Os seus votos escutas.

AS AVES.

NOITE PHILOSOPHICA.

POR ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS E. FRANCISCO DE BORJA GARÇAÕ STOCKLER.

AGORA que os humanos repouzando
Seus lassos membros um silencio triste
" Parece adormecer a Natureza;
Quando apenas da Filha de Latona
Os descorados raios se divizam,
E de nocturnas trémulas Estrellas
" Brilha o claraõ escasso e fugitivo;
Desce do cume do sagrado Olympo,
Oh Filha da Razaõ a mais amada,
Mensageira da candida verdade,
Sizuda-Reflexaõ, que magestosa
Calcas o collo do soberbo Engano;
Escuta um Genio, que de ti pendente
As obras quer pintar da Divindade.
Sobre as azas brilhantes sopezado,
Com que sustentas firme os que te invocam,

Seguro voarei, acompanhando
Do ar os innocentes moradores.
  Que Scena taõ sublime se me off'rece !
Nunca, oh dura Familia dos humanos,
" Celebrarei teu nome em proza ou verso.
Vicios, cruezas, vergonhosos erros,
Compoem a tua desgraçada Historia.
" Nos ermos bosques, nos penhascos broncos,
* Procurarei solicito alguns vizos
Das singélas feiçoens da Natureza,
* Que estudado artificio, insano orgulho,
* Naõ poude ainda destruir de todo.
  Oh Tompson, oh Virgilio, quem a Lyra
Me pôz ao lado, que sóou no Tibre,
E nas ribeiras do avarento Tamezis ?
" Eu lanço d'ella maõ : tambem no Tejo
* Resoaraõ as suas aureas cordas.
  Erguei, Tagides bellas, sobre as ondas
O delicado rôsto ; dai-me ouvidos,
E vereis como as graças da Poezia
Adornam, aviventam frios rasgos
Com que um Genio immortal lá d'entre os gelos
Da guerreira Suecia desenhava
As varias ordens de emplumadas Aves.
  Qual destro General, que vendo á Guerra
Açanhar as Serpentes sibilantes,
Da carrancuda fronte em mil fileiras
Sabio divide a militar Cohorte ;

Assim a May fecunda e providente,
Que vigorosa e meiga comunica
A tudo o sêr e a vida, combatendo
Em campo aberto a confuzaõ escura,
Em seis diversos batalhoens reparte
O lizonjeiro matizado bando
Das voadoras Aves. Qual batendo
As desenvoltas azas lhe deslumbra
Os olhos assombrados: qual cantando
Faz o terrivel tresdobrado açoite
Cahir das maõs da pérfida inimiga:
Qual outra encurva as retorcidas unhas,
E com gesto feroz acceza em ira
Lhe arranca a vida em negro sangue envolta.
Ja vejo triunfantes sobre as nuvens
Soltar ligeiras destemido vôo
As carniceiras Aves bellicosas,
Que só vivem de roubos sanguinarios.
Diferente figura lhes pintára
Das mais, que vivem sobre os mansos ares,
O supremo Senhor, que tudo rege
Quando cheio de luz e magestade
Fazia retumbar do informe Nada
No preguiçoso reino a creadora
Omnipotente voz: dura materia
Da sua frente desce dividida
Em forma orizontal, Rostro lhe chamam:
Ora quazi ao nascer logo começa

A curvar-se feroz : ora já perto
" Da aguda ponta se endurece e torce.
A parte superior a um lado e outro
Se estende, e cobre a que debaixo fica.
A's vezes inimigo dente alveja,
E ameaça do ár os moradores.
Tudo nellas retrata o turvo aspeito
Da faminta cruel Ferocidade.
Foi ella quem, movendo as maõs de ferro,
As unhas lhe arqueou, soltou-lhe os dedos,
Que uma leve membrana prende em outros.
Pequenas prominencias, que os afeam,
Unio a estes, e de força rara
" Os membros todos lhe dotou raivosa
  Oh tu, que cercas o terreno espaço,
* Que com os outros seres, reputados
* Por elementos primitivos, gozas
Da gloria de formar a Natureza,
" Que ás vezes sossurrando molemente
" Retratas de Cupido o somno brando ;
Que outras vezes zunindo furioso,
* Os mares revolvendo, os Ceos insultas,
Dezerto naõ serás ; ligeiras aves
Vaõ seus ninhos deixar, e remontar-se
Sobre a massa pezada que lhe off'reces.
Amor as tinha unido, este Deos cego,
Que estende o seu poder do Bruto ao Homem,
Animando o Universo frio e inerte

Por toda a parte com seu vivo influxo.
" Apenas a benigna Primavera
" Sua face rizonha sobre a Terra
Principia a mostrar, movendo as azas
O carrancudo Abutre, e expondo ao vento
A despida cabeça a um lado e outro,
Volve a cruenta bipartida lingoa ;
E sobre alcantilada núa rocha,
" Onde as ondas quebrando iradas fremem,
* Ou já sobre o mais alto erguido cume
* De pedragosas ingremes montanhas
* Em vaõ dos bravos ventos açoitadas,
Seu ninho vai formar em quanto gira
O ouzado Falçaõ tambem no bico,
Que em torno cerca já gastada pelle,
Os aprestes trazendo, que lhe aponta
Amor da Natureza doce esteio.

Em que te occupas, diligente Lanio,
Quando já de mil flores coroada
A estaçaõ dos Amores se adianta ?
Já te vejo rasgar os leves ares,
E sentindo aquecer o rubro sangue,
Cedes tambem de Amor ao vivo impulso.
Sim, és tu ; naõ me engano . . . a Natureza
" No teu rostro caracter mui distincto
" Estampou com maõ firme e vigorosa
" Fazendo-o menos curvo, e interrompendo
A constante subtil polida margem

Com mui vizivel falha, e vigorando-o
Com assacino duplicado dente.
Naõ te demores, aproveita os dias,
Em que ferve o prazer, e Venus bella
D'entre as vagas do mar, onde acolhida
No seio de Amphitrite repouzava,
Ergue a frente cercada de deleites.
Olha como respira docemente,
E nas azas dos Zefiros levado
Seu halito fecundo se insinua
Nas entrenhas da Terra amortecida!
Como depois do Inverno triste e languido
Remoça o Orbe vigoroso e ledo!
Já nos Campos, nas asperas Florestas,
Ao ninho esperançoso te convidam
As arvores, no verde altivo cume
Afiançando providente abrigo.
  Naõ eram estes os cuidados ternos,
Que na amorosa errada Fantazia
Imaginavas nescia, oh Nictimene.
Soberbo Trono a pérfida Fortuna
" Parecia guardar-te, eis de repente
Da Noite sob o manto escuro e denso
Envolta foges agoirando máles,
" E te esquivas á luz do Sol brilhante.
Nas frôxas garras do lascivo Incesto
" Perdeste a delicada antiga forma.
* A occulta maõ, que o crime enfrêa e pune,

" De escuras pennas revestio-te o corpo.
" Na cabeça disforme lá te rasga
Os olhos, que por grandes mais te afeam.
" Nem se erguem sobre o curvo rostro as plumas,
" Que airosas n'outras aves o rematam.
" Frôxas e reclinadas o guarnecem,
Afrontando as obtuzas corneas ventas,
E entre todas te fazem conhecida.
De Créta sobre as praias lastimosas,
Aonde pela vez primeira o canto
Horrivel, que entoaste, foi ouvido,
Desgrenhando as madeixas de oiro fino,
Longos annos gemendo memoraram
Seus erros, e teu fádo mizerando
" As compassivas Ninfas, e as Napeas.
" Mal podem consolar-te ufanas plumas,
" Que recurvadas na cabeça imitam
Da tortuosa orelha o fino talhe.
" Embora ao teu querer obedientes
" Ora se abaixem, ora se alevantem;
* Naõ cabe em vaõs ornatos da Desgraça
* Mitigar o pungente acerbo golpe.
Que te vale ter sido consagrada
A' casta Deosá, que ao saber prezide,
Se te deslumbra os olhos vergonhosos
" A luz clara do dia; e torpe objecto
Exposta jazes á picante mofa
" Dos passaros mais debeis e mesquinhos?

Tal he por toda a parte o teu destino,
Quer nos campos da Auzonia negras azas
" Agites, ou nos rijos pez despidos
" De plumagem te firmes : quer ostentes
" Alvo corpo nas frigidas montanhas,
" Onde o baixo Laponio contrafeito
" Mizeravel sustenta errante vida.
Embora vingues dilatados mares ;
E de Hudson nas rochas procelosas
Assentes o teu ninho, ou lá nas terras,
Onde o seu trono nebuloso o Inverno
Firmou sobre montoens de fria neve,
E esteril gelo ; terras desditosas,
* Que um Capitaõ brioso alucinado,
" O ouzado Magalhaens ao Mundo antigo
" Patentes fez, tentando nova estrada,
* Que por ignotos rumos conduzisse
* Os emulos da Patria, a disputar-lhe
* O dominio e riquezas do Oriente.
* Vingança torpe de renome indigna !
* Debalde buscas solitario azilo
* Em êrmas plagas, em gelados climas :
* Sitio naõ ha, aonde os refulgentes
* Raios do claro Sol te naõ deslumbrem,
* E em que a vil cobardia naõ te force
" A suportar ludibrioso escarneo
" Das aves, que feroz e atraiçoada
" Surprendes, e que bárbara lacéras,

* Quando da Noite o soporoso bafo
*. As convida a gozar placido somno;
" Nem tua crua indole se abranda
Nos climas do Brazil, onde Amor vive
" De exquizitos deleites, de finezas,
" E de ternas meiguices rodeado:
* Paiz aonde as Muzas, que rizonhas
* Carinhosas o berço me embalaram,
Outra Hippocrene rebentar fariam,
Outro Parnazo excelso e sublimado
Aos Céos levantariam, se ao ruido
De pezados grilhoens jamais podessem
" As filhas da Memoria acostumar-se.
Ali a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Luzitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao Mundo inteiro.*
Ali . . . oh dor! . . . oh minha Patria amada:
" A Ignorancia firmou seu rude assento,
E com o halito inerte tudo damna,
Os erros difundindo, e da verdade

---

* Esta Obra foi escrita mais de vinte annos antes de Sua Magestade passar a este paiz, e de estabelecer n'elle o mais liberal dos Governos. Actualmente viajam no seu interior Mineralogistas e Botanicos, Francezes, Alemaens, e Bavaros, e viajariam os de outra qualquer Naçaõ se o pertendessem.

O claraõ ofuscando luminoso.
Ali servil temor, e abatimento,
Os coraçoens briosos esmorece.
E em quanto a Natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
" A estupida Ambiçaõ com maõ mesquinha
" Transtornou seu magnifico projecto,
E só parece aparelhar abrigo
A's aves, que do dia se arreceam,
E procuram da Noite a sombra triste.
Por isso, oh Nictimene, te acolheste
Do Brazil aos rochedos, e ás Florestas,
Aonde o Indio em seu falar singelo
Jacorotu chamou-te, e te conhece
Naõ só pelas feiçoens, com que na Europa
O Bufo das mais aves se apartara;
Mas pela varia côr de branco e fusco,
E de amarelo, que te tinge as pennas.
A despeito de taõ gentil plumagem
As aves, que te temem, quando assoma
" No longiquo Orizonte o prateado
" Sereno rosto de Diana casta,
" De ti zombam, mal Phebo d'entre os braços
" De Thetis se levanta radioso.
Mas naõ foste tu só que o Fado austero
Assim tratou, Princeza desgraçada;
Bem sabido he o cazo lastimoso
De Ascálafo loquaz, quando do Erebo

Agastada a Raynha quiz punilo
Da funesta imprudencia, em que cahira.
Já pela maõ de Ceres conduzidos
" Abandonavam as incultas brenhas
" Os homens d'antes barbaros e rudes,
E qual de abelhas deligente enxame,
" Com discreto trabalho melhoravam
" Os fructos, que bravios dava a terra,
" E as ricas fontes da abundancia abriam.
" Já das Artes em fim, a que mais vale,
Aquella que fixou, e que sustenta
O Social Estado, começava
A libertar os homens da bruteza,
" Que nas asperas serras os detinha,
Quando das chamas do sulphureo Etna
Em voragens envolto de atro fumo
Rompeo e vio o dia o Deos do Averno.
Amor, que entaõ nas aprazíveis praias
Da Sicilia aportára, mal o avista
" Maligno se sorri, e com destreza
" No árco embebe envenenada seta,
" Com que lhe vare o duro indocil peito.
" Mal o tiro desfere e vê turbado
* O implacavel Plutaõ, que ancioso exhala
* Um profundo suspiro, a maõ erguendo
" Com o dedo lhe aponta astucioso
Proserpina de Ceres filha amada,
" Que festiva trassava e graciosa

" Mil innòcentes jogos com as Ninphas
* Suas ledas amaveis companheiras.
" Vêla, abraçala, e com despejo insano
" Roubala, foram actos de um momento
Para o Deos, que domina o Estigio Lago.
" Mas já soam os mizeros lamentos,
" Os suspiros, as lágrimas queixosas
" Da magoada Ceres, que buscava
" Atonita e convulsa a cára Filha.
" Debalde pressurosa os desabridos
" Climas procorre, aonde o frio Norte
" No gelo enrija as ponteagudas azas ;
" Debalde a esses passa, aonde Cook
" Ouzado quanto-humano, com maõ firme
" Fixou do Mundo a derradeira meta.
" Debalde a sua amavel Proserpina
" Chama vertendo amargurado pranto.
* Nenhuma voz responde a seus clamores :
" Nenhum vestigio encontra, que avivente
* Em sua alma a esperança amortecida.
De nôvo entre gemidos volta aos campos,
Onde Arethusa em fonte transformada
Por desvios conduz as claras agoas,
" Como se inda fugisse á petulancia,
" Com que Alfeo abraçala pertendia.
" Os olhos, onde as lagrimas pulavam,
" Lançando acazo á limpida corrente
Vê ainda boiando sobre as ondas

O cinto virginal de Proserpina,
E como se a perdêra nesse instante,
" Volvendo ao Céo o rosto magoado,
" Fere co'as tenras maõs o niveo peito,
" E solta aos ares insôfridos brados.
Já quazi maldizia a terra ingrata,
Em que tanto pezar a sossobrava;
Quando Alfeo, d'entre as agoas levantando
A limosa cabeça, lhe dizia,
Modéra, oh Deosa, a tua dor; e sabe
Que no Tartareo Reino o Sceptro empunha
Do teu materno amor o doce objecto.
" Eu a vi de Plutaõ entre os nervosos
" Negros braços entrar no seio escuro
" Da terra, que se abrira, e conduzida
" Ser por elle aos Abysmos. Só de Jove
A voz omnipotente pode agora
Arrancala do Reino de Sumano.
Disse, e a Deosa subindo ao alto Empireo,
" A Jupiter expoem o infame roubo
" Com lagrimas de dôr pungente e viva.
" Condoido o Pay terno lhe promete
" Que a Filha lhe será restituida
" Se com fructos do Averno suavizado
" Ainda naõ tiver a fome ou sede.
* Ley dura; mas do Fado irrevogavel
* No Livro dos Destinos decretada.
" Afoita Ceres desce ao Lago Estigio

" Mas pode acazo afiançar prudente
" Quem a força conhece e o vivo impulso
" Dos apetites no femineo Sexo,
" Que de um formoso fructo os attractivos
" Naõ haõ-de escurecer por um momento
" De acerbas magoas a impressaõ penosa ?
" Proserpina gentil, sem que a pungente
" Materna saudade lhe empecesse,
" Ou de Plutaõ a barbara bruteza
" De invencivel horror a penetrasse,
" Tinha provado dos Jardins que cercam
" Do austere Dite o magestoso Paço,
" Succosos bagos de Roman viçosa,
" Que a rubra côr da vivida Granada
" Pelas fendas da casca aos olhos mostra.
'Ascálafo somente a tinha visto
" Saborear o delicado pomo,
Ascalafo que Filho era de Orphene
Entre as Ninphas do Averno a mais formosa.
" Tal da Ethiopia nas adustas Cortes
" Entre as Exposas dos brutaes Monarchas
Por linda se avantaja a que reune
" A' negra côr do Ebano lustroso
" Olhos, aonde o fogo de Amor brilha,
E dentes que na alvura sobrepujam
O polido marfim : Assim de Ascalafo
" No Averno a May gentil se avantajava
" A's outras Ninphas de infernal belleza ;

E Plutaõ junto d'ella muitas vezes
Das fadigas do Trono se esquecia.
Até ao vêla o duro Rhadamanto
" Se diz que os féros olhos ameigava ;
Mas era van, travessa ; e sem desvelo
Tinha educado o Filho, que imprudente
" O segredo fatal revéla quando
" Já entre os meigos braços a May terna
" Reconduzia a suspirada Filha.
Indignou-se do Erebo a Soberana,
E nas agoas do torvo Phlegethonte
Ensopando flexivel tenro hysope
" Lhe aspergio a cabeça, que disforme
" E emplumada ficou : a um lado e outro
" Seis recurvadas pennas se levantam,
" A's humanas orelhas parecidas.
Quiz falar, e do rostro adunco rompem
Somente tristes agoireiros pios,
" Que frequente com rouca voz repete.
" Vai os braços mover, e sobre os ares
" O levantam pintadas longas azas
De pardo-escuro, e ruivo colorido.
Em vez de pez só dedos guarnecidos
Acha de agudas encurvadas unhas.
Desde entaõ as nocturnas sombras ama :
E do Averno fugindo sobre a Terra
O vôo dirigio, onde lhe chamam
Môcho persago de funestos males.

Ora habita edificios carcomidos,
Ora cavernas de medonhas rochas,
Ou cavos troncos de arvores antigas.
Sempre nos montes vive, e preguiçoso,
O unico sinal, que testemunha.
" Sua antiga grandeza, he a vaidade
" Com que em ninhos alheios depozita
" Os proprios ovos, para ver sem custo
" Prosperar a voraz infausta prole.*
Apezar da preguiça, que lhe acanha
Os brios, muitas vezes por morada
Escolhe as terras, onde Marte ostenta
" Já fereza selvatica indomavel,
" Já discreto valor, e arte engenhosa,
E na patria aparece dos Gustavos,
" Ou lá no Canadá quazi dezerto.
" Nem duvida assentar nocturno poizo
Na fertil regadia Carolonia
Onde a face do homem brilha ufana

* He abuzo inveterado entre os Portuguezes, assim Europeos como Americanos, dar a crear seus filhos a Escravas ou Amás mercenarias: naõ tanto pelo dezejo de libertarem as proprias molheres do incomodo de amamentarem os filhos, como pela fatuidade de ostentarem educaçaõ diferente da do povo baixo e mizeravel. E he esta preoccupaçaõ tanto mais forte quanto menos tempo ha que as Familias que a adoptam sahiram d'aquella Classe, com a qual a sua actual riqueza as leva a pertender naõ confundir-se: ou da qual só se distinguem pelos bens que possuem.

" Com as feiçoens da nobre independencia.
Viver naõ lhe apraz menos nas Antilhas:
Mas como se intentára disfarçar-se
" Em acanhado corpo, se assemelha
Ao Cuco detestado dos Espozos,
Bem que este facilmente se distingua
" Porque menos disforme move as lizas
" De variada côr lustrosas pennas.
" Aos lados da cabeça uma só pluma
" Se lhe diviza, a qual mui mal imita
" O talhe auricular. Contam que fora
" Da Etruria n'outro tempo Rey potente,
" Dotado de belleza sobrehumana,
" De engraçados, afaveis meigos gestos,
" Que com força invencivel atrahia
" Os coraçoens mais rigidos e austeros.
" Sempre imbelle, jamais brandira lança
" Ou escudo embraçou, cingio espada;
" Só de Cupido na amorosa guerra
" Continuo se mostrou firme, e incançavel.
Alpinello era o nome do Monarcha.
* Da poderosa Venus protegido,
* Que devoto podéra ornar seus Templos
* Com mil padroens de insolitos prodigios,
* Oprimido dos annos, e coberto
* Dos loiros triunfaes do Deos de Gnido,
* A' Deosa péde com instantes rogos,
* Que lhe conserve o ser, e a forma mude

* Em ave graciosa, cujo canto
* Seu nome e seus triunfos recordando,
* A fama perpetue das ditosas
* Continuas oblaçoens, que lhe offertára.
* Ouvio a Deosa a suplica devota ;
" E em premio de seu merito o transforma
" N'aquella ave maligna conhecida
" Pelo nome de *Cuco*, que inda agora
" As vivas fantazias atormenta
" De ciosos Amantes indiscretos,
" Pintando n'ellas mil vizoens funestas
" De torpes scenas perfidos enganos.
" Assim vagando de um em outro clima
" Chegou té ás austraes mizeras terras,
" Firme morada em todas assentando.
" No fecundo Brazil, onde seu corpo
' Apoucado se mostra, o nome troca
" Em Caburé ; mas mais formoso ostenta
" Grandes redondos amarellos olhos,
" Onde brilha central negra pupilla.
" A seu arbitrio abaixa ou ergue as plumas,
" Que em lateral postura a frente adornam,
" Quaes agudas, polidas, moveis pontas.
" Facilmente domestico e tranquillo
Nas cazas vive, aonde encontra abrigo.
Assim de Kolbe ao Cuco se assemelha,
" Que habita o procelloso promontorio,
" Onde Eólo soberbo se enfurece ;

" E aonde Adamastor com voz horrenda,
" *Que pareceo sahir do mar profundo,*
" Ameaçava o destemido Gama,
" Quando nas Indianas ricas praias
" Hia plantar as Luzitanas Quinas.
* Sublime Genio, que na mente fertil
* Do Sulmonense Vate despertaste
* O fogo animador, com que retrata
* Da Natureza as Obras e as mudanças,
* D'esse lume celeste na minha alma
* Sacode uma faisca, que avivando
* A já cançada frôxa fantazia,
* N'ella suscite imagens vigorosas,
* E nobres expressoens apropriadas
* Para cantar os cazos lastimosos,
* Os crimes descrever, e a iniquidade
* D'esses homens, que o Mundo chamou grandes,
* E grandes em maldades foram dignos
* De que o supremo Jove, em justa pena
* De suas horrorosas crueldades,
* Os convertesse em carniceiras Aves
* N'essas Aves sombrias, que só amam
* A escuridaõ das pavorosas trevas,
* E que apenas desponta no Oriente
* O claro Sol, benigno derramando
* Sobre a face da Terra a luz brilhante,
* Ao seu aureo claraõ promptas se occultam;
* Como temendo que as feiçoens disformes,

* Que o Céo aos crimes seus apropriára,
* Patentes façam as paixoens horriveis,
* Que em seus peitos ferozes inda abrigam,
* E que expostas aos olhos dos humanos
* Os tornem detestavel digno objecto
* Da execraçaõ e do geral desprezo.
" Posto que semelhantes na figura
" A's descriptas té aqui, nenhuma off'rece
Na alizada cabeça leves pennas
De forma auricular, e com diversos
Desenhos as distingue variamente
" A rica inexhaurivel Natureza.
" Alvo corpo lhes deu, e as brancas azas.
" Com fuscas separadas, curvas malhas,
" A's vezes adornou ao duro Harfango,
" Que mais grave, e avultado do que o Bufo,
" Distincto d'este fez, naõ sem motivo.
Tu o sabes, oh Dania, pois trocado
" Viste na forma d'esta feroz ave
" Esse brutal Monarcha deshumano,
" Que de sangue te encheo, te encheo de horrores
" O infame Christierno, que de Néro
" Teve a maldade, e mereceo o nome.
" Agora só habita, e só levanta,
" Pezado e carrancudo, o triste vôo
" Nos paizes, aonde o frio intenso
" O natural instincto lhe entorpece ;
* E aonde sombrio e carregado,

* Oprimido parece da lembrança
* Das passadas perfidias e cruezas.
" Nos climas boreaes do novo Mundo
" Tambem tomou assento ; mas só ouza
" Raramente pouzar no chaõ ditoso
" Que de Franklin o genio sobrehumano
Salvou das iras do celeste raio,
E dos furores do Britano altivo.
Mais livre e menos fera em toda a Europa
A Coruja revôa, aprezentando
Quaes os dentes da serra cortadora
As pennas principaes, com que parece
Remar, quando divide os mansos ares,
" E nelles bate as preguiçosas azas.
" Fusca desagradavel côr lhe afea
" O corpo de mil plumas estofado.
" Em vaõ nos encovados olhos brilha
" O iris negro ; n'elles se diviza
" Da oleosa Avelan a côr sombria.
" Em espessos silvados se agazalha,
" Ou nas copadas arvores, e d'ellas
" Nas abertas musgosas cavidades
" Durante o dia frôxa se recolhe,
" Mal entra o Sol nos invernosos signos.
" Entre os gemidos funebres, que exhalas
" Oh triste Noitibó, lá se distinguem
" Os rangedores gritos, que do centro
" Dos Cemiterios lugubres espalhas,

" Pavoroso tremor, gelado susto,
" Derramando nos peitos indiscretos
" Dos ignorantes crédulos humanos,
* A quem a fé estúpida inda oprime
* De fatidicos, vaõs, negros agoiros:
* Agoiros que de Roma prezidiram
* A' baxa fundaçaõ, e que no tempo
* Da sua collossal grandeza ainda
* As guerreiras emprezas dirigiam;
* Mas que hoje os mesmos Scipioens e Emilios,
* Respeito e pasmo do Universo absorto,
* Só de rizo ou de dó dignos fariam.
* Tanto pode do Tempo a dura lima;
* E da Razaõ a plácida cultura!
" O teu dorso amarello, aonde ondeam
" Pardas escuras manchas, de ordinario,
" De brancos lindos pontos salpicados,
" Gentilmente realça, contrastando
" Com a alvura do corpo, e com o rostro,
" Que negro he só na ponta aguda e curva,
" Com que feres e matas os coitados
" Mizeros passarinhos innocentes,
" E com que fazes implacavel guerra
" Aos damninhos, subtis, timidos Ratos.
  " Foi nesta Ave mesquinha, pregoeira
" De funereos dezastres, que o Destino
" Transformou esse hypocrita cruento,
" Dissimulado, perfido Philipe,

* Que atropelando as Leis da Natureza,
* Insultando a Razaõ, e a Divindade,
* De fogueiras cobrio, cobrio de luto
* A desgraçada Hespanha, que falsario
* Accuzador e algôz do proprio Filho,
* Para a Espoza roubar-lhe, á morte o entrega,
* Simulando da Fé zelo exaltado,
* Que em sua alma preversa jamais coube,*
* Feroz, ambicioso, insaciavel,
* Que zombanda sem pejo nem disfarce

---

* Se Philipe II de Hespanha occazionou ou naõ a morte de seu Filho, o desgraçado Principe D. Carlos, he ponto historico ainda controvertido; e que pelas dificuldades que os Escriptores Hespanhoes deviam encontrar em produzir as provas que o verificassem, e até pelo temor de o fazerem, he de esperar que fique para sempre duvidoso. Naõ obstante porem que a divulgaçaõ de uma tal voz, e de uma taõ horrivel imputaçaõ, combinada com o caracter bem conhecido de Philipe II, façam assás verosimil a sua realidade; eu naõ tenho em vista neste logar corroborar os fundamentos da credibilidade d'este facto: limito-me a fazer sensivel o horror que uma tal acçaõ deve naturalmente inspirar. Poetas naõ saõ Historiadores; aproveitam-se da Historia, alteram-na, e até fabulam para introduzir em seus poemas as ideas que podem dar-lhes realce; avivando nos coraçoens de seus Leitores o amor da virtude, o horror do crime, e em geral todos os sentimentos nobres e generosos. Se esta permissaõ he dada a todos os Poetas, como poderá negar-se a um Portuguez amante da sua Patria, e pessoalmente obrigado aos seus Soberanos quando procura augmentar o horror de um Principe estranho, que oprimio essa Patria, e uzurpou os direitos d'esses Soberanos?

* Dos direitos dos Povos, que oprimia,
* Dilacerou cruel o manso Belga,
* E sujeitou com barbara perfidia
* A ferreo jugo o Luzitano bravo.
Tambem tu, oh Raynha deshumana,
Que em Philipe terias digno Espozo;
* Que impia precipitaste nos abismos
* Do Averno um após outro os proprios Filhos,
Tu que a noite medonha aparelhaste,
Em que Atropos, das Furias rodeada,
Armou do Fanatismo as maõs cruentas,
E de sangue banhou a França inteira,
Oh Medicis, indigna de tal nome,
Inda mortes e horrores respiravas,
Quando os Céos indignados te mudaram
Na mesma Ave nocturna, em que já fôra
Mudado o Filho horrendo de Agripina.
" Teu torto rostro, recurvadas unhas,
" Teu grito apupador e dissonante,
" Teus azulados olhos naõ consentem,
" Nem a terceira remadora penna,
" A qual ás outras todas se avantaja,
" Que com outra alguma Ave te confundas.
" Entre os Argivos *Glaux* foste chamada:
Menos exactos deram-te os Romanos
" De *Noctua* o nome improprio, nome vago:
" Coruja apupadora antes chamar-te
" Quizéra, ou derivar de teus apupos

Um nome imitador, e apelidar te
Chat-huan á maneira dos Francezes.
Oxalá que eu podesse apropriar-te
De *Tuidará* o nome, que dezigna
O *Noitibó* na armoniosa Lingoa
Do preguiçoso afavel Brazileiro.
Com diversas feiçoens, diverso nome,
O Noitibó e o Chat-huan habitam
Naõ só na desabrida Scandinavia,
Mas nos Climas aonde o Sol dardeja
Com mais calor os incendidos raios.
Comtudo de Cayana por tal modo
No terreno fecundo e apaulado
O Chat-huan varia, que parece
Nova especie formar, offerecendo
* A' vista estranhas variadas cores :
O bico côr de carne, as unhas negras,
Os olhos amarélos, e a plumagem
Ruiva e mui subtilmente atravessada
De escuras riscas, que no dorso e peito
E no ventre lustrosas se devizam.
Tambem move amarélos feios olhos
A *Ulula*, que só vive nos rochedos,
" Entre ruinas e ásperas pedreiras,
" Ou ingremes pendentes penedias,
E sempre melancolica e sombria,
" Nas solitarias brenhas busca azilo.
" Seu corpo, que por cima he branco e fusco

" Os traços aprezenta, que figuram
" Ligeiras ondulantes vivas chamas.
Distingue-se tambem porque na cauda
As pennas, que a guarnecem, e qual leme
" O vôo lhe dirigem, matizadas
" Saõ de rectas, subtis, candidas riscas.
" Estas tambem a cauda aformozeam
" Da Estrix do Canadá, mas mais delgadas
" Frôxamente alvejando lá se avistam
Sobre a ponta nas pennas entremedias.
" Sua erguida cabeça negra no alto
" De alvos pequenos pontos he manchada,
" Imitando do corpo as brancas malhas,
" Que sobre a parda côr nitidas brilham.
" Na parte anterior seu rostro alveja,
" Em tanto que nos olhos lhe scintila,
" O amarelado iris reluzente,
" Que do doirado goivo a côr imita,
" De florentes Jardins cheiroso ornato.
" E como és facilmente conhecida,
" *Zueta*, ou antes *passariño Mocho!*
" Qual outra Ave aprezenta a nossos olhos
" Cinco distinctos laivos que branquejam
" Em regulares fitas alinhados?
" Teu encurvado bico he amarelo
" Na ponta, mas escuro sobre a baze.
" Teu corpo iguala apenas em grandeza
" O do canóro sibilante Melro.

" Dest'arte a rica e sabia Natureza
" Em continua cadêa os seres liga,
" Que no Globo espalhou, mas que dispostos
" Aos olhos do Zoologo discreto
" Em ordem regular, por diferenças
" Taõ tenues se distinguem, que parece
" Que ella quiz, graduando subtilmente
" As transiçoens de uns seres para os outros
" Por insensiveis passos, n'um só todo
" Immensos todos reunir distinctos.*

---

* O pensamento que desenvolvi nestes dez versos acha-se no original expressado da maneira seguinte:

He assim que a sublime Natureza
Com laço inteligente os corpos une,
Que no Globo espalhou, desde os maiores
Até os mais escassos e mesquinhos.
Por mil modos os une, e prende todos;
Até leves nuânças forma e assombra,
Com que feiçoens diversas misturando
Finge unir n'um só ser diversos seres.

Determinei-me a substituir aquelles a estes versos, alem de diversas consideraçoens faceis de perceber, a quem sabe avaliar a armonia de versificaçaõ, e tem verdadeiro conhecimento da Lingoa Portugueza, por naõ me animar a introduzir nesta o termo Francez *nuança*, de que alias muito carecemos. Entretanto, para que o exemplo de um homem de tanto espirito, saber, e gosto, como o Autor d'esta singular compoziçaõ, naõ falte a algum bom engenho Portuguez dotado da rezoluçaõ que eu naõ tenho, transcrevi a passagem que por timido

" Assim de Hudson se vê na funda e vasta
Bahia revoar a Ave que imita
O Gaviaõ no bico, e audaz empolga
Em pleno dia a desgraçada preza:
" Distingue-se mui pouco na cabeça
" E nos pez da lucifuga Coruja.
" Caperacock he o nome que lhe deram
* De raizes Britanicas formado :
" A varia côr das pennas a distingue;
" Negras no alto saõ da erguida fronte,
" De candidos salpicos misturadas.
" As que dos cotos pendem sobre as azas
" De riscas transversaes saõ adornadas
" Já brancas, já escuras ; mas entre ellas
" As trez que ao corpo mais vizinhas ficam
" Só de candidas orlas saõ bordadas.
" Longas escuras manchas se divizam
" A parte inferior atravessando
" Da garganta, e ornando o ventre os lados,
O musculoso peito, e as leves pernas.
" Entre as compridas pennas, que lhe formam
" As azas, a primeira he toda escura,
" Sem orla ou branca malha, que a belleza
" Lhe realce : tambem nisto imitando

---

alterei. N'ella e na que lhe substitui persuado-me que se encontra quanto basta para fundar sobre este ponto a deliberaçaõ de qualquer Escriptor discreto, que se sinta com forças de formar authoridade.

" As ferozes carnivoras Corujas.
Nas tortas aguçadas unhas segue
Das outras Aves de rapina a forma.
" Nesta feiçaõ, ou antes ofensiva
" Arma, nenhuma outra a Natureza
" Distinguio com figura menos curva
" Do que o sórdido Abutre, que do Tigre
" A força em proporçaõ e a sanha iguala.
" De pennas a cabeça despojada,
" De dura nua pelle guarnecida,
" Na parte anterior os olhos mostra
" A' flôr da face vivos scintillando.
" A lingoa ao comprimento dividida
" Por um direito rego, e levantada
" De um lado e de outro lado, na dureza
" As rijas cartilagens igualando,
" De uma calha a figura reprezenta,
" Por onde a agoa no ventre se lhe entorna.
" O collo tem despido, e mal apenas
" De macia penugem se guarnece,
" Por entre a qual de quando em quando erguidas
" Raras grosseiras cerdas se aprezentam,
Inclinada postura sempre toma
" Carregado e sombrio; bem mostrando
" Neste ingrato pendor a indole fera
" Do seu cruento genio, e duro instincto.
" Menos ferino, ou antes menos forte,
" Lançando aos ares lamentosos gritos,

" Ante meus olhos vejo o Perenoptero
" Habitador dos levantados montes
" Que ouzado atravessou o grande Annibal,
* Quando o tremendo vóto executando
* A que Amilcar seu Pai o persuadira,
" Entrou na amena Italia, e ante as hostes
" Dos Penos fez tremer o Capitolio.
" Tambem na Grecia vive, onde as Sciencias
" N'outro tempo existiram de maõs dadas
" Com Leis, que a liberdade asseguravam,
" E onde agora a Ignorancia só domina
* Do Despotismo Filha, Irman, e Espoza.
* Nesta terra infeliz, onde calcadas
* Saõ as cinzas de Phocion e Aristides
* Aos péz de viz Eunuchos, e de rudes
* Orgulhosos Baxás, a quem distingue
* A cauda triplicada, insignia propria
* De brutaes ignorantes Potentados;
* N'esta terra, que as lágrimas promove
* Dos homens entendidos, solta o vôo
Depois de repetidos vaõs esforços
" O pezado choroso Perenóptero.
" As pennas principaes, que ao ar o elevam
Na externa margem saõ de branco tintas,
Excepto quatro ou duas, que se assentam
Como primeiras sobre as mais que as seguem,
E que uma mesma côr constantes guardam.
Das asquerosas ventas lhe dimana

Continuo, mal cheiroso humor nojento.
" E quando sobre os rudes pez se firma,
" As azas frôxo mal fechadas deixa,
" O que os outros Abutres de ordinario
" E carniceiras Aves tambem fazem;
Signal de laxidaõ, que lhes repassa
O peito vil, aonde se reunem
Cobardia e cruel ferocidade.
" Eis a forma horrorosa e desprezivel
" Que em castigo de teus nefandos crimes
" Os sempre justos Ceos te destinaram,
" Oh triunviro infame, que escondendo
" A tua natural indole féra
" Debaixo de estudadas aparencias
" De modestas virtudes, que naõ tinhas;
Com aleivosa boca profanando
De Cidadaõ Romano o nome e a gloria,
" Os grilhoens apertaste á tua Patria,
" E os filhos dos Valerios e dos Grachos
" Submeteste a teu jugo vergonhoso.
* Em vaõ das castas Muzas procuraste
* O abrigo protector, em vaõ fizeste
* Que nas suaves Cytharas soassem
* Dos Cantores de Mantua, e de Venuza,
* Em lizonjeiros sons teus mentirosos
* Falsidicos louvores: naõ poderam
" Suas vozes sonoras libertar-te
" Da ignominia indelevel, do ferrete

" Eterno, a que severa te condemna,
" Por tuas proscripçoens impias e obscenas,
" A Razaõ, cujas vozes reforçadas
" De geraçaõ em geraçaõ transmitem
" Teu nome com horror ao Mundo inteiro.
Em vaõ a dignidade veneranda
De Tribuno e de Consul ostentavas,
* Fingindo respeitar o que outro tempo
* Do Orbe inteiro respeitado fôra.
" Em vaõ com reflectida e simulada
" Moderaçaõ prudente, os parecêres
" Escutavas de Agripa e de Mecenas,
Para saber se o sceptro deporias,
" Ou se da Patria o bem inda exigia
" Que em tuas debeis maõs o retivesses.
" Por entre o véo, que astuto pretendias
" Lançar á uzurpaçaõ, que exercitavas,
" Reverberava o plano ambicioso,
" Com que o grande edificio da Romana
" Antiga liberdade demolindo,
Meditavas cobrir de frias cinzas
Dos Brutos, e Catoens, os quentes restos.
Inda quando os teus dias só manchasse
O crime de chamar de Roma ao Trono
O feroz refolhado torpe filho
Da enganadora Livia, e ter formado
D'esta arte o anel primeiro da medonha
Detestavel cadea de Tyranos,

Que o Mundo por mil modos flagelaram,
* Em quanto despreziveis e odiosos
* Do mesmo Mundo aos olhos se faziam,
Este só crime te fizera digno
De seres transformado em feio Abutre.
" Inda na maõ a penna sustentavas
" Com que havias no docil pergaminho
" Escripto o fatal nome do cruento
" Estúpido Tiberio, quando a Deosa,
Que de Jove nascêra, e de Minerva,
A Deosa, que dictou as Leis sublimes
De Lycurgo immortal, e longo tempo
Do Capitolio ao Fado prezidira,
As unhas te aguçou, e acceza em ira,
Denegridas as fêz e recurvadas:
O iris te pintou nos fêros olhos
Com amarella côr avermelhada:
" A cerulea cabeça, e o collo apenas
" De alva penugem te cobrio; e pôz-te
" Por baixo de pequenas brancas pennas
" Uniforme coleira pouco airosa.
Falar quizeste, e os beiços alongados
Em negro adunco rostro se tornaram,
Que só na torta ponta um pouco alveja.
No peito te imprimio escura mancha,
" Que parece imitar no seu contorno
" De um coraçaõ a forma, e que somente
" Em sua côr retrata escura e triste



De teus concelhos o fatal negrume.
Negou-te em fim nas azas e no corpo
As proporçoens de um talhe airoso e nobre:
E rasgando-te a máscara de todo,
Manifestou teus baixos sentimentos
" Dotando-te de instincto sanguinario,
" Que disfarçar naõ podes, e te obriga
A faminto buscar por toda a parte
Cadaveres immundos e corruptos,
* Que te aplaquem a fome insaciavel
* De carnagem e sangue, que animára
* Teu peito imbelle em quanto vivo foste.
* Mas já vejo no lucido orizonte
* Por entre as brancas nuvens apontando
* O amoroso claraõ da rôxa Aurora.
* Já oiço o doce armonioso canto
* Dos lédos passarinhos, que annunciam
* A magestosa apariçaõ de Phebo.
* Já o Deos que viziveis faz as cores
* As trevas afugenta, dardejando
* Do fulgurante rosto a luz que infunde
* Nos coraçoens humanos alegria.
* Suspende, oh Muza, o doloroso canto,
* Que nos lúgubres tons da Eolia Lyra
* Benigna me inspiraste: as aureas cordas
* Da Cythara divina aos tons alegres
* Acomoda de novo: aos indignados
* De trovejante voz duros accentos

* Succedam amorosas meigas notas
* De suave expressaõ: as lindas Aves,
* Cujas vozes escuto estaõ pedindo
* Cantos, onde os Prazeres, onde as Graças
* Rizonhas resplandeçam, e onde o premio
* Das Virtudes se veja retratado
* Com aprazíveis cores, que despertem,
* E arreiguem n'alma os puros sentimentos
* Da compassiva meiga humanidade,
* E da amavel geral beneficencia.
* Por um pouco esqueçamos os horrores
* De cruezas, perfidias, e impiedades,
* Com que monstros, naõ homens, deshonraram,
* E afligiram a triste humana Raça.
* Dos bons as acçoens nobres recordando,
* As tintas e os pinceis aparelhemos
* Para quadros traçar, que ao Homem fraco
* Animem na carreira da Virtude,
* E que esperar lhe façam mais ditosos,
* Mais prosperos alegres mansos dias.



NOTA.

ESTA singular compoziçaõ, cujo árido assumpto (ao menos encarado no systhema da Natureza do célebre Linneo) parecia inteiramente fóra do alcance da Poezia, foi emprehendida pelo homem de mais vastos talentos e mais exemplares virtudes que tenho conhecido, pelo meu intimo e verdadeiro Amigo o Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, quando na primeira flôr da mocidade as suas faculdades intelectuaes, já assás desenvolvidas pelo processo fisico da Natureza, começavam a ganhar o lustre e o vigor que só a sua aplicaçaõ séria ao estudo das Sciencias e da Literatura tem o poder de dar-lhes. No primeiro impulso do seu genio verdadeiramente original foi este parto do seu entendimento levado pouco mais ou menos a metade da extensaõ, em que elle o deixou por sua morte ainda incompleto. A sua mudança do estado Secular para o Ecleziastico, fructo de uma naõ só verdadeira mas, naõ vulgar vocaçaõ, o determinou a por de parte todas as Obras de Poezia profana, que havia emprehendido; e esta cahio portanto em perfeito esquecimemento como muitas outras. Passados alguns

annos tornou elle comtudo, a instancias minhas, a lançar maõ de novo d'este trabalho, e o conduzio até a metamorphoze de Octaviano em Perenoptero, que por mim lhe fôra sugerida. Como este segundo impulso do seu espirito teve origem na condescendencia com a amizade e naõ em a voz do genio, que primeiro lhe suscitára a idea de dar em verso uma descripçaõ das Aves segundo o systhema de Linneo; o seu rezultado naõ foi taõ feliz como o do primeiro; e facilmente perdeo o Autor segunda vez a vontade de acabar a Obra. D'aqui rezultou que naõ cogitando mais de polir o que tinha feito, a deixou em tal estado de imperfeiçaõ, que a fazia pouco digna de sahir á luz publica. Comtudo eram tantos os rasgos de genio transcendente, tantas as belezas poeticas, e tantas as dificuldades vencidas, que eu julguei dever, se naõ acabar, ao menos corrigir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, a bem do credito do Autor, e para honra da Lingoa Portugueza. Uzando portanto do direito que o mesmo Autor me havia dado sobre as suas compoziçoens poucos dias antes do seu falecimento, passei a cortar todas as passagens que me parecêram menos proprias, ou mais arredadas da beleza das que julguei dever conservar: introduzi alguns pensamentos novos, e dei a muitos dos antigos diversa forma e mais amplo desenvolvimento.

Naõ podendo porem desconhecer a inferioridade de

meus talentos relativamente aos do meu defuncto Amigo; e naõ sendo de justiça que as minhas imperfeiçoens e defeitos lhe sejam em tempo algum atribuidos, assentei de distinguir os meus versos, notando com o asterisco * todos os que naõ somente saõ meus mas exprimem pensamentos meus; e de marcar com o signal " todos os que sendo por mim compostos ou emendados, exprimem pensamentos que o Autor havia diversamente expressado.

Introduzi a segunda invocaçaõ que começa

Sublime genio, que na mente fertil
Do Sulmunense Vate despertaste, &c.

para marcar precizamente o ponto em que me vi obrigado a tratar quazi de novo o assumpto do Poema, sem desaproveitar comtudo os pensamentos, e até alguns excelentes versos do meu Amigo: e rematei o mesmo Poema com a descripçaõ da madrugada, termo constante da Noite, visto que este fôra o titulo dado pelo meu Amigo a esta producçaõ do seu Engenho; que eu dezejo transmiter á posteridade para credito das Muzas Portuguezas. A parte que nella tomei me autoriza para comprehendela nesta collecçaõ de meus toscos versos; que seria bem mais volumosa se a comparaçaõ de minhas poezias com as do meu Amigo me naõ tivesse determinado a queimar todas as de minha primeira mocidade, á excepçaõ de algumas Odes que a instancias d'este, e de outro do qual tambem a morte jâ me

privou (do Doutor Antonio Ribeiro dos Santos, Elpino Duriense), tornei a escrevêr de memoria por comprazer-lhes. Naõ he espirito de vaidade, he espirito de verdade o que me dictou este pensamento. Se a idade, e ás molestias que padeço, me permitirem ainda alguns momentos de socego no meio dos trabalhos inherentes á importante Comissaõ que o meu Soberano se dignou confiar de mim neste ultimo quartel de minha vida, procurarei aproveitálos em desempenhar a esperança em que deixo o público, de completar o fundamental pensamento d'esta Obra, dandolhe a descripçaõ das outras Ordens segundo o systhema de Linneo.



Impresso por T. C. Hansard, Peterborough-court, Fleet-street, Londres.

ERRATAS.

P.	*l.*	*Erros.*	*Emendas.*
1,	13,	desprendendos	desprendendo.
3,	20,	gerá	géra.
18,	18,	a Sol	o Sol.
47,	2,	a espirito	o espirito.
„	21,	Hrmonica	Harmonica.
63,	3,	ta to	tanto.
69,	17,	exaclamente	exactamente.
121,	5,	o devorante	a devorante.
127,	8,	do seus	de seus.
128,	9,	interpretas	interpretes.
169,	25,	coasiderada	considerada.
225,	13,	austere	austero.
„	22,	Expozas	Esposas.
234,	11,	zombanda	zombando.

